

COEXTENSIVIDADE: SOBRE AS NOÇÕES DE TEMPO NA EDUCAÇÃO

Por: Angélica Neuscharank

Orientadora: Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira

tempo tempo tempo
tempo tempo tempo
tempo tempo tempo

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA LP4 - EDUCAÇÃO E ARTES**

COEXTENSIVIDADE: SOBRE AS NOÇÕES DE TEMPO NA EDUCAÇÃO

Por: **Angélica Neuscharank**
Orientadora: **Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira**

Santa Maria, 2019

Angélica Neuscharank

COEXTENSIVIDADE: SOBRE AS NOÇÕES DE TEMPO NA EDUCAÇÃO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutora em Educação**.

Orientadora: Profa. Dra. Marilda Oliveira de Oliveira

Santa Maria, 2019

Angélica Neuscharank

**COEXTENSIVIDADE: SOBRE AS NOÇÕES
DE TEMPO NA EDUCAÇÃO**

Aprovado em 29 de março de 2019:

Marilda Oliveira de Oliveira, Dra. (UFSM)
(Presidente/orientadora)

Leandro Belinaso Guimarães, Dr. (UFSC)

Cristian Poletti Mossi, Dr. (UFRGS)

Alice Copetti Dalmaso, Dra. (UFSM)

Vivien Kelling Cardonetti, Dra. (UFSM)

Santa Maria, 2019



*À Marilda, pelas apostas que fizemos juntas,
bem como, pela generosidade, cuidado e seriedade com que me orientou.
A todos os meus familiares, em especial a minha mãe, ao meu irmão e ao meu pai,
por compreenderem as ausências, pelo apoio e amor.*

Vocês foram força propulsora de minha luta diária.

*Ao Ismael, por ser calma e refúgio nos dias mais tumultuados,
e a sua família, segunda morada nesse processo final de doutoramento,
pelas gentilezas com que me acolheram.*

*Ao atual e anterior grupo de orientação coletiva: Alice, Ana, Carín, Cauê, Cláudia,
Cristian, Cristine, Daniela, Denise, Francieli B., Francieli G., Juliana, Marcela,
Marli, Rafael, Rosenara, Sara e Vivien, pelas partilhas, um bando que fez meu pensamento
ganhar velocidade, aumentar minha potência de existir.*

*Aos/as meus/minhas amigos/amigas de longa data e aos/as mais recentes,
embora não nomeados/as, pelos momentos felizes, pelo apoio nos dias difíceis, pelos reencontros,
pelas conversas, pelos silêncios, olhares e abraços apertados.*

*Ao Programa de Pós-graduação em Educação, pelo suporte ao longo da formação acadêmica.
Igualmente à Universidade Federal de Santa Maria, pelas experiências e pela oportunidade
de fazer morada nessa instituição.*

Em um mundo onde o tempo é qualidade, os eventos são marcados pela cor do céu, o tom do sinal sonoro do barqueiro no Aare, o sentimento de felicidade ou medo quando uma pessoa entra em um recinto. O nascimento de um bebê, a patente de uma invenção, o encontro entre duas pessoas, não são pontos fixos no tempo, aprisionados por horas e minutos. Em vez disso, eventos deslizam pelo espaço da imaginação, materializados por um olhar, um desejo. Da mesma forma, o período que separa dois eventos é longo ou curto, dependendo do que antecede tais eventos, da intensidade da luz, do grau de luz e sombra, da visão dos participantes. Algumas pessoas tentam quantificar o tempo, analisar o tempo, dissecar o tempo. Elas são transformadas em pedra. Seus corpos ficam parados, congelados nas esquinas, frios, duros e pesados (LIGHTMAN, 2014, p. 72-73).

Tese de Doutorado
Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade Federal de Santa Maria
COEXTENSIVIDADE: SOBRE AS NOÇÕES DE TEMPO NA EDUCAÇÃO
AUTORA: ANGÉLICA NEUSCHARANK
ORIENTADORA: PROFA. DRA. MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA
Data e Local de Defesa: 29 de março de 2019, sala 3350

RESUMO

Esta pesquisa se propôs a operar com a noção de coextensividade, de modo a problematizar as ideias de tempo em educação, pensando-a a partir de um tempo aiônico, com os conceitos de duração, coexistência e eterno retorno. Para tanto, as torções conceituais que foram realizadas dizem respeito ao movimento de friccionar a educação junto ao pensamento das filosofias da diferença, e de autores como Gilles Deleuze, Félix Guattari, Henri Bergson e Friedrich Nietzsche. Como problemática traçou-se a seguinte questão: o que a coextensividade pode produzir como efeito com as noções de tempo numa pesquisa em educação? Assim, operou-se com a garimpagem como possibilidade metodológica, um movimento de seleção-criadora dos modos de existência de uma pesquisadora-docente em espaços-tempos provisórios, contando sobre as recolhidas afetivas de leituras, imagens, objetos, falas e demais heterogêneos que a capturaram, para compor com eles uma escrita. Um método que problematiza os modos como naturalizamos o pensamento que julga, que analisa, que sistematiza e que ignora o informe, o imprevisto, o incerto, o instável e o incalculável da vida. A tese dessa tese, portanto, ao articular os heterogêneos garimpados na pesquisa com um pensamento que circunda o ser do tempo, este que é tomado como organismo vivo e inacabado, devir de entidades vivas, orgânicas ou não, que se produzem por involução criadora, pensa uma educação na qual se abroham diferentes relações com o tempo, uma educação que é capturada pela cronologia mas também a faz vazar, inventando em meio a pontualidades e horas delimitadas intervalos para experimentar 'perdas de tempo criadoras'. Desvincula-se o tempo de uma linha retilínea, evolutiva e progressista que, portanto, não levará mais a um retorno triste de um passado e a uma apologia de um futuro, para desmanchar esses segmentos e pensar apenas em durações. É o tempo colado à vida, imperceptível aos olhos, assim como a respiração, mas axial para a existência.

Palavras-chave: Coextensividade; Tempo; Imagem; Garimpagem; Educação.

PhD Dissertation
Graduate Program of Education
Federal University of Santa Maria
CO-EXTENSIVITY: ON THE NOTIONS OF TIME IN EDUCATION
AUTHOR: ANGÉLICA NEUSCHARANK
ADVISER: MARILDA OLIVEIRA DE OLIVEIRA, PhD
Date and Place of Defense: March 29, 2019, room 3350

ABSTRACT

This research proposed to work with the notion of co-extensivity in order to problematize the ideas of time in education, thinking of it through an anionic time, with the concepts of duration, coexistence, and the eternal return. The conceptual twists developed are related to the movement of looking to education along with the reasoning of the philosophies of difference by authors such as Gilles Deleuze, Félix Guattari, Henri Bergson, and Friedrich Nietzsche. As research problem, the following question has been established: what can co-extensivity produce as effect with the notions of time in a research in Education? Thus, the process of mining has been used as a methodological possibility, a creative selection movement towards the modes of existence of a researcher-teacher in provisional space-time, telling about her affective collection of readings, images, objects, speeches, and other heterogeneity that would capture her to compose a writing with them. This is a method that problematizes the ways we naturalize the thought that judges, analyzes, systematizes, and ignores the shapeless, unpredictable, uncertain, unstable, and incalculable in life. The thesis in this dissertation, therefore, by articulating mined heterogeneous in the research as a thought that surrounds the time being, taking it as living, unfinished organism, becomings of living entities (organic or not) produced by creative involution, thinks an education in which different relations with time are sheltered, an education that is captured by chronology but also extrapolating it, inventing intervals within punctualities and specific hours to try out 'creative time losses'. Time is detached from a straight, evolutive, and progressist line that will not lead to a sad return of a past and the apology to a future, so that these segments are broken to think only on durations. This is time attached to life, imperceptible by the eye just like breathing, but axial to existence.

Keywords: Co-extensivity; Time; Image; Mining; Education.

SUMÁRIO

- Tic-tac: por que o relógio te incomoda tanto?

[perguntou *Chronos*] 13

Das pesquisas que me movimentam 24

Garimpos, garimpagem, garimpando... 31

Coextensividade 41

Uma ontologia do vivo – conexões entre Deleuze e Bergson 52

“The time is out of joint!...” 60

Devir e a involução criadora 76

Heterogêneos: materialidades 87



Heterogêneo 1 – perdendo tempo em uma aula	88
Heterogêneo 2 – a passagem do tempo...	92
Heterogêneo 3 – acontecimento...	96
Heterogêneo 4 – encontro com moedas...	99
Heterogêneo 5 – estética da existência...	102
Heterogêneo 6 – dos tempos que (se) esgotam...	106
Heterogêneo 7 – a criação de um dicionário	111
Heterogêneo 8 – questões disparadoras para pensar o tempo	115
Heterogêneo 9 – Coletivo: Grupo Poro	123
Heterogêneo 10 – Coextensividade de um grão de feijão... uma experimentação escolar...	128
Algumas considerações provisórias...	132
Referências	136



Tic-tac-entradas

- Tic-tac: por que o relógio te incomoda tanto? [perguntou Chronos]

Nesta tese, não escrevo sobre as mazelas da educação brasileira, sobre os desejos por encontrar ‘soluções’ para ela, não me interesse em realizar relatos, nem contar histórias que me enraizaram como docente, não me comprometo com o pertencimento a determinados lugares. Sem compromissos transcendentais e sob efeitos de esquecimento, levantei problematizações a fim de pensar em escolas, em docências, em educação, a partir de alguns lugares onde pude estar, de alguns esforços que fiz para abandonar cacoetes adquiridos ao longo dos percursos.

Desta maneira, algumas proposições advêm dos estudos realizados no mestrado, dos fios que ficaram soltos, dos nós desatados que deixaram interesses em produzir outra pesquisa. O atravessamento no tempo de alguns conceitos trabalhados na dissertação ressoaram nesta pesquisa, a saber: o conceito de aprendizagem como um encontro com signos¹, a partir da classificação que Deleuze (2006a) propôs aos mesmos, e da leitura da obra literária de Proust “Em busca do tempo perdido”². Na ocasião, algumas definições me saltaram aos olhos, tal como a possibilidade de pensar as relações dos signos e dos sentidos com o tempo.

O que Deleuze opera nesses estudos em relação à noção de aprendizagem, muito afetado por Espinosa, foi um aprender pelo corpo, pelos poros e por quaisquer orifícios que ao se arejarem, pudessem ampliar a zona de contato entre os corpos. Perpassar primeiro um sentir, depois buscar significar (ou não). Ser aprendiz da própria vida, mas não da que nos insistem em introjetar, isso porque a vida não é um suporte para o que acontece, mas é tudo o que acontece.

¹ “O que nos força a pensar é o signo. O signo é o objeto de um encontro; mas é precisamente a contingência do encontro que garante a necessidade daquilo que ele faz pensar. (...) Ora, essa gênese implica alguma coisa que violenta o pensamento, que o tira de seu natural estupor, de suas possibilidades apenas abstratas. Pensar é sempre interpretar, isto é, explicar, desenvolver, decifrar, traduzir um signo” (DELEUZE, 2006a, p. 91), (NEUSCHARANK, OLIVEIRA, 2018).

² PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**: No caminho de swann. Vol. 1. São Paulo: Globo, 2006a; PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**: À sombra das raparigas em flor. Vol. 2. São Paulo: Globo, 2006b; PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**: Sodoma e Gomorra. Vol. 4. São Paulo: Globo, 2008; PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**: A prisioneira. Vol. 5. São Paulo: Globo, 2011. PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido**: O tempo redescoberto. Vol. 7. São Paulo: Globo, 2013.

Assim, o filósofo divide as relações entre signos e tempo em dois grupos: tempo perdido e tempo redescoberto (DELEUZE, 2006a), mencionando que alguns signos nos levariam à perda de tempo por insistir em um pensamento recognitivo, repetir o que já era sabido, resgatar uma memória voluntária, mas que também nos ofereceriam um processo de errância e de propulsão ao aprendizado. Os outros nos fariam produzir um pensamento a partir do encontro com o inusitado, com o desconhecido, com uma força, conexões com coisas que não havíamos programado, uma memória que seria acionada, portanto, involuntária. E foi este segundo ponto que mais me interessou.

Algumas problematizações ficaram ressoando: como seria pensar as noções de tempo no campo da educação? De que modo poderia problematizar essas noções, visto que as mesmas perpassam tantas questões educacionais? Como fazer com que repensemos as normatizações e prescrições sobre haver um ‘tempo certo’ na educação? De aprender, de ensinar, de estar na escola, de pensar, de produzir, de responder, de avaliar... – e também para com a vida nas prescrições sobre trabalho, estudo, família, lazer... há ‘medida de tempo’ para tudo na nossa existência... como resistir a essas ditaduras temporais sem que nos culpemos pelos desvios dessas lógicas? O que pode fazer vazar o sistema que demarca a visão utilitarista do tempo, em prol de uma perda de tempo criadora?

Assim, atentar para outras tantas questões rotineiras da docência: como lidamos com um tempo de aula? Com a necessidade de ocupação e preenchimento do mesmo? Por que não há tempo para pensar no decorrer de uma aula ou por que este tempo de pensar é visto como improdutivo?³

É preciso dizer, e talvez seja pertinente afirmar nesta passagem, que algumas linhas da tese soarão como resistência às noções de tempo atreladas a uma sociedade industrial (relação fordista, fabril), onde a marcação temporal aparece correlata a uma fábrica pelo foco na produtividade. Reparemos no sinal sonoro que marca o início ou fim dos períodos na escola.

³ Problematizações suscitadas a partir de algumas experiências docentes em uma escola do ensino fundamental, na cidade de São Sepé, em 2016.

A própria etimologia da palavra escola, entendida de modo amplo, me fez pensar nas relações temporais presentes nesses espaços educativos, visto que, em sua origem “nas cidades-estados gregas, foi uma fonte de ‘tempo livre’ – a tradução mais comum da palavra grega *skolé* - isto é, tempo livre para o estudo e para a prática oferecida às pessoas” (MASSCHELEIN, 2014, p. 9). Ligada também à palavra ócio, ela designava tempo livre e era muito cultuada pelos gregos em consequência da valorização de uma vida contemplativa e de práticas do pensamento, distante das atividades laborais.

O tempo livre/ócio dos gregos se distancia cada vez mais dos dias de hoje, nos quais há uma certa lógica de otimização e preenchimento do tempo, considerando as sensações que isso pode ocasionar: um tempo que consome, que devora, um tempo que não temos ou que nos toma, um tempo em sua ligeireza. De algum modo vive-se uma relação metafísica com o tempo, que varia de acordo com as circunstâncias, contextos e usos. Desde os períodos mais remotos, formularam-se estratégias para escapar da transitoriedade da vida - que seria, por sua vez, o tempo em sua passagem.

Para tanto, a coextensividade adentrou a pesquisa como noção que foi pensada junto da escrita da tese e como possibilidade de experimentação das teorias que envolvem o tempo, fazendo delas movimento de criação de conceitos. Esta noção trata do que subsiste em dois ou mais momentos

ao mesmo tempo (espaços-tempos), e não diz respeito à sucessão e fragmentação do tempo, mas o considera como coexistente, desordenado, um tempo 'vital', de intensidades, a duração. Portanto, penso que possa tratar do que pulsa na educação, do inventar tempos: um tempo cuja 'potência' o esquema não dá conta e o sistema não controla.

Dentre as escolhas feitas, uma delas foi me aproximar da trama temporal criada por Deleuze em torno do que definiu como coexistência dos tempos. Para o filósofo, não se impõe uma única imagem do tempo, pois isto seria uma ideia insana, seria beirar o delírio diante de um tempo labiríntico, turbulento, caótico. Sua coexistência indica inspiração em Bergson e em outros filósofos, que fazem as escritas sobre o tema mudarem, assumirem novos contornos, a ponto de o leitor se perguntar se há uma teoria do tempo em Deleuze. Ainda assim, apesar das várias fontes que menciona e dialoga, cria uma problemática temporal singular (PELBART, 2007).

As leituras, os autores e os conceitos que escolhi dizem muito do posicionamento teórico-metodológico que assumi, do escopo pós-estruturalista que atuou como um sopro para produzir esta pesquisa acadêmica e que reverberou nos modos como a opere. Igualmente trabalhei com uma metodologia de produção de dados cuja experimentação iniciei no mestrado, denominada garimpagem (NEUSCHARANK, 2015). Na dissertação intitulada "Uma docência pela garimpagem: encontros com signos" procurei produzir um agenciamento entre a cartografia (um método já consolidado nas pesquisas qualitativas) e a garimpagem, um 'modo' agenciado cartógrafo-garimpeiro de fazer pesquisa.

Na garimpagem, método cunhado por mim como *modus operandis* desta investigação, o/a pesquisador/a está em constante movimento, produz uma escrita dos percursos, sempre em vias de se fazer e desfazer-se, pois não encontra um ponto fixo, apenas um local para garimpar. A maneira como vai compondo com as palavras e com as imagens diz muito das relações entre as linguagens, do modo de conceber o caráter discursivo da imagem e dos textos que podem materializar-se nas mesmas. Um não substitui o outro, não anula, não reforça, mas em relações de aproximação ou sobreposição, produz-se sentidos a partir das experimentações do/a próprio/a pesquisador/a, das conexões que vai realizando, ainda, do que tensiona, amplia e estabelece

como outras vias de acesso e de vazão ao texto, o qual, “ao receber as imagens que tomam essa outra posição, acaba se tornando também mais poroso, aberto, permeável a outros sentidos” (MOSSI; OLIVEIRA, 2018, p. 122).

Portanto, esse foi um dos esforços realizados quando garimpei palavras, experiências, objetos, imagens, pensando-os não apenas no intuito de construção de uma tese, mas como movimento, que, em meio à vida, perceberia as linhas pelas quais a vida estaria sendo tecida. “Permitir-se criar e experimentar uma ‘cartografia afetiva’ é um exercício político potente. Cada ambiente que nela se dá a ver transforma-se num espaço pessoalmente valorado, que se torna coletivo quando nos dispomos a compartilhar com o outro. É um exercício de relação, de troca de afetos, de delicadeza” (GUIMARÃES; PEREIRA, 2015, p. 75).

As imagens, a partir da perspectiva anunciada e assumida, foram pensadas enquanto potência inventiva que pudessem disparar o pensamento (DELEUZE, 2006a), como possibilidade de olhar para a educação sob outras relações e temporalizações. Imagens e palavras como blocos de naturezas diversas. Palavras que não comportam em si, os efeitos provenientes das imagens. Imagens que não conseguem envolver tudo o que podem as palavras (MOSSI, 2017). Tratam-se de “superfícies que nada escondem, nada disfarçam, nada camuflam e, portanto, nada está para ser lido, desvelado, decodificado” (MOSSI; OLIVEIRA, 2018, p. 123).

Uma das problemáticas levantadas por Mossi e Oliveira (2018) no artigo referenciado, comunga com as inquietações da tese em torno de pensar nos modos como as imagens poderiam ser utilizadas nas pesquisas em educação, “compreendendo que as imagens podem nos ajudar a formular problemáticas, a conceber métodos, a articular procedimentos, a construir argumentos, a operar com dados produzidos, dentre outras ações [...]” (p. 123-124). Assim sendo, as imagens que compõem a investigação são de minha autoria e, ao produzi-las, me desafiei a deslocar objetos, pessoas e situações do seu tempo ‘real’, a atualizar um passado e a realizar também um movimento de despersonalizar objetos, afastando-os da função comum de sua utilidade. Essa proposta também encontrou aconchego nos escritos de Didi-Huberman (2015, p. 15), na passagem em que menciona que: “sempre, diante

da imagem, estamos diante do tempo”, o autor provoca a pensar que tipo de tempo é esse. “De que plasticidades e fraturas, de que ritmos e embates do tempo poderia se tratar nessa abertura da imagem?” (*ibidem*).

Na obra mencionada, Didi-Huberman pensa o tempo diante da imagem a partir do anacronismo, isto é, a inexistência de concordância dos tempos, como um modo temporal de exprimir a exuberância, a complexidade e a sobredeterminação das imagens. Trata-se de uma montagem de tempos heterogêneos, na qual se propõe a pensar essa perigosa plasticidade que estabelece um estilo ou uma época para as imagens, nesse escopo estão principalmente as imagens históricas. “Propor a questão do anacronismo é, então, interrogar essa plasticidade fundamental e, com ela, a mistura tão difícil de analisar, dos diferenciais de tempo operando em cada imagem” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 23).

Estendo as provocações do autor para pensar também na história cristalizada em imagens, objetos e outras matérias ditas ‘antigas’, e o modo como o tempo é apresentado nestes. Sempre tive uma afeição para com objetos, utensílios, móveis e imagens de museus históricos, de guardados familiares, de antiquários, e foi no exercício de garimpar por entre espaços educativos e também fora deles, que esses ‘objetos antigos’ me escolheram. Ao falar em antigos, utilizo-desteme da definição cronológica de tempo para me referir a um momento anterior ao meu (apenas como uma medida convencional, que por ora, ajuda na escrita).

Convoquei para a pesquisa os seguintes objetos: um moedor de canela/pimenta feito de madeira, um conjunto de louças brancas de porcelana (com flores vermelhas), uma coleção de moedas (cruzados e cruzeiros) e uma ampulheta do tempo. Embora tenham surgido aos poucos de forma tímida e receosa, ao acaso de algumas visitas, um dos intuitos foi o de deslocar e atualizar esse tempo ‘demarcado’ nos artefatos. Portanto, não procurei investigar as origens, utilidades e funções, mas realizar outras aproximações. Nesse movimento, descobri diferentes histórias que a mim possibilitaram inventar memórias, ‘verdades’, visto que os familiares atribuíram diversos sentidos e vivências, respingados por afetos e suas relações.

Assim, numerei o que foi garimpado em dez heterogêneos, contendo os objetos mencionados, bem como, a experiência com os grãos de feijão, com as perambulações por diversos espaços (não só instituições educacionais) e os registros de: desgastes de superfícies e de esculturas alocadas em um jardim externo, obras de arte em exposições, frutas apodrecendo, que me dispararam a pensar na coextensividade. Algumas capturas ocorreram em espaços nos quais atuei como docente e na atenção às falas dos estudantes, garimpadas durante a investigação no período em que estive atuando no ensino superior (professora substituta do Departamento de Metodologia do Ensino do Centro de Educação na UFSM). Já as que se referem à EJA, são memórias revisitadas por mim, que foram registradas em um diário de aula, na ocasião em que estive trabalhando com a educação básica (professora do Estado do RS, na cidade de São Sepé).

Diante desses heterogêneos, me coloquei a pensar os encontros que tive, afetada com o que Didi-Huberman comenta como experiência do olhar: “nosso presente pode, de repente, se ver capturado e, ao mesmo tempo, revelado na experiência do olhar” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 16), trata-se do acontecimento do próprio ato de ver, do que se produz no ‘entre’.


Diante da imagem – por mais antiga que seja –, o presente nunca cessa de se reconfigurar, se a despossessão do olhar não tiver cedido completamente o lugar ao hábito pretensioso do especialista. Diante de uma imagem – por mais recente e contemporânea que seja –, e ao mesmo tempo o passado nunca cessa de se reconfigurar, visto que essa imagem só se torna pensável numa construção da memória, se não for da obsessão. Diante de uma imagem, enfim, temos que reconhecer humildemente isto: que ela provavelmente nos sobreviverá, somos diante dela o elemento de passagem, e ela é, diante nós, o elemento do futuro, o elemento da duração. A imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro que o ser que a olha (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 16).

O autor me fez pensar a necessidade de destituir a soberania do humano, o que vê e o controle que se quer produzir sobre a imagem, principalmente no que se refere as demarcações temporais. Didi-Huberman pondera que somos nós os elementos de passagem, e não a imagem que está diante de nós. Trata-se de uma imagem que tem memória em si mesma, e que, portanto, não está enclausurada em um espaço-tempo de nossa memória.

Sendo assim, as fotografias produzidas dos objetos, de lugares, de experimentações diversas, são extensões de coextensividades e dos movimentos de garimpar, efeitos de um tempo que passa e também fica suspenso, que paralisa e escorre diante das imagens produzidas, que coexiste e independe da história e de certa cronologia. Os não enquadramentos das imagens nas folhas dessa pesquisa, foram atos propositais de tentativas de libertar as imagens das amarras que as impõem contornos, deixar as imagens vazas para que outras formas sejam criadas com o que não se vê e não se sabe.

Ao traçar estas linhas iniciais da tese, cito também os efeitos das filosofias da diferença que propõe traçar planos de imanência e criar conceitos, como um ato de invenção, tal como a literatura, a arte e a ciência. Trata-se de uma proposta de incorporar o não filosófico ao filosófico, de opor-se ao modo de identidade e representação da filosofia clássica (DELEUZE, GUATTARI, 2010). A licença poética que fiz quanto ao termo coextensividade foi dessa ordem: me aventurar na consciência de uma não-filósofa, a experimentar e perceber o campo filosófico sob o olhar de quem transita pela arte e educação, pensar a educação e os movimentos de seleção-criadora dos modos de existência de uma pesquisadora-docente em espaços-tempos provisórios.





A problemática de pesquisa que me movimentou foi:
O que a coextensividade pode produzir como efeito com as
noções de tempo numa pesquisa em educação?

Das pesquisas que me movimentaram...

Considerando os conceitos centrais de minha pesquisa de doutoramento: coextensividade, tempo, educação, imagem e garimpagem, investiguei as produções acadêmicas datadas dos anos 2000 até fevereiro de 2019, nos seguintes repositórios: Banco de Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a fim de mapear algumas pesquisas que já foram realizadas e que pudessem dialogar com as proposições temáticas com as quais trabalhei no campo da educação.

Os conceitos foram pensados na área educacional a partir de algumas possibilidades apresentadas por Deleuze e Bergson em torno da concepção de tempo. Assim, busquei teses que pudessem dialogar com esta pesquisa, inicialmente a partir das palavras-chave e, em um segundo momento, de termos correlatos: coexistência, duração, subjetividades, acontecimento, fora, *aion*, memória.

Na busca por pesquisas que pensassem a concepção de tempo em relação ao pensamento da diferença, mais especificamente com um olhar para com a educação, encontrei um grande número de pesquisas que o vincularam ao cinema, visto que Deleuze pensou o tempo a partir do estudo das imagens fílmicas e, também, pelo fato de que o cinema tem sido um tema recorrente de estudo em campos como o da comunicação, da arte, das ciências sociais, da história, da educação, dentre outros.

Pude observar que as perspectivas teóricas que abordavam esta temática variavam, mas a ênfase de muitas era na proposta de análise e compreensão do cinema, a partir da noção de imagem-movimento (cinema clássico) e imagem-tempo (cinema

moderno), visando assim, a relação do cinema com: o contexto brasileiro, as políticas públicas, delimitações temporais (décadas), aspectos referentes à produção cinematográfica como enquadramento, narrativa, trilha sonora, efeitos especiais, bem como a escolha por um ou mais filmes para analisá-los.

Assim, me ative em garimpar teses que desdobrassem o conceito de tempo em Deleuze e em Bergson para traçar relações com a noção de coextensividade e com o campo da educação. Portanto, não me detive nas concepções sobre o tempo a partir do cinema, mas nas produções que contribuíssem para pensar a coexistência de tempos, as criações de temporalizações no contexto da educação e as possibilidades de trabalhar o tempo, as subjetividades e as imagens como potência inventiva.

Muitas das pesquisas que consideravam o conceito de tempo, a partir de Gilles Deleuze, Henri Bergson, Peter Pál Pelbart, dentre outros autores, o pensaram apenas sob o viés da filosofia, dialogando com conceitos oriundos desse escopo teórico, como: imagem-tempo, imagem-movimento, atual, virtual, imagem cristal. Desse modo, me pus a pensar em como produzir agenciamentos dessas teorias com o campo educacional. Com a produção de pensamentos sem imagem? Com os espaços-tempos do aprender, do pensar?

Cabe ressaltar que a concepção de coextensividade não foi tratada por Deleuze enquanto um conceito, foi uma noção trabalhada em mais de um livro e atravessada por algumas escritas de outros autores, principalmente para falar da teoria bergsoniana.

Dos achados:

- PIZZARO, Angelica de Britto Pereira. **Hábito, memória e acontecimento**: o problema do tempo em Deleuze.

Tese de Doutorado em Filosofia, defendida em 2012, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Aborda as seguintes palavras-chave: Deleuze; tempo; subjetividade; memória; repetição do futuro; acontecimento; singularidades.

A pesquisa investiga se a introdução do tempo no pensamento é o que permite Gilles Deleuze afirmar que o pensamento produz o novo. Nesse contexto, interessa-me os agenciamentos que a autora faz em torno do tempo, a partir das noções de hábito em Hume, memória pura em Bergson, e eterno retorno em Nietzsche, apresentando tais teorias para defender uma tese sobre como o pensamento acontece.

- MARTINS, Márcio André Rodrigues. **Projeto Civitas: (multi)(pli)cidades e as intervenções do tempo na sala de aula – Ensino fundamental.**

Tese de Doutorado em Educação, defendida em 2009, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aborda as seguintes palavras-chave: professor; prática pedagógica; ensino fundamental; Projeto Civitas; Experimentação; Intervenção; Tecnologia.

A pesquisa apresenta um olhar sobre a educação, mais específico sobre a formação de professores, por meio da problematização do que seria criar e inventar para além da reprodução de modelos. A natureza da pesquisa inicial parte da filosofia, e se aproxima de questões científicas, propondo um diálogo entre tais áreas. O que me interessa são essas experimentações que o pesquisador faz com a filosofia no campo educacional, apresentando várias possibilidades de como operar com tais teorias no contexto da escola, por exemplo. Ainda, o autor apresenta uma noção de tempo-invenção para pensarmos no tempo pedagógico, no tempo em sala de aula, o que me movimenta a pensar nas intenções da minha pesquisa ao tratar desses temas.

- BARRETO, Márcio. **O anacronismo do tempo:** um debate atual sobre Einstein e Bergson.

Tese de Doutorado em Ciências Sociais, defendida em 2007, na Universidade Estadual de Campinas. A pesquisa aborda uma visão ampla sobre o tempo, segundo duas perspectivas: científica e filosófica, problematizando as noções de senso comum que envolvem esse conceito. O pesquisador apresenta uma ampla pesquisa bibliográfica acerca da teoria da relatividade proposta por Einstein, das relações com a visão de Newton, e do pensamento filosófico de Bergson, para pensar um outro tempo, não mais

absoluto, mas anacrônico. De modo geral, a proposta contribui para pensar sobre a noção comum de tempo e como chegamos a esta, uma visão estabelecida e vigente na educação, naturalizada nos espaços educativos e no modo como os mesmos se organizam.

- GONTIJO, Pedro Erginaldo. **Nos caminhos de uma educação por vir: ressonâncias e deslocamentos em Deleuze.**

Tese de Doutorado em Educação, defendida em 2008, na Universidade Estadual de Campinas. Aborda as seguintes palavras-chave: aprendizagem; aula; controle; educação; Deleuze.

A pesquisa incita a pensar em uma proposta de escrita que insere o pesquisador nesses processos, pois segundo o próprio autor, a pesquisa se debruça a “explorar potenciais em Deleuze para pensar Educação. Começa com o próprio pensar sobre a experiência de encontros com Deleuze desse que escreve”. Interessa-me essa escrita pessoal, pela escolha metodológica que estou a operar, também pelas experimentações das filosofias da diferença em meio a educação, por maquinar com estas teorias junto as experiências educacionais. “Postula possibilidades de uma pedagogia com Deleuze. Margeia uma apropriação sobre a experiência discente e docente de Deleuze, bem como derivações de sua concepção de tempo”. Nesse caso, o pesquisador atentou para a relação do movimento do tempo ao tempo do acontecimento – *aion*.

- RIBEIRO, Guilherme Almeida. **O tempo stratigráfico dos sistemas filosóficos: Deleuze e a História da Filosofia.**

Tese de Doutorado em Filosofia, defendida em 2015, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Aborda as seguintes palavras-chave: Gilles Deleuze; História da Filosofia; Diferença; Acontecimento.

A pesquisa apresenta um olhar denso sobre as relações da teoria deleuzeana, e das filosofias da diferença, com a história da filosofia. Mapeia o pensamento de Deleuze, suas apropriações e conversas com outros filósofos e conceitos, em específico, suas divergências com a historicização, com os processos lineares e evolutivos. Apresenta assim, uma proposta de tempo pluralista, que inverte a primazia da origem em favor da perspectiva do acontecimento, que reorganiza, concebendo o problema do tempo

da história da filosofia em uma noção de coexistência. Dessa forma, a pesquisa possibilita pensar em uma outra relação de tempo e história que, por sua vez, dialoga com o conceito de coexistência que está sendo trabalhado na pesquisa em questão, adentrando nas aproximações que Deleuze realizou com a filosofia bergsoniana.

- FONTEBASSO, Maria Rosa. **A aprendizagem na educação de jovens e adultos:** o tempo fora dos eixos.

Tese de Doutorado em Educação, defendida em 2002, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aborda as seguintes palavras-chave: educação de jovens e adultos; desejo de aprender; tempo; diferença; singularidade.

Esta pesquisa foi realizada junto a um grupo de estudantes, EJA – Educação de Jovens e Adultos, visando problematizar os movimentos de “atualização” do desejo de aprender dos mesmos, em que a autora pontua que não seguem uma ordem cronológica, mas o desordenamento do passado, presente e futuro. A fim de trabalhar com o conceito de tempo, estabelece a partir da noção de duração em Bergson, um pensamento sobre a produção da diferença e da singularidade, imbricadas na criação do sujeito. Tais escolhas conceituais e o próprio grupo de estudantes, dizem muito da pesquisa que estou a produzir, visto que abordo algumas experiências com a educação de jovens e adultos para pensar outras relações com o tempo. Também dialogo com a escolha metodológica da intuição, adotada pela pesquisadora a partir das influências de Bergson, como uma abordagem que não busca apenas soluções, mas acompanha o movimento do pensamento, sem ter *a priori*, um modelo dividido em categorias, mas procurando vê-lo na linha de duração.

- HENRIQUES, Fernando Meireles Monegalha. **O atual e o virtual em Deleuze e Bergson.**

Tese de Doutorado em Filosofia, defendida em 2016, na Universidade Federal de São Carlos. Aborda as seguintes palavras-chave: atual; virtual; temporalidade; pensamento; ideia.

Trata-se de uma investigação sobre o par conceitual atual e virtual, de Gilles Deleuze e Henri Bergson, de modo que o pesquisador faz um apanhado sobre a temporalidade das três sínteses do tempo propostas por Deleuze em *Diferença e Repetição*. Para tanto, o autor apresenta os modos como os dois filósofos desenvolvem suas teorias e como delas fazem com que nos apropriemos do passado e do presente sob outras relações. Isso contribui para elucidar como estas noções poderão operar na pesquisa.

Diante das pesquisas que garimpei e que se relacionam com a perspectiva teórica e com o modo de operar com os conceitos de que me utilizei, me movimentei a pensar nas relações entre filosofia, arte, ciência e educação. Essa varredura que fiz, nos dois repositórios mencionados, também me possibilitou pensar o que se aproxima e o que diverge das intenções de pesquisa, a saber: uma investigação que se propôs a olhar para os processos que foram sendo traçados, diante das incertezas de um caminho metodológico cunhado junto à gestação da pesquisa; a escrita de noções ainda não pensadas, como a coextensividade, na aposta de produzir outros arranjos para os usos das imagens em uma pesquisa em educação; tornar poroso o que se sabe e o que se diz, segundo a disjunção de diferentes campos do conhecimento.



Garimpos, garimpagem, garimpando...

Foi experimentando, e não sem temor, que busquei dissolver minha claustrofóbica identidade, moldada num modo de existência que insiste em desqualificar o informe, o imprevisto, o incerto, o instável, o incalculável da vida. Exatamente com essas riquezas, consideradas refugio pela razão, procurei construir um abrigo existencial fluido, um espaço hospitaleiro aos meus estranhamentos, que cuidasse das transformações que vão se produzindo na subjetividade (PRECIOSA, 2010, p. 4).

Este capítulo da tese se preocupou em dar corpo a um método criado junto à produção escrita de uma pesquisa em educação. Uma docente-pesquisadora que se pôs a experimentar com a docência e pensar nas relações de forças do campo que traçou, bem como, do que escapou, do que a coextensividade pode produzir de abalos nas noções de tempo. Estes foram objetivos iniciais, por vezes deformados diante do arrebatamento de alguns encontros inesperados. Preciosa (2010) foi um deles.

Já nas linhas iniciais, fui capturada pelas palavras da autora, pois a garimpagem teria surgido das mesmas intenções mencionadas: problematizar os modos como naturalizamos o pensamento que julga, que analisa, que sistematiza e que ignora “as incalculáveis surpresas que podemos provar diante das ideias que nos surgem como rumores e nos engatam numa conversa infinita e invisível com o barulho paradoxal da vida se manifestando não em linha reta, mas de viés, trajando seus inacabamentos” (*ibidem*, p. 4), dissolver esse modo de existência que desqualifica o informe, o imprevisto, o incerto, o instável e o incalculável da vida, os quais denominei de heterogêneos; coisas que ainda não tomaram forma e sentido, e que talvez nem tomem, que não são classificadas por certo ou errado, preciosas ou descartáveis, binarismos pueris que nos levam a juízos de valor.

No garimpo, as melhores pedras são aquelas ainda brutas, e meu interesse esteve na heterogeneidade de cada uma, nos seus lados multifacetados, isso porque não houve preferência pelo que é normalmente entendido como precioso. Tudo pode vir a ser precioso, tudo que se mistura ao que se convencionou considerar precioso pode potencializar algo, e a preciosidade das coisas está nesses encontros que temos com elas, a preciosidade depende do encontro (NEUSCHARANK, 2015, p. 10).⁴

A garimpagem foi sendo produzida nos encontros que tive, pelos incidentes de percurso, pelos trajetos sem paradeiro e sem um destino a chegar. Sem uma mala em mãos, pois não era uma viajante, fui uma garimpeira de achados, que ia recolhendo o que encontrava: como guardar tantas coisas? Me perguntei inúmeras vezes, visto que nada era selecionado de antemão. Era um gesto amoroso e de atenção às coisas em que procurava não utilizar da inteligência no momento da recolha, pois se assim fosse, deixaria de ser heterogêneo para ser um diamante (significação, forma). Perderia a possibilidade de inventar um novo sentido, uma outra história e uma inusitada função para o que encontrara, conto a vocês que, por vezes, a pedra de calcário virou um galho, em outras um grão de areia, depois um punhado de terra. E assim as tramas das peneiras se desprenderam da circunferência que a arredondava, para se tornar um saco de guardados.

A procura não se dava em profundidade, mas na superfície dos garimpos por onde estive, pois o próprio cavar, recolher, não é um estágio preliminar. Por vezes, usei das narinas, e me senti um bicho farejando algo que não conhecia, outras vezes parei por algum tempo diante do solo para olhar a geologia das formas estratificadas, tempo do meu corpo que não sabe ser cronológico, e foi preciso sentir os tremores para perceber os sutis deslizamentos que haviam ocorrido.

Os momentos de sombra, e de descanso do labor, não foram tão potentes assim: eram momentos em que os sentidos estavam domados, já no desassossego “sentia como se fosse quase possível materializar o imponderável, o inquieto, o inabordável,

⁴Fragmento retirado da dissertação, onde foi realizada uma escrita das situações experienciadas na sala de aula. Trata-se de tensionamentos entre a ação da docente e da garimpeira.

toda a intensidade desse cotidiano em que transitava. Era um irreconhecível outro, que trazia consigo uma maneira experimental de pensar, de viver, de ousar” (PRECIOSA, 2010, p. 7).

Portanto, a garimpagem me fez pensar sobre o que chamamos de realidade: algo constantemente a ser construído e não simplesmente constatado. O mesmo com essa invenção do pesquisar garimpeiro: um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado, atravessado pelo corpo. Várias dúvidas foram se instalando ao longo da pesquisa: como colocar em funcionamento uma garimpagem? E de que modo este movimento pode potencializar uma pesquisa em educação?

Como falar da busca pelo precioso no garimpo, sem ‘condenar’ tal ação ou sucumbir a ela? Como falar de educação sem a intenção de salvação? Talvez em alguns momentos as condenações e salvações ainda possam aparecer, mesmo que não sejam intencionais, isso porque há um excesso de passado e há um excesso revolução na educação que quer acabar com tudo para estabelecer o novo; isso é ‘um osso duro de roer’, do qual é preciso desembarcar. Não mais se lamentar por cadáveres, mas tenho a sensação de que esse incômodo “foi um embrulho que nos meteram debaixo do braço e nos ordenaram: - cuide bem dele, não vá esquecê-lo por aí!” (PRECIOSA, 2010, p. 50).

Desejei, nesta pesquisa, problematizar as formas naturalizadas de perceber a preciosidade e as significações atribuídas à própria palavra, com a qual estamos acostumados; o campo semântico da palavra preciosidade é comumente associado ao bom, ao belo, ao agradável, aquilo que é preferível, ao apto. Propus que esse significado pudesse ser (re)visto. Nesse sentido, abandonei alguns territórios já conhecidos, para que outros pudessem me fisgar pelo estranhamento, por suas coordenadas incertas, irreproduzíveis, moventes, incapturáveis, por vezes, silenciosas.

Para tornar-me garimpeira foi preciso, também, não ter mais um rosto, uma biografia, nem uma rede de relações familiares. A garimpeira não se produz por metáfora, tampouco enquanto uma identidade ou profissão; talvez poderia dizer que foram os processos de sobrejustaposição (MOSSI, 2017) da docente-pesquisadora-ente que escreveu uma pesquisa em educação e a

compôs. Houve momentos em que “meu rosto se desarticulou da cara e das órbitas brotaram extensões” (PRECIOSA, 2010, p. 48). Eu diria que foram momentos raros, porque sair de uma forma de docente e de pesquisadora não é nada simples, mas senti que quanto mais aquela forma anterior era desmanchada, mais saturada de vida eu parecia estar.

Diria Preciosa (2010) que recolher com simpatia nossas ninharias, falhas, contradições, disparates, enfim, tudo que de residual a vida emana, pode entortar nossos projetos de continuidade, mas também nos possibilita “o intenso convívio entre a forma e o informe, o contínuo e o descontínuo, o fechado e o aberto de cada singular existência” (p. 12). Para tanto, meu movimento enquanto pesquisadora foi também de pensar e escrever sobre os processos de separação e de seleção, considerando que as substâncias que encontramos na natureza dificilmente são puras e estão isoladas. A começar por nós, quase todas são resultados das mais variadas misturas de corpos.

Para obter uma ‘substância pura’ é necessário um procedimento de separação, um ou mais processos, alguns deles são muito simples tais como coar café e filtrar a água. Já em casos mais complexos, como a separação de minerais de seus respectivos minérios, é necessário utilizar ‘facilitadores’, como: o ouro de aluvião encontrado no sedimento dos rios, que auxilia na retirada do metal através de um agrupamento entre os elementos para que alguns por serem densos fiquem depositados no fundo, enquanto os demais sedimentos são levados pelo rio.

Assim, dos processos mais simples aos mais complexos, para garimpar torna-se necessário o uso de algumas técnicas, de procedimentos e principalmente de mão de obra humana, visto que, a maioria dos garimpos (me referindo à profissão de garimpeiro) utiliza do trabalho manual (e exploratório). A promessa de uma mudança econômica na vida faz do garimpo um outro mundo, isto é, a esperança de uma nova vida o torna um mundo utópico, onde a extração é, de fato, uma verdadeira ‘caça ao tesouro’, pelo interesse em encontrar certas pepitas. Nessa busca, alguns processos são ignorados, tais como o solo e os demais elementos que aparecem ao longo da seleção, que são literalmente descartados.

Preciosa (2010) me fez lembrar que “nascemos dotados de uma forma que irá desaparecer. Somos cria de um exótico paradoxo: a energia do informe e a fome de forma, hesitante pêndulo que movimenta e colore a criação” (p. 46), portanto, todos esses processos de separação e de extração de matéria prima são frutos da criação humana, sendo que os critérios foram e são estabelecidos por nós, isto é, o que é considerado adequado, necessário e valioso é uma produção do humano, seja para suprir necessidades biológicas como também por outros interesses para satisfazer questões sociais, culturais, econômicas e políticas.

Diante da naturalização dos processos de seleção na sociedade, do extrair o ‘melhor’ e descartar o ‘improdutivo’, o ‘inferior’, o que não se enquadra no padrão de ‘qualidade’, é que estabeleci outras forças para pensar esse movimento do garimpo. Como prática, propus observar o processo em si mesmo (não pensando no processo até chegar em algum produto), mas problematizei a necessidade de reparar o que é extraído e descartado. É importante dizer que de modo algum busquei inverter as bases, e elencar um novo precioso, apenas tornei os binarismos um meio, um inimigo necessário para deslocar-me desse lugar de quem faz julgamentos.

Passei, então, a tensionar a noção do senso comum de garimpeiro/a, garimpo e garimpagem – aquele/a que procura pelo precioso, local onde ocorre essa prática e como esse processo acontece – com a prática de um/uma docente que também, por vezes, procura pelo ‘padrão’, pelo ‘melhor’, pelo ‘certo’, que escolhe o que lhe agrada em uma sala de aula, porque lhe traz conforto, segurança, ‘satisfação’ profissional em um suposto ‘acerto’. Na tese de Ribetto (2009) há uma passagem em que a autora comenta sobre o que a educação tem por hábito barrar, banir, e faz essa relação em torno do riso:

(...) tudo o que seja estranho ou que altere e afete essa classificação, medição, esse controle e, sobretudo, essa seriedade exigida, tem que ser barrado da Educação. Aquilo que ousa trazer, para dentro das Nossas Casas e das Nossas Segundas Casas, humores que são do corpo, deve ser extinto, inviabilizado como possibilidade. É a limpeza e a pureza das coisas da mente - celestiais – aquilo que conta (p. 53).

Por concordar com a autora, dei vazão a uma garimpagem ‘ao avesso’, que pudesse dar visibilidade ao que ‘não é certo’ na docência, ou até mesmo, ao que não era pensado em uma pesquisa em educação, considerando que grande parte dos estudos visam contribuições que transformem algum espaço educacional. Vinculei a docência a um modo de garimpar, estando atenta ao que me foi acontecendo nos espaços que percorria, na tentativa de fazer fugir a noção de precioso e puro para assumir a recolha de heterogêneos.

As heterogeneidades, que consistem nas materialidades garimpadas, referem-se, a meu ver:

[Às] coisas do corpo – desejos, humores e outras coisas que deixam ou lembram nossa imperfeita ‘humanidade’- devem ser afastadas, deslocadas para baixo e eliminadas dos discursos e ideias da ciência. Entretanto, ainda que os humores e as suas trajetórias vinculadas à transgressão e à desordem não entrem pela porta principal dos Nossos Templos, se alimentam e fazem a festa na marginalia das salas principais [...] (RIBETTO, 2009, p. 53).

As heterogeneidades não estão postas, prontas, como algo a ser apanhado e inserido na pesquisa, mas dizem respeito ao que de alguma forma me fez soerguer a cabeça para pensar. Por isso, trabalhar com a garimpagem, ou com qualquer outra proposta metodológica de cunho autoral, requer do/a pesquisador/a um esforço de vida, criação e escrita de uma pesquisa, considerando que não há referenciais a serem citados, e que a própria academia põe em dúvida ações dessa ordem. Por este viés, mesmo a metodologia que se tenta empreender, faz fugir as demarcações óbvias de preciosidades também na academia, uma vez que enquanto método não ocupa este lugar formal, consolidado e reconhecido por todos.

Em momento algum refutei as demandas de uma pesquisa, como a problemática, o escopo teórico, os dados, as considerações finais, mas tentei olhar para elas sob outros planos, de modo a pensar numa escrita singular, ao propor outra organização sem que houvesse abismos entre um capítulo e outro, tentando assim, ser arrojada: “esforço de torção para

desconjuntar o sujeito que se é, que se acostumou a ser. E poder aparecer diante de si mesmo estranho, áspero, alquebrado, ambulante, um balaio de muitos” (PRECIOSA, 2010, p. 43).

A cada nova empreitada surgiram novos heterogêneos a serem trabalhados, que me forçaram a pensar em sentidos que não haviam sido pensados, a estar à espreita. Assim, quando assumi a garimpagem, expus o que enriquece e fragiliza uma pesquisa, reconheci que ela não se sustenta somente pela obsessiva busca pelo ‘precioso’, pelo ‘valioso’: outras contingências atravessaram-na.

É disto que trata uma garimpagem enquanto abordagem metodológica: ela não está calcada em resultados ou valores das vivências, mas de escolhas da ordem das heterogeneidades – daí a importância do informe, das impurezas, do pedregulho que potencializará o pensamento. Ao adotar esta proposta, tentei não fazer dos dados um decalque, isto é, não procurei pelo aprofundamento do objeto para desvelar uma essência do que investigava, não olhei para uma realidade apenas como possibilidade de representá-la, reproduzi-la, mas tratei da produção dos dados e da captura por realidades as quais estava imersa e que, sobretudo, compunha: compunha realidades, redes, tramas, mapas (NEUSCHARANK, DALMASO, OLIVEIRA, 2019).

As imagens garimpadas, em concomitância à produção da pesquisa, me movimentaram a pensar nas relações de espaços-tempos com a educação: fotografias da escola, da universidade, de casa, da rua, de objetos, de pessoas, de obras de artistas, de exposições e de viagens, de coisas que ainda desconheço... me interessaram diante do movimento de estar à espreita dos heterogêneos, do que ia me capturando e se arranjando, da potência das imagens e das relações de coextensividade.

Algumas delas começaram a ganhar espaço não no sentido de registro, mas pensando em como esses elementos fotografados poderiam se recompor em outros espaços-tempos, diante da montagem de algo provisório, do registro de algo que escapa; esse agarrar instantâneo de um pedaço de vida que se vai (SGOBIN, 2013). Ao trazer as imagens e realizar alguns tratamentos gráficos, elas assumiram outra estética no contexto em questão, por vezes, higienizadas das impurezas e até mesmo polidas, apresentadas

como preciosidades. Embora os arranjos tenham tentado trabalhar com essa materialidade como heterogêneos, as imagens evidenciam o que a pesquisa intenta resistir ao falar da atenção de garimpar como uma não seleção, como uma recolha ao invés de escolha, isso porque, lidamos com ações que atravessam os corpos e se encarnam, de tal modo, que é preciso provocar o colapso do pensamento e embaçar os olhos, para que assim possamos dar-nos conta da estetização que estamos acostumados a presenciar na formatação das pesquisas em educação.

De que maneira as moedas que eram de meu pai, e as louças herdadas de minha avó, possibilitariam pensar a coexistência de tempos, as temporalizações e sentidos atribuídos a um objeto deslocado de seu tempo histórico? Dessa forma, procurei desfazer moedas, capitais, para pensar no tempo improdutivo, paranóico, tal como uma moeda que se perdeu de seu tempo, e de sua validade financeira. Pensei em quais outras preciosidades estas moedas poderiam vir a adquirir? Que outros sentidos as louças poderiam vir a ganhar ao esquecermos seu 'papel funcional'? O que poderia a coextensividade em objetos inúteis, quebrados, deslocados do seu contexto? Quais outros cursos o tempo poderia assumir, ocasionalmente, ao ser desviado por algum detrito, por uma brisa que passa, do seu leito principal?

O movimento, a partir destas inquietações, foi olhar para as imagens em si, em seu estado puro, e o que delas poderia extrair; para os tempos que poderiam estar condensados, contraídos, e dos que estavam em devir. Deleuze se aproximou de Bergson e da noção de uma imagem liberta do seu estatuto representativo, mais especificamente no livro 'Matéria e Memória' (2010), em que a 'imagem' constituiria a 'matéria'. O termo imagem foi utilizado por Deleuze de forma variável ao longo de sua obra; um exemplo vemos na maneira como ele trata a imagem do pensamento, uma luta contra possíveis postulados da imagem, contra um modelo do pensamento, do que seja pensar, do que seja o pensador, do que deva ser o filósofo. Em 'Diferença e Repetição' (2010), anuncia que um pensamento sem imagem não obedece a uma imagem prévia, a um modelo que oriente, formate e determine de antemão o que implica pensar.

Assim, me propus a pensar as imagens e o tensionamento do olhar a partir de um encontro com essa matéria. Imagens que não se referissem apenas a uma produção artística e a uma história da arte legitimada, mas de ‘imagens malícias’, que desmontam.

Para Didi-Huberman:

A imagem seria, portanto, a malícia na história: a malícia visual do tempo na história. Ela aparece, torna visível. Ao mesmo tempo, ela desagrega, dispersa aos quatro ventos. Ao mesmo tempo, ela reconstrói, cristaliza-se em obras e em efeitos de conhecimento. Ritmo curioso, de fato: um regime sempre duplicado. Nada o expressa melhor, talvez, do que o verbo desmontar. Poder-se-ia dizer que a imagem desmonta a história assim como o raio desmonta o cavaleiro, o faz cair de seu cavalo. **Nesse sentido, o ato de desmontar supõe o desconcerto, a queda: a palavra ‘sintoma’ não está muito distante. Uma imagem que me desmonta é uma imagem que me interrompe, me interpela, uma imagem que me deixa confuso, privando-me momentaneamente de meus recursos, faz-me perder o chão.** No vocabulário da caça, um pássaro ‘desmontado’ é aquele cuja asa foi quebrada por um projétil e que cai rodopiando no chão, sem socorro. Um mar ‘desmontado’ é um mar perigoso, agitado pela tempestade (DIDI-HUBERMAN, 2015, p. 131 – grifo meu).

A imagem desmonta a história, tal como podemos desmontar um relógio, como se disjuntam as peças desse mecanismo produzindo uma parada dos ponteiros. A desmontagem pode se dar pelo interesse em aniquilar o tique-taque da contagem ou para entender melhor como ele funciona (ambos os motivos me agradam). Por isso, as imagens foram produzidas enquanto materialidades coextensivas às escritas da tese, pretendendo a desmontagem (DIDI-HUBERMAN, 2015) do leitor, para que pudessem convidar a outras aproximações, despretensiosas de um único entendimento, compreensão ou interpretação. Imagens que disparassem o pensamento, concepção articulada à teoria deleuzeana que restitui ao pensamento sua potência criadora, questionando a perspectiva representacional de que pensar é algo nato, reflexivo, voluntário ao ser humano.



coextensiv
extensiv
Xtensiv

Coextensívade

Foi em uma das visitas às escritas vitalistas de Deleuze, que tive um encontro com a palavra coextensividade. De imediato fui capturada, em um primeiro momento pela brincadeira com a palavra:

CO	EX	TENSIV	IDADE
EXISTÊNCIA	TENSÃO	INTENSIVO	VIDA

A seguir, passei a realizar algumas ‘traquinagens’ com a palavra coextensividade. Uma delas foi pensá-la na educação enquanto possibilidade de olhar para o tempo e suas vitalidades, um tempo que pudesse ser inventado, subjetivado. Ao desdobrar a palavra, observando a composição entre coexistência, extensão, intensivo e vida, passei a investigar como tais noções são pensadas nas filosofias da diferença. Encontrei amparo em algumas leituras de Deleuze (1992; 1999; 2005; 2006a; 2010; 2011) e em Bergson (2005; 2010), mas de todas fiz uma escolha por investigar duas delas: coexistência e vida.

COEXISTIR	EXTRATEMPORAL	INTENSIONAR	VITALIDADE
EXISTIR	EXTEMPORAL	TENSIVAR	VITAL
RESISTIR	TENSIONAL	INTENSO	VIVAR
COEXISTIR	DISTENSÃO	INTENSIONAR	VITALIDADE
EXISTIR	EXTRATEMPORAL	TENSIVAR	VITAL
RESISTIR	EXTEMPORAL	INTENSO	VIVAR
COEXISTIR	TENSIONAL	INTENSIONAR	VITALIDADE
EXISTIR	DISTENSÃO	TENSIVAR	VITAL
RESISTIR	EXTRATEMPORAL	INTENSO	VIVAR
COEXISTIR	EXTEMPORAL	INTENSIONAR	VITALIDADE
EXISTIR	TENSIONAL	TENSIVAR	VITAL
RESISTIR	DISTENSÃO	INTENSO	VIVAR
COEXISTIR	EXTRATEMPORAL	INTENSIONAR	VITALIDADE
EXISTIR	EXTEMPORAL	TENSIVAR	VITAL

Coextensiva, coextensivo e coextensividade são palavras que aparecem nos livros 'Bergsonismo' (1999, p. 22), 'Diferença e Repetição' (2006a, p. 116), ambos de Gilles Deleuze; no livro de Peter Pál Pelbart, 'O tempo não-reconciliado' (2007), e no artigo de Éric Alliez, 'Sobre o bergsonismo de Deleuze' (2000, p. 260). No livro 'Bergsonismo', Deleuze (1999) fala que a memória é coextensiva à duração, e a consciência coextensiva à vida. Já na passagem de sua tese, coextensiva compõe as escritas que falam sobre o tempo a partir do eterno retorno e sobre o sistema do futuro entendido como um jogo divino. Quanto ao coextensivo é um termo que aparece ao longo do livro de Pelbart (2007), já que sua tese trata de pensar o tempo a partir dos autores aqui já mencionados. Coextensividade foi articulada pelo estudioso e comentador de Bergson e Deleuze, Alliez (2000), para se referir à igualdade plena do ser e da vida, da consciência à vida (leitura que retorna à noção apresentada no 'Bergsonismo').

Talvez outros comentadores possam ter utilizado esses termos, e até mesmo Deleuze e Bergson tenham feito usos das palavras em outras obras, no entanto, o mapeamento realizado surgiu dos encontros que tive ao acessar os livros, que apresentam em comum o que pude concluir de modo provisório: elas são oriundas de um bergsonismo de Deleuze, isto é, não pertencem nem a um nem ao outro, mas tratam das torções que Deleuze fez das leituras de Bergson.

Deleuze, ao longo de sua obra, é atravessado pelo conceito de vida, muito antes de uma conceituação, o mesmo é visto em operação nos modos de escrever, ler e viver. Define, assim, que a vida é um espaço de criação, como um indefinido, um neutro, um singular, um acontecimento que expande qualquer repartição entre o interior e o exterior, o subjetivo e o objetivo, o bem e o mal. A vida não é tomada como um dom ou um tesouro, nem como sobrevida, antes como um neutro que rejeita toda categorização.

Para Deleuze (2011), o bebê apresenta essa vitalidade não orgânica, relação do corpo com forças ou poderes imperceptíveis que dele se apossam ou dos quais ele se apossa, uma associação de forças constituindo devires. "O bebê apresenta essa vitalidade, querer-viver obstinado, cabeçudo, indomável, diferente de qualquer vida orgânica: com uma criancinha já se tem uma relação

peçoal orgânica, mas não com o bebê, que concentra em sua pequenez a energia suficiente para arrebentar os paralelepípedos...” (DELEUZE, 2011, p. 171-172).

A relação que se está a problematizar diz respeito à doutrina teológica do juízo no nível dos corpos, isso porque, para ele, o juízo implica em sua organização. Tal condição do juízo exerce sobre a consciência a criação de uma dívida com a divindade, e torna o homem julgável e julgador, pois sua existência está submetida à imortalidade na ordem do tempo e a uma dívida infinita. O juízo impede a chegada de qualquer novo modo de existência, de outras forças, pois este supõe critérios preexistentes (valores universais), pelas forças que se sabe captar.

A vitalidade é uma possibilidade de combater o juízo e de resistir a uma organização, isto é, pensar em “um corpo afetivo, intensivo, anarquista, que só comporta polos, zonas, limiares” (DELEUZE, 2011, p. 168). Por assim dizer, os heterogêneos da pesquisa foram sendo garimpados pelas contingências dos encontros com esses incorporais, por vezes materializados em sua extensão espacial como as xícaras e as moedas, outras por suas intensidades, pelas imaterialidades de memórias de conversas, sons e ruídos. De qualquer modo, há um olhar atento às simbioses do orgânico e inorgânico, do grão de feijão que não brota, da vitalidade das moedas não orgânicas.

Dessa forma, o entendimento é de que não há uma vida em geral, ela não é um absoluto indiferenciado, mas uma multiplicidade de planos heterogêneos de existência, e essa multiplicidade atravessa os indivíduos mais do que os distingue uns dos outros (ou ainda: os indivíduos só se distinguem em função do tipo de vida dominante em cada um deles). Para Deleuze (1992), a vida deve ser concebida além da organização, como pura criação da natureza, com efeito...

Se pensarmos na filosofia de Gilles Deleuze, nela há sem dúvida certo vitalismo ou um elogio à vida que atravessa todas as suas obras. Os pensamentos sobre a vida do corpo, o corpo sem órgãos e o devir-animal estão sempre presentes em sua filosofia. E Bergson é visivelmente uma fonte importante da sua filosofia da vida. Mas em Deleuze nós não podemos deixar de perceber

também um pensamento constante sobre a política da vida, que está por toda parte tomada por um poder da morte. De modo que, se pensamos em um vitalismo, de acordo com ele, parece inevitável ser confrontado ao mesmo tempo com um biopoder, e é preciso dizer que aí já existem pelo menos dois dogmas diferentes da vida: a vida singular como jogo de um certo vitalismo e a vida investida e operada por uma espécie de biopoder. E se não for correto dizer que estes são dogmas, há pelo menos conceitos diferentes de vida que se enfrentam, se usurpam e se misturam (UNO, 2012, p. 106).

Assim, Deleuze coloca em suspensão o sentido da palavra vida, deslocando a noção do senso comum de se referir apenas à matéria viva, orgânica; o que nos propõe é pensar que a vida independe de sua natureza. É preciso estarmos atentos às relações de desterritorialização, do que escapa de uma identidade, de uma formatação. O filósofo partilha da percepção nietzschiana de que a vida não é o que se mantém, mas sim o que se expande. Para Bergson a problemática da vida é central, visto que põe em suspeita o modo como a vida se origina e como supostamente evolui.

Há um laço profundo entre os signos, o acontecimento, a vida, o vitalismo. É a potência de uma vida não-orgânica, aquela que pode haver numa linha de desenho, de escrita ou de música. São os organismos que morrem, não a vida. Não existe obra que não indique uma saída para a vida, que não trace um caminho por entre as vias. Tudo o que escrevi era vitalista, pelo menos eu espero, e constituía uma teoria dos signos e do acontecimento (DELEUZE, 1992, p. 196).


Quanto à coexistência, o uso da palavra coextensividade foi traçado ao longo da tese como possibilidade de olhar o que coexiste de tempos, intensidades e vitalidades na educação. Supunha que apesar de o tempo ser incisivo nas nossas vidas e no modo como trabalhamos com a educação, podemos produzir outros possíveis a partir de sua presença e efeitos, pensando em estratégias para 'lográ-lo', isso porque, dentro da lógica moderna em torno da cronologia e velocidade temporal, produzimos rupturas, descompassos. Há algo que escapa e que possibilita cada qual viver o tempo que tem da maneira que pode vivê-lo. O que podemos cada um de nós com o tempo que temos? O que pode o tempo que temos?

A coextensividade propor-se-ia olhar para o tempo em sua esfera vital, nos efeitos de uma temporalidade como atividade criadora, de relação com os seres que produzem eles mesmos sua existência, por meio de circunstâncias singulares. Neste sentido, a partir da concepção de Deleuze sobre a vida como princípio da novidade e da diferença, é que o tempo também é tomado como movimento da diferenciação que não pode ser pensado sem a vida.

Bergson, ao tratar de questões referentes ao tempo, nos faz pensar nas diferenças de tempo, no presente e no passado como contemporâneos um do outro, formando o mesmo mundo. Substituiu a distinção de dois mundos para dois movimentos, para dois sentidos, na mesma duração e, por estarem na mesma duração, são coexistentes, e não sucessivos. Para o filósofo, a duração se chama memória⁵, porque ela prolonga o passado no presente, e o presente, na contínua mudança de qualidade, assegura um crescente do passado. A duração é a coexistência de si consigo, logo, o passado e o presente são dois graus extremos coexistindo na duração, onde o presente é o grau mais contraído do passado.

Assim, poderíamos pensar que tudo se passa como se as nossas lembranças fossem repetidas um número indefinido de vezes, nessas milhares de reduções de nossa vida passada, tudo é mudança de energia, de tensão. Em cada grau há tudo, e tudo coexiste com tudo, com os outros graus; o virtual são os próprios graus coexistentes (DELEUZE, 2006b).

⁵ Bergson (2010) apresenta a memória de duas maneiras: memória-lembrança e memória-contração, onde a primeira nos remeterá a uma sobrevivência do passado, uma regressão do presente ao passado, reconstituição a partir de um presente ulterior. A segunda diz respeito a um passado em que nós nos colocamos de súbito para nos lembrar, em que ele não deixou de ser, parou apenas de ser útil, mas sobrevive em si, ele é virtual, pois não se constitui depois de ter sido presente, ele coexiste consigo como presente.



Todo processo deriva da vida não-orgânica na medida em que não reconduz a uma forma constituída, mas dela escapa e só esboça uma nova para já escapulir para outra parte, para outros esboços: o que aqui é chamado 'vida' não depende da natureza dos elementos (formação material, psíquica, artística etc.), mas da relação de desterritorialização mútua que os arrasta para limiares inéditos (ZOURABICHVILI, 2004, p. 62).

A convenção de um tempo cronológico tem produzido uma percepção temporal restrita aos fenômenos visíveis e mensuráveis. Parece que não só tentamos controlar, como também evitar a transitoriedade do tempo e os efeitos desse tempo passageiro; fenômeno que faz com que as coisas apareçam, passem e depois desapareçam. Para a filosofia clássica, esse sempre foi um problema, por comprometer a estabilidade do mundo necessária para o conhecimento e para a ação.

Para Bergson (2005), a sucessão seria um fato incontestável, mesmo no mundo material; no entanto, sentido de outros modos. Compartilha, assim, um exemplo corriqueiro para pensarmos a respeito do nosso raciocínio sobre os sistemas isolados.

Caso queira preparar-me um copo de água com açúcar, por mais que faça, preciso esperar que o açúcar derreta. Esse pequeno fato está repleto de lições, pois o tempo que preciso esperar já não é mais esse tempo matemático que ainda se aplicaria com a mesma propriedade ao longo da história inteira do mundo material, ainda que esta, se esparramasse de um só golpe no espaço. Ele coincide com minha impaciência, isto é, com uma certa porção de minha própria duração, que não pode ser prolongada ou encurtada à vontade. Não se trata mais de algo pensado, mas de algo vivido (BERGSON, 2005, p. 10).

Bergson (2010) nos impulsiona a pensar o movimento das formas não visíveis, por meio do conceito de duração, elas seriam ações indivisíveis, vida interior que é variedade de qualidades, continuidade de momentos. “As ciências em geral tendem a negar a duração, já que se atêm à forma visível dos seres vivos, de seus órgãos, estruturas, cabendo-lhe a tarefa de analisar” (DALMASO, SANGOI, 2013, p. 5). Esse tempo que dura é a própria vida em fluxo, em devir, percebida segundo blocos e não por momentos fragmentados, por movimentos e continuidades de intensidades, como “criação contínua, ininterrupto jorro de novidade” (BERGSON, 1934, p. 155).

Assim ocorreria com a memória. Ela empurraria algo do passado para dentro do presente, a duração, avançando pela estrada do tempo, inflando-se continuamente ao que vai juntando; por assim dizer, fazendo uma bola de neve consigo mesmo. A estrada

que percorremos no tempo é juncada pelos destroços de tudo o que começamos a ser, de tudo o que poderíamos ter nos tornado, mas “a natureza, que dispõe de um número incalculável de vidas, não está adstrita a tais sacrifícios. Conserva as diversas tendências que bifurcaram ao crescer. Cria, a partir delas, séries divergentes de espécies que evoluem separadamente” (BERGSON, 2005, p. 109).

Toda forma ocuparia um espaço, do mesmo modo que ocuparia um tempo, desde que tomada pelo devir, infinitamente dividida e em mudança. Por isso, não existiria uma lei biológica universal que se aplique tal e qual, a todo e qualquer ser vivo. “Há apenas direções nas quais a vida lança as espécies em geral. Cada espécie particular, no próprio ato pelo qual se constitui, afirma sua independência, segue seu capricho, desvia em maior ou menor grau de linha, por vezes mesmo sobe de volta a encosta e parece virar as costas à direção original” (BERGSON, 2005, p. 17).

Mais próxima a esse tempo como duração, é que fui pensando nos espaços-tempos e nos heterogêneos apresentados como materialidade desta pesquisa, nos tempos e nas suas relações com os seres, com as mudanças, com as atualizações que ocorrem e que, por vezes, são imperceptíveis aos nossos olhos. E mesmo que percebamos, ilusórias aos olhos da duração. Fui trabalhando de modo a estabelecer outras formas de sentir essas transformações na matéria, nos processos químico-físicos que dialogam com o tempo, dos efeitos do ser humano no tempo e na natureza, ou ainda, o inverso, dos processos do tempo no ser humano a partir do envelhecimento, e do que há propriamente de vital nesses fenômenos de destruição orgânica; renascimento de micropartículas.

Heterogêneos garimpados ao longo das leituras e escritas desta pesquisa, na tentativa de pensar as intervenções de seres microscópicos em matérias inorgânicas e orgânicas, na ação das intempéries em determinados materiais como o ferro, o plástico, o cimento, a terracota... capturados por meio de experimentações fotográficas. Problematizar a coexistência do tempo e da vida, das vitalidades no tempo, a partir dos registros dessas passagens, dos efeitos do tempo sobre a matéria, do que se conserva em sua duração.

Há efeitos que sentimos mais, outros menos. Há lugares que são difíceis de fazer morada, logo, o tempo custa a passar. São lugares que têm as formas muito prontas, que não se flexibilizam, não assumem contornos provisórios, nem mais orgânicos de acordo com os corpos que circulam.

Em uma das tentativas para ocupar de outros modos esse espaço que habitava como docente no ensino superior, sentei-me em um banco, um tanto simpático, forçando o corpo a parar um pouco de trabalhar. Percorri com os olhos alguns elementos que estavam ao alcance do meu campo de visão, no jardim das esculturas do Centro de Educação, UFSM. Reparei as formas que as obras apresentavam, e, aos poucos, fui me aproximando mais, assim que meu olhar parou diante de algumas texturas e desgastes. Em um primeiro momento, entendi que o tempo seria um tanto intransigente. Afinal, sem ser convidado, nem pelo artista e nem pela obra, estava a realizar modificações, que eram evidentes, interferindo nos olhares dos transeuntes. Pensei, então, que este seria um dos heterogêneos da pesquisa, uma imagem da passagem do tempo.

Essas questões começaram a borbulhar, como temporalizar uma imagem? Como uma imagem comportaria o tempo? Não só o tempo 'voou', porque algumas imagens me capturaram, como tive de levantar do banco e voltar ao trabalho. Percebi que a tese estava funcionando em mim, nos movimentos diários que realizava entre os intervalos de uma aula, olhando para tudo o que encontrava e pensando na temática. Eram processos de seleção-criadora de modos de existência na docência.

Uma pesquisa que se propõe a operar dessa forma, está atenta a tudo que possa surgir dos encontros mais inusitados, o que, por sua vez, pode diferir de muitos métodos, onde o objeto de pesquisa está em um campo muito específico, que ora acessamos, ora nos distanciamos. Um sonho, um filme, uma música, uma leitura, uma conversa, um objeto, uma viagem, uma pessoa, um carinho, uma desavença... há limite? Como parar de pensar? Não quis, era esse o movimento que intentei: dar velocidade ao pensamento para que em meio à vida, pudesse perceber como o tempo estava sendo tramado.

Uma ontologia do vivo – conexões entre Deleuze e Bergson

Bergson e Deleuze traçaram aproximações de seus pensamentos e produziram uma filosofia da diferença vital pelo interesse em uma ontologia do devir. Pensaram o vivo múltiplo como ser problemático por excelência, isto é, o devir como a dimensão do vivo através dos processos de individuação. A destituição do indivíduo como dado primeiro e único, como entidade acabada, cede lugar ao sujeito em coexistência com o mundo, em processualidade, em inacabamento. Essa ontologia afirmativa vai pensar um ser pré-individual que se atualiza em formas individuadas, o ser que difere de si mesmo nesse processo, e está individuando-se a cada vez, a partir dessa força propulsora de novas individuações, o *élan vital*. Nos movimentos de diferenciação, essa carga prévia, ainda não individualizada e que é intrínseca a nós, produziria esse ser em definições provisórias, onde não se estabelece formas de ser, mas de existência; o indivíduo se realizando em uma produção múltipla e coletiva.

Há, portanto, uma subversão do ser 'previamente dado' em prol de um devir 'fazendo-se' e de um movente, uma inteligência da vida. O que é proposto não é mais o trabalho habitual da inteligência, dos conceitos previamente dados às coisas, mas da gênese das coisas a partir da diferenciação do conceito. Uma afirmação do vitalismo do conceito. O ser não é dado, mas querido, desejado, almejado, conquistado; neste sentido, o ser é autoprodução. Não se nasce ser, torna-se ou não ser. Não é uma questão de substância ou transcendência, o ser é uma produção desejanse: pura invenção do desejo.

Tanto o que Deleuze como Bergson escreveram é vitalista, são pensamentos que corporificam uma filosofia 'menor', de ruptura das filosofias do Estado e das noções transcendentais sobre o ser, para pensar uma filosofia da vida, do devir, da imanência.

“Introduzem o tempo em um mesmo movimento constituinte e diferenciante, no ser e no pensamento, onde o tempo é visto como vitalidade do ser e genitalidade do pensar” (ALLIEZ, 2000, p. 258).

É difícil pela razão, pela ciência, pela lógica, apoderar-se do movimento, da mudança, do tempo e, naturalmente, é muito difícil pensar a vida. O corpo vivo na teoria bergsoniana é composto por partes heterogêneas, exerce funções diversas, é um indivíduo que não abriga um estado concluído; sendo assim, a filosofia da vida acolhe muitas discordâncias, considerando que cada espécie, e até mesmo cada indivíduo, só retém da impulsão global da vida certo *élan*, e usa essa energia em seu próprio interesse, nisso consiste a adaptação. A espécie e o indivíduo só pensam neles mesmos, e conhecem a origem e desenvolvimento de si, do seu próprio tempo de vida e desenvolvimento, que independem dos processos evolutivos das espécies.

A noção de atenção à vida, libertada da psicologia e tratada no livro ‘Matéria e Memória’ (BERGSON, 2010), combate a distinção entre sujeito e objeto, desloca a oposição entre a vida e a matéria, percepção e memória, alma e corpo, mente e cérebro, em direção a uma continuidade de durações. É, portanto, sobre a ideia de que tudo não está dado e sobre ultrapassar a condição humana de pensar, que se estabelece o vitalismo como uma expressão de confiança à vida, da vida consigo mesma no vivente humano, consciente de viver. “Bergson considera impossível o pensamento agarrar com precisão a vida, sua verdadeira natureza” (UNO, 2012, p. 106).

Esta individuação que Bergson e Deleuze pontuaram, difere da individualidade e de uma forma do Eu, não considera a diferença do diferente, das identidades e semelhanças como condições primárias, mas as diferenças de intensidade, diferenças vitais, individuantes. O que estas concepções produzem juntas é pensar a teoria do conhecimento inseparável da teoria da vida.

Deleuze retoma frequentemente o primeiro capítulo de ‘Matéria e Memória’ (BERGSON, 2010) para problematizar a distinção entre sujeito e objeto, compartilhando da teoria da experiência como pura imanência da vida, deslocando a oposição

entre a vida e a matéria em direção a uma continuidade de durações, “com, entre a matéria e o espírito, todas as intensidades possíveis de uma memória pura, idêntica à totalidade do passado, passado em si sob o modo de uma coexistência virtual” (ALLIEZ, 2000, p. 260), um passado ontológico, uma igualdade do ser e da vida, “coextensividade de direito da consciência à vida, uma ontologia do vivo e não uma fenomenologia do vivido” (*Ibidem*, p. 261).

Bergson enfrenta de modo afirmativo e realista o medo em relação ao tempo – que em suma é o medo da morte. Ele celebra uma filosofia que reconhece este caráter transitório e efêmero da vida e que nos faz pensar em um tempo entendido como intenso, vital. Esse que sempre foi um fator de angústia, afinal tem-se a morte por perto. O tempo descontrolado, liberto, causa inquietação e desconforto, por isso a tentativa de submetê-lo, controlá-lo.

Assim, Bergson pensa o tempo de uma forma existencial, do que simplesmente uma ideia ou concepção teórica. Ele menciona que é preciso tomar consciência dessa temporalidade e desse caráter passageiro de todas as coisas, inclusive de nós mesmos, para poder olhar para o tempo como substância da nossa existência, e ter a liberdade de enfrentar o destino, de forma realista e efetiva. Para tanto, propõe que nos relacionemos com a ideia de que as coisas existem e depois não existem mais, mudam, deixam de ser como eram para ser de outra forma, e até mesmo desaparecem. Assumir esses movimentos é também um gesto de dignidade do ser humano, que não estaria mais em pensar ilusoriamente no caráter eterno, mas aceitar a efemeridade e viver isso com intensidade.



O filósofo menciona que o tempo não seria constituído pelos segmentos que nos habituamos verificar (tempo do relógio), essa seria uma maneira artificial de entendermos a realidade temporal, uma separação por puro pragmatismo, visto que facilitaria nosso modo de lidar com as coisas, também por comodidade da psicologia e efetividade da ciência para mensurar os processos e métodos dos experimentos, ordenar nossas experiências diárias.

Bergson vai pensar o tempo a partir da nossa consciência, isto é, da maneira como o tempo vive e acontece em nós, nos corpos, e vai dizer que isso se dá de modo contínuo. Afirma que a maior parte da consciência é composta pela memória, e por isso, ela adquire uma grande importância na sua teoria. Esta consciência é como uma grande tábua dividida espacialmente, é fluxo, onde as coisas não estão separadas em segmentos e fragmentos. Dizer que as coisas duram, significa afirmar que elas atravessam o tempo. Para o filósofo, não separamos nossos pensamentos, nossas emoções... nossa consciência não obedece a esses comandos: delimitar, encerrar uma experiência, sensação... para recomeçar outra.

Do ponto de vista da vida, da nossa existência, para Bergson (2010), o que acontece é a duração como sequência ininterrupta de momentos diferenciados, isto é, que nunca se interrompem. Ela é um modo de ser no tempo, que ultrapassa a experiência do vivido. Para compreendermos essa realidade contínua produzida por esse tempo como duração, precisamos da intuição, que por sua vez é o oposto de um conhecimento lógico, de um controle da inteligência, de uma compreensão descontínua da realidade. Ela se dá num fluxo, ritmo diferenciado e contínuo, onde acessamos um conhecimento de coisas que não têm, muitas vezes, uma explicação, de algo que não é inteligível em um primeiro momento, tais como as sensações e emoções.

A intuição para Bergson (2010) também é compreendida como apreensão mais direta do ser humano para com as coisas as quais ele pode coincidir, é uma tomada de consciência de nós mesmos e das coisas que estão mais próximas de nós, exercício possível quando percebemos nossa interioridade voltando-se a ela sem um tipo de pré-conceito, sem uma ideia *a priori*.

“Sobre nossa cabeça um céu tranquilo a nos proteger, sob nossos pés um chão estável a nos amparar. Essa visão confortadora que construímos e adotamos na nossa existência é simplesmente um logro. Nada há de pacato no céu, tampouco na terra. A natureza física do cosmo está em permanente transformação. E a crosta terrestre se agita, revolvendo-se. A superfície da Terra está sempre mudando. E nós não somos essa identidade estável, inquebrantável, imperturbável, que fica assistindo de fora à festa da vida esbanjando sua potência de variação. Estamos incluídos nessa viagem radicalmente transformadora. Somos passageiros de um ônibus circular, cujo ponto de embarque e desembarque ignoramos. Nele, estamos sempre ingressando pelo meio do trajeto. Essa é ‘nossa sinuca de bico vital’. Vamos, voltamos, vamos, voltamos, indefinidamente. E a terra que do ônibus avistamos, o porto seguro em que desejamos atracar, não passa de uma placa de terra móvel, que não avança para lugar nenhum estabelecido, vai à deriva. E ainda que nos assuste muito existir assim sem um ponto de apoio, vivenciando a alternância dos prumos e desaprumos de nós mesmos, nossa enigmática viagem está confirmada e é intransferível” (PRECIOSA, 2010, p. 84).



Out of
time is

“The time is out of joint”

Hamlet - Shakespeare



o afirmar o tempo como temática de pesquisa, acolhi o desafio de pesquisá-lo. Fui movimentada pelas minhas inquietações enquanto pesquisadora, docente, ente: como haver outro modo de pensar o tempo sem a sua dimensão cronológica? Sem sua divisão sucessiva em passado, presente e futuro? O que seria a coexistência de tempos e como a mesma poderia disparar na vizinhança com a educação? Como o pensamento, a vida, a lembrança, a organização, a educação, poderiam se comportar diante de um desordenamento? A pesquisa operou com essa proposta de desordem, um tempo anacrônico, um tempo nada convencional, a partir do abandono de algumas coordenadas para repensar como viver em meio a ele.

Ainda que me potencializava trabalhar com a história sob outras relações, traçando labirintos em vez de uma linha cronológica, estudei o conceito de tempo na história da filosofia clássica, a fim de me aproximar do modo como este conceito foi proposto por alguns filósofos que tenham se atido a pensá-lo, para posteriormente colocá-los em relação ao pensamento das filosofias da diferença, mais específico nos estudos de dois filósofos modernos: Bergson (2005, 2010) e Deleuze (1999, 2005, 2006a, 2010). Este movimento bibliográfico me fez pensar, ou talvez, situar o abandono de algumas concepções consensuais deste conceito, como a noção de sucessão (passado, presente, futuro), de linearidade, de medida do movimento, de subordinação do ser humano ao tempo... isto é, poder pensar o tempo sob outros vieses.

Para os povos chamados civilizados, tornou-se banal datar cronologicamente os acontecimentos, de modo que cada data teria um valor específico. Isto passou a fazer parte das culturas de diversos povos e uma forma de evitar que certos acontecimentos se perdessem na passagem dos anos. Essa noção se fez importante, visto que, a vida dos povos primitivos decorria segundo outras proposições, segundo os ritmos da natureza, por exemplo, e o devir histórico para eles reduz-se ao presente, que é uma forma acabada, definitiva e estática.

Trata-se de um ‘tempo climático’ e uma forma objetiva no mundo, pois o reconhecem nas colheitas, nos ciclos dos astros, no florir de uma árvore, no germinar de uma planta e não como lógica abstrata, apenas enquanto real ou uma parte do real. Há uma impossibilidade de se estabelecer a distinção entre passado e presente, existindo tão somente este último, e por esse motivo, as ideias de evolução e transformação não se produziram em tais sociedades e culturas. Para uma tribo, o que foi ontem é hoje e será amanhã. É o que também na filosofia greco-romana ficou nomeada como *kairós*: a experiência do momento oportuno, isto é, o momento indeterminado em que algo especial acontece, uma forma de descrição qualitativa do tempo, que esteve vinculada à mitologia grega como o tempo dos deuses.

Muito tempo atrás, antes do Grande Relógio, o tempo era medido por mudanças nos corpos celestes: a lenta marcha noturna das estrelas pelo céu, o arco do sol e a mudança de luz, o crescer e o minguar da lua, marés, estações. O tempo também era medido pelas batidas do coração, pelo ritmo do sono, pelo aviso do estômago faminto, pelos ciclos menstruais da mulher, pela duração da solidão. Então, em uma pequena cidade da Itália, o primeiro relógio mecânico foi construído. As pessoas ficaram fascinadas. Depois, horrorizadas. Surgia uma invenção humana que quantificava a passagem do tempo, que delimitava a duração do desejo, que media exatamente os momentos de uma vida. Era mágica, era insuportável, era fora da lei natural. Teria que ser cultuado (LIGHTMAN, 2014, p. 86).

Na história da filosofia clássica, a visão de tempo foi construída sob duas características principais, desde a antiguidade: a subordinação do tempo ao movimento e, conseqüentemente, a circularidade do tempo, e o tempo que permanece nos eixos, que está subordinado ao movimento: como medida do movimento, intervalo ou número.

Já para o filósofo grego Platão, o domínio do tempo estaria relacionado à ordem e estrutura criada para o caos primitivo, seria, portanto, de origem cosmológica. A contribuição de seus discípulos como Plotino e Santo Agostinho “vincula a dimensão do tempo à uma espécie de parapsiquismo, em que o tempo existiria na medida em que existe uma consciência capaz de reconhecê-lo” (ANTUNES, 2009, p. 80). Com a introdução de uma consciência, de Locke em diante, se introduziu uma distinção entre tempos objetivos e tempos psicológicos, o que veremos de modo mais adensado em Bergson.

Outro filósofo da antiguidade clássica que discutiu este conceito foi Aristóteles, que considerava importante o mundo observado e entendia a noção do tempo como intrínseca ao Universo. Na filosofia aristotélica, o mundo existiria na forma de seu modelo cosmológico geocêntrico (a Terra estática no centro dos outros astros) desde sempre. A célebre definição aristotélica diz que o tempo é número do movimento segundo o anterior e o posterior', e como movimento circular, o tempo estaria subordinado ao curso do mundo, isto é, como que dobrado, curvado, circular, cíclico.

O caráter transitório do tempo foi motivo de angústia e de estudo em outros períodos e por outras áreas, tais como as religiões que tentaram minimizar esse sentido passageiro, empregando a eternidade como a verdadeira realidade do tempo, pois a passagem seria uma aparência, visto que nossa alma sobreviveria e nosso destino seria eterno. Os cristãos introduziram outro pensamento em torno deste conceito, uma crença no tempo enquanto acontecimento único, um tempo que passa, mas que jamais retorna, por exemplo, como a crucificação e ressurreição de Cristo, fenômenos que não se repetem. Sendo assim, apresentaram um tempo organizado segundo um propósito transcendente a esta vida, e justificado por leis e morais divinas, tal como na passagem bíblica que evidencia a noção de uma predeterminação temporal para as situações de vida:

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.
Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;
Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar;
Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar;
Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar;
Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora;
Tempo de rasgar, e tempo de coser; tempo de estar calado, e tempo de falar;
Tempo de amar, e tempo de odiar; tempo de guerra, e tempo de paz (BÍBLIA, 1966, EC. 3: 1-8).

O tempo, para os que têm alguma crença religiosa, é visto como uma evidência de Deus, pois representaria uma perfeição, logo, não poderia existir sem um 'Criador', ser um universal, sem ser divino. "Os filósofos da ética colocaram o tempo no centro de

sua crença. O tempo é a referência com base na qual todas as ações são julgadas. O tempo é a clareza para ver o certo e o errado” (LIGHTMAN, 2014, p. 23). Daí decorreram muitas expressões corriqueiras, tais como: ‘o tempo é o senhor do destino’, ‘só o tempo irá dizer’....

Também Marx (ANTUNES, 2009) estabeleceu uma discussão em torno da relação do espaço e do tempo, pois para ele não seriam substâncias independentes, mas dimensões objetivas da realidade. Considera ambos como formas de existência da matéria em movimento, mais específico, o tempo estaria vinculado à transição do ser ao não ser e vice-versa, ao surgimento, desaparecimento e transformação das coisas e estados. Portanto, o curso do tempo, nos seus aspectos de duração e sucessão, estaria ligado à cadeia dos atos do porvir que exprimem as mudanças sucessivas dos acontecimentos.

Contrapondo este pensamento, Kant propôs uma noção de “tempo e espaço como formas *a priori* da percepção sensorial. Não existiria o tempo das ‘coisas em si’. A noção de tempo seria uma representação subjetiva, inata, inerente ao processo do conhecimento” (ANTUNES, 2009, p. 80). Para ele, o conceito de tempo é destituído de realidade, ainda que faça parte da nossa experiência, não é algo objetivo, nem uma substância, nem um acidente, nem uma relação, mas uma condição subjetiva, atribuída à natureza da mente humana.

No entanto, por séculos prevaleceu-se a noção metafísica de tempo absoluto, um tempo que independeria das coisas e dos processos, exteriores aos homens. Foi na era moderna e perdura até nossos dias a construção de uma percepção de tempo ‘coisificado’, mercadológico, que se alastrou na sociedade industrial pelo senso comum, surgindo máximas como: ‘tempo é ouro’, ‘tempo é dinheiro’. Essas ideias apresentaram o “tempo como algo objetivo, que existe por si mesmo, um tempo tanto dos corpos em movimento quanto dos corpos em repouso” (ANTUNES, 2009, p. 79).

Trata-se de uma concepção de tempo como uma categoria anterior à própria experiência humana, de descolamento do tempo em relação às práticas cotidianas e a sua correlata abstração, que levaram a perceber a temporalidade como um *a priori*. Estes

novos entendimentos sobre o tempo e também sobre o espaço, implicaram outras lógicas e representações acerca do 'estar no mundo', bem como solicitaram uma nova base epistemológica.

É impossível caminhar por uma avenida, conversar com um amigo, entrar em um edifício, relaxar sob os arcos de arenito de uma velha arcada, sem ver um instrumento de medição do tempo. O tempo é visível em todos os lugares. Torres de relógio, relógios de pulso, sinos de igrejas dividem os anos em meses, as horas em segundos, cada incremento de tempo marchando atrás do outro em perfeita sucessão. E, além de qualquer relógio específico, uma vasta plataforma de tempo, que se estende por todo o universo, estabelece a lei do tempo igualmente para todos. Neste mundo, um segundo é um segundo. O tempo avança com exuberante regularidade, com exatamente as mesmas velocidades em todos os cantos do espaço. O tempo é um soberano infinito. O tempo é absoluto (LIGHTMAN, 2014, p. 22).

Ao tomar o tempo como um absoluto, o mundo e as formas de viver nele, passam a ser consoladoras, isso porque mesmo sabendo que a vida é imprevisível, o movimento do tempo não o será. Ainda que possamos repensar sobre questões existenciais ou sermos arrastados por devires que fazem escapar os modos inteligíveis de pensamento, o tempo absoluto continuará seu percurso, preciso, sóbrio e gélido, apenas registrando acontecimentos, como um nascimento, o primeiro passo, a primeira paixão, a despedida dos pais.

Contudo, na passagem do período medieval para a era moderna, mudanças sobre as formas de viver e conduzir a vida determinaram o que alguns estudiosos nomearam como 'ser moderno', em que o tempo e o espaço passaram a ser vividos, experimentados e articulados de maneiras singulares, seja por tentarmos percorrer cada vez mais o espaço, como, ainda, por procurar fazer isso no menor tempo possível (VEIGA-NETO, 2004).

A temporalidade medieval era percebida e vivida concretamente, isto é, era percebida como ligada direta e imanentemente às experiências sensoriais humanas, mas isso sofreu uma ruptura radical no Renascimento, tendo sido substituída por uma nova temporalidade, marcada sobretudo pela abstração do próprio tempo. Muitos autores colocam nessas novas maneiras de perceber, significar e usar o tempo – um tempo cada vez mais descolado das nossas experiências sensoriais e até mesmo do espaço em que tais experiências se dão – a principal marca desse longo período histórico que se estende do século XV ao século XX e ao qual denominamos Modernidade (VEIGA-NETO, 2004, p. 6).

Foram essas construções que funcionaram como condição para que se estabelecesse rapidamente todo um conjunto de regras, tendo por objetivo subordinar as ações humanas, individuais e coletivas, a ordenamentos meticulosos em relação a ‘quando e onde’ fazer as coisas, imprimindo modos de viver. Esse novo estado de coisas fundamentou uma lógica econômica baseada na proposta de fazer circular cada vez mais rápido os ciclos de produção ao consumo, e que deixariam uma sobra/lucro a ser acumulado na forma de capital. “Resulta desse fenômeno que, para aumentar o lucro, não apenas é preciso que se acelerem os ciclos de produção – ou seja, é preciso produzir e consumir mais em menos tempo” (VEIGA-NETO, 2004, p. 8).

Por assim dizer, as novas configurações que o espaço e o tempo adquiriram na Modernidade, foram acentuadas pelos preceitos do capitalismo, sob a égide de que é preciso produzir e consumir mais em menos tempo. “Para que se cumpram tais imperativos, é preciso automatizar as cadeias de produção e consumo, encurtar a vida útil do que é produzido e promover a sua diversificação, criar continuamente novas necessidades nos consumidores, estimular o descarte, fragmentar e especializar o consumidor etc.” (VEIGA-NETO, 2004, p. 8).

Ainda que de forma resumida e simplificada faço conexões com as referências ao capitalismo apontadas por Veiga-Neto (2004), em parte para lembrar de que o próprio capitalismo acabou contribuindo decisivamente para a crescente aceleração do tempo e o encurtamento do espaço. Em suma, as percepções que se produzem nos dias de hoje, presentes em discursos em torno da volatilidade, efemeridade e transitoriedade do tempo, estão muito vinculadas às bases modernas e positivistas de pensar a existência humana. Para o autor, foi o próprio capitalismo que se valeu das práticas temporais e espaciais em funcionamento na escola, adaptando aos setores produtivos. Antes de ter sido instalada a primeira linha de montagem industrial, o currículo na

escola “já funcionava fracionando, hierarquizando e sequenciando o tempo e o espaço – principalmente simbólico –, de modo a obter a máxima economia nos processos de controle social, construção de subjetividades e constituição do sujeito moderno” (VEIGA-NETO, 2004, p. 8-9).

Na esteira moderna, foi Bergson que se aproximou das concepções de Kant, mencionando que seria preciso pensar o tempo como substância da nossa existência, de forma afirmativa e efetiva. Concebeu o tempo como “duração subjetiva, imanente à consciência. A essência do tempo seria pura duração, decorrente da continuidade interior do indivíduo. Bergson relaciona o tempo com a natureza viva, e não com a matéria inerte. Para ele, nada podemos afirmar sobre a duração do mundo exterior” (ANTUNES, 2009, p. 81).

Já Deleuze, apresentou à filosofia outra forma de trabalhar um conceito, de modo a não contradizer noções anteriores, opor-se a elas, mas desdobrando os conceitos e criando outros sentidos. Propôs que essas criações, embora pertencessem a um determinado contexto social e histórico, pudessem ser operadas de maneiras diferentes. Uma vez criado os conceitos, eles pudessem ser acessados, reinventados e conectados mais de uma vez e de diversas formas.

É também das leituras da concepção de tempo existente na filosofia de Kant, bem como de Hume e de Nietzsche, que Deleuze fará algumas torções para criar uma outra noção de tempo. Utiliza-se da fórmula de Hamlet de Shakespeare para dizer que: ‘The time is out of joint!’, o tempo está fora dos eixos, dando-lhe o sentido conceitual de uma distinção entre a concepção que a Antiguidade Clássica, basicamente Platão e Aristóteles, faziam do tempo. O autor não só percebe este tempo liberado, desgarrado do movimento, tornado autônomo do presente, do passado e do futuro como centros, da subtração da razão da forma do círculo, mas faz do tempo a própria forma, e junto às ideias de Kant, propõe um tempo que não comporta a repetição do mesmo, a conciliação dos ciclos (PELBART, 2000).



Como poderia no tempo os pontos conectarem-se entre si, destituindo a segregação entre passado, presente e futuro? “E como poderia no tempo o fim e o começo não ‘rimarem’, isto é, não se reconciliarem na revelação de um sentido pressuposto desde o início, ou mesmo de uma historicização retroativa, tão comum nas teorizações sobre a história ou mesmo sobre o inconsciente?” (PELBART, 2000, p. 20). De fato, Deleuze oferece um rizoma temporal, que contraria as figuras que representam o tempo: a linha, a flecha (mesmo invertida), o círculo, a espiral. Ao invés de uma linha do tempo, temos um emaranhado; em vez de um fluxo do tempo, propõe uma massa de tempo; em lugar de um rio do tempo, um labirinto. Ou ainda, não mais um círculo, ordem, nem mesmo forma, mas um turbilhão, variação, um tempo informal. O tempo passa a ser concebido não pela sucessão, mas pela coexistência. Tempo saído dos eixos, devolvido a si mesmo, tempo puro. Liberado do movimento que ele mede, o tempo deixa de ser cardinal e se torna ordinal (*Ibidem*).

Propõe, assim, uma tese sobre a multiplicidade temporal. O primeiro indício são os inúmeros tempos que operam em sua obra, nem sempre compatíveis em si. Eis alguns dos fragmentos que compõem o mosaico deleuzeano do tempo, com suas respectivas colorações:

o presente como síntese passiva sub-representativa, ou contemplação contraente (Plotino, Hume); o passado como Memória ontológica, Memória-mundo, Cone Virtual (Bergson); o futuro como retorno seletivo que rejeita Sujeito, Memória, Hábito (Nietzsche); a oposição Aion/Cronos (estóicos); o tempo do Acontecimento (Péguy, Blanchot); o Intempestivo (Nietzsche); o tempo como ‘defasagem’ (Simondon); a Cesura e um tempo que já não ‘rima’ (Holderlin); o tempo perplorado, o tempo puro ou reencontrado da arte (Plotino, Proust); o tempo liberado de sua subordinação ao movimento (Kant versus Aristóteles); o tempo como Diferença, ou como Outro (Platão contra Platão); o tempo como Potência, não como Finitude (Bergson versus Heidegger); o tempo como Fora (Blanchot, Foucault) (PELBART, 2000, p. 88).

Diante da complexidade do pensamento deleuzeano em torno deste conceito, e dos roubos e capturas que Deleuze realizou de outros autores, optei por operar na tese e, por conseguinte nesta escrita, sob três relações que atravessam a noção de coextensividade: coexistência (DELEUZE, 1999; 2005; 2006a), ao operar com um tempo não mais sucessivo, mas da multiplicidade;

o tempo como duração, do passado como memória ontológica (BERGSON, 2005; 2010), e o eterno retorno (NIETZSCHE, 2004; 2011), como o ser afirmado do devir, um tempo que se repete na sua diferença. Assumi assim, que eles somente são produzidos no *tempo aion*, como o próprio acontecimento que efetuará a coexistência, a duração e o eterno retorno em relação à coextensividade.

São conceitos que estão pulverizados ao longo da tese, condensando neste capítulo algumas definições, tal como o tempo *aiônico*. Mas afinal, por que ele me interessaria mais? Essa problematização encontrou aconchego na proposição deleuzeana de que o acontecimento não é subjetivo nem objetivo, não está vinculado ao temporal nem intemporal, tampouco histórico e eterno, não pertence ao presente, passado ou futuro, nem à divisão entre abstrato e concreto. O acontecimento é o que acaba de acontecer e o que ainda vai acontecer, mas nunca o que se passa, pois não chega a se efetuar. É como um 'entre-tempo', que marca uma cesura, um corte, de modo que o tempo se interrompe para retomar sobre outro plano (ZOURABICHVILI, 2004).

Não é apenas a diferença das coisas ou dos estados de coisas, o tempo do acontecimento afeta a subjetividade, insere a diferença no próprio sujeito. O tempo do acontecimento é o que contraefetua o tempo fragmentado, portanto, é a própria coexistência, a duração e o eterno retorno afirmando juntos o tempo em sua vitalidade e imanência. Ao falar em acontecimento, Deleuze (1974) expõe o laço primordial entre o tempo e o sentido, ou seja, um tempo que só é pensável em função de um horizonte de sentido comum às suas partes. Portanto, a noção de um tempo objetivo, exterior ao vivido e indiferente à sua variedade não passa da generalização desse laço.

Falar do tempo do acontecimento é também pensar na coexistência de pontas do presente desatualizadas, ou ainda, a distribuição de mundos distintos segundo tempos diferentes, é a não efetivação do tempo que corresponde à superfície, o lugar dos efeitos, dos incorporais, é atópico (PELBART, 2000). Um tempo que não é quantidade, mas qualidade, que não pode ser medido, mas existe.

É produção; um tempo que não é contínuo nem cíclico, mas se passa em dois modos temporais ao mesmo tempo: o presente de sua efetuação num estado de coisas, ou de sua encarnação numa 'mistura de corpos', mas também uma eternidade paradoxal em

que algo de inefetuável, de incorporal, transborda e sobrevive à efetuação. O acontecimento não se reduz a sua efetuação, porque estaria passando para outro presente. É estático, embora pura mudança, ele não para de advir, não cessa, é impossível que se finde. Não é o que acontece, mas o acontecer.

O presente não daria conta do acontecimento, pois, em sua pretensão de continuar, ele não passa. Só passa em função de um passado puro (virtual e sua atualização). Assim sendo, o acontecimento não tem lugar no tempo, não é uma efetuação ou movimento, mas a síntese que reúne o antes e o depois, uma cesura, o instante.

Para Larrosa (2011), a experiência é um acontecimento, é singular, transborda qualquer identificação, representação, compreensão, inteligibilidade. A experiência (que é também uma não-experiência) não diz respeito à empiria, e quando associada ao tempo, não se dá mais a partir de um futuro como aquilo que junta, mas é a ‘dispersão do presente que não passa’, o incessante; é um presente no qual todas as coisas e o eu que está presente, ficam em suspenso (PELBART, 2007).

Sendo assim, o tempo do acontecimento, *aion*, é o tempo que ‘não passa’, o tempo que transborda, o tempo da experiência. Para Deleuze (2005), em relação ao cinema, este tempo estaria associado à montagem descontínua de uma narrativa fílmica – característica crucial do cinema moderno, que promove uma montagem feita por cortes irracionais, e não mais por associações – permite justamente que os três tempos sejam coextensivos. Não há mais um antes, um agora e um depois, pois tudo ocorre simultaneamente e se contrapõe ao procedimento conhecido por *flashback*. Para Levy (2011, p. 116) “o *flashback* faz com que o espectador tenha acesso a um tempo passado ao presente da narrativa, mas continua afirmando a sucessividade temporal”, isso porque, o retorno ao passado, nesse caso, deverá garantir e funcionar apenas como retomada do momento, resgate de uma memória diante da intenção de explicação do presente.

A partir do conceito de acontecimento e contra um tempo como círculo, Deleuze desdobra, mergulhando em Bergson, o tempo como multiplicidade, e este seria mais um dos atravessamentos entre o pensamento dos dois filósofos. Neste modo de pensar o tempo a partir de Deleuze, o passado e o presente coexistem no que podemos chamar de duração ou memória. Esta memória enquanto

duração não diz respeito ao acúmulo, ao resgate de lembranças, mas é movimento, alteração, atualização da diferença, multiplicidade contínua que não para de se dividir, dobrar-se e atualizar-se.

Os passados pairam, são virtuais e, de certa forma são ativados no presente, a partir das suas contingências - só existem com ele. Assim sendo, cria-se um tempo como rizoma, não mais da identidade reencontrada, mas multiplicidade aberta que não encontra uma totalidade e não possui um sentido, direção. O tempo na sua multiplicidade faz pensarmos na conjunção “e” e não no verbo “é”, por ser um tempo de conexão entre dimensões heterogêneas. Conexão entre as diferenças, e... diferença interna e... diferença em si, e... dividir-se mudando de natureza, pois não temos pontos cardinais capazes de balizá-lo e de estabelecer uma curvatura regular, de um círculo. Essa diferença interna não é uma nem múltipla, mas multiplicidade.

Afirmção da multiplicidade intensiva virtual do tempo, da implicação recíproca das diferenças. Dimensão alguma é o centro do tempo, mas cada uma revem em todas as outras e faz, por sua vez, com que as outras revenham. Portanto, cada uma é ainda uma espécie de círculo, mas descentrado relativamente aos outros e não coincidindo consigo mesmo em seu retorno. O círculo se repete devindo outros círculos, e assim, só se repete a diferença dos círculos.

É em Nietzsche (2004; 2011) e no conceito de eterno retorno que Deleuze vai buscar elementos pensar sobre o círculo do tempo e sobre uma forma de aprender a não morrer em vida. Movimento de afirmar uma vida, traçando outros modos de lidar com a passagem do tempo. Nesse pensamento, o presente coexiste consigo mesmo, como passado e futuro, não se trata de um retorno do mesmo, pois não é o ser que retorna, mas é o próprio retornar que constitui o ser, do devir, do diverso, do múltiplo, da diferença. O que interessa é o fato de retornar em sua diferença, de estar em movimento, e que independe de nomear a natureza do que retorna.

Sob o olhar deleuzeano, o eterno retorno é um movimento de repetição que não se dá em ciclo, visto que funciona na coexistência da diversidade de planos, por isso, é a síntese do diverso, do devir e do ser em devir. A hipótese cíclica trata de questões da ordem mecânica, do previsível, o que não lhe interessa, pois o conceito provoca o pensamento sobre a relação do ser humano e sua existência, sobre o entendimento de vida e de morte. É uma proposição de refutar a linearidade e à progressão do tempo, de

afirmar um amor à existência, à vida tal como a vivemos, e problematizar se valeria a pena repeti-la infinitas vezes. Esta vida, ela mesma, sem recortes, excertos, negações, e não outra. A afirmação de cada dor, de cada angústia, deve ter a mesma intensidade da afirmação de cada alegria, de cada amor. A vida se liga diretamente àquilo que pode, à sua potência, quando deixa de pensar em outros mundos, quando para de desejar outro curso para o que foi.

O pensamento do eterno retorno é propulsão ao ser humano, de movimento, de criação de uma outra maneira de viver, de uma busca pela eternidade deste mundo e não de um mundo utópico, operando uma mudança de perspectiva capaz de encontrar outras formas de dar sentidos às coisas. Esta capacidade de criar e de atribuir sentido à sua própria vida é o que justificará a existência de cada um. O eterno retorno potencializa a vontade criadora, a vontade de potência.

Na maior parte dos casos, as pessoas não sabem que voltarão a viver suas vidas. Comerciantes não sabem que farão negócio várias vezes. Políticos não sabem que gritarão da mesma tribuna um número infinito de vezes nos ciclos do tempo. Pais e mães conservam na memória a primeira risada de seu filho como se nunca mais fossem ouvi-la. Amantes, ao fazer amor pela primeira vez, despem-se timidamente, mostram-se surpresos com a coxa acolhedora, o frágil bico do seio. Como podem saber que cada olhar secreto, cada toque, serão repetidos e de novo repetidos, exatamente como antes? (LIGHTMAN, 2014, p. 8).

Como reagiríamos se soubéssemos que não há mais nada além desta vida e que a mesma retornaria eternamente? O que desejaríamos que retornasse por mais incontáveis vezes? O que nos moveria a querer viver tudo outra vez? Para pensar em respostas propositivas, é preciso deslocar as justificativas e possíveis conformismos, olhar para a vida de forma afirmativa, produzir sentido por si mesmo, nos tornarmos criadores dos próprios valores. Compreender que este retorno jamais será do mesmo, tampouco, de um movimento de julgar, classificando entre 'erros' e 'acertos' o que foi vivido, ou o que pretendia fazer e não conseguiu, mas que agora será possível.

IMAGINE UM MUNDO EM QUE AS PESSOAS VIVEM APENAS UM DIA

Neste mundo em que a duração de uma vida humana não passa de um dia, as pessoas prestam atenção no tempo como gatos sintonizam suas antenas nos ruídos do sótão.

Pois não há tempo a perder. Nascimento, escola, romances, casamento, profissão, velhice, tudo precisa caber em uma trajetória do sol, uma modulação de luz. Quando as pessoas se cruzam na rua, tocam levemente seus chapéus e prosseguem apressadamente seus caminhos. Quando visitam ou são visitadas, perguntam umas às outras como vão de saúde e então retomam seus afazeres.

Quando se reúnem em cafés, observam nervosamente as mudanças das sombras e não se demoram. O tempo é precioso demais.

Uma vida é um momento em uma estação. Uma vida é precipitação de neve. Uma vida é um dia de outono. Uma vida é uma delicada faixa de luz sendo rapidamente devorada pela penumbra quando se fecha uma porta.

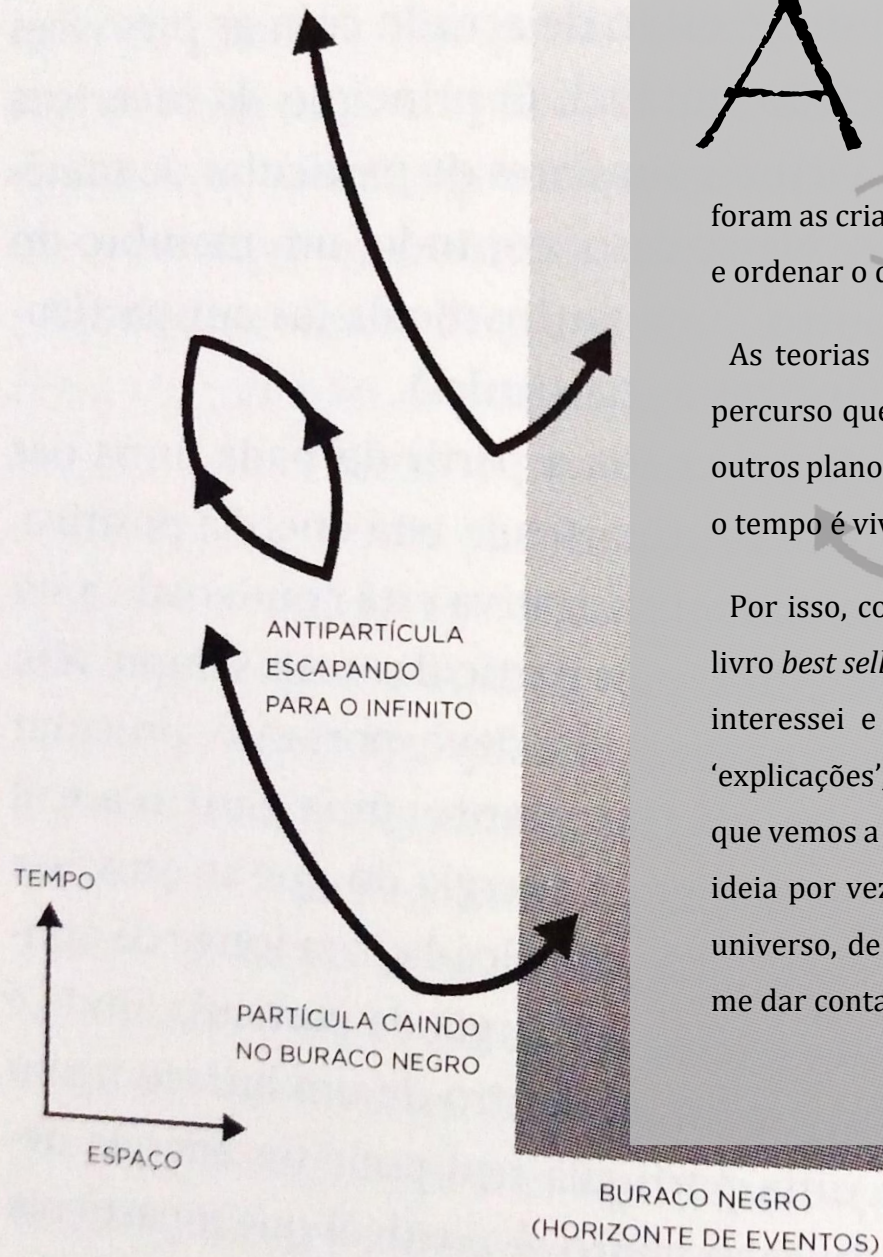
Uma vida é fugaz movimento de braços e pernas. Quando chega a velhice, na luz ou na escuridão, uma pessoa descobre que não conhece ninguém. Não houve tempo

(LIGHTMAN, 2014, p. 63-64).



evolução evolução criadora

Devir e a involução criadora



Ao me ocupar de pensar o tempo, fui tomada por forças de outros campos, outros planos conceituais, considerando que o tempo foi pensado não só pela metafísica. A ciência e a religião também buscaram explicações que pudessem tornar esse fenômeno inteligível aos humanos, e uma das vias foram as criações em torno de convenções sobre os modos de representar, mensurar e ordenar o que nos acontecia.

As teorias que a ciência assumiu para observar o tempo me fizeram pensar no percurso que tracei na tese, pois o que me capturou foi a possibilidade de olhar de outros planos tais teorias para então traçar algumas aproximações com o modo como o tempo é vivido, experienciado e articulado nos dias de hoje.

Por isso, conto que em um certo dia, ao longo do percurso de doutoramento, um livro *best seller* da ciência chegou até mim, como sugestão de leitura. De imediato me interessei e confesso que iniciei as leituras na tentativa de encontrar algumas 'explicações', pois assim como a humanidade preocupou-se em extrair um sentido do que vemos a nossa volta, e encontrar uma resposta para a natureza do universo, essa ideia por vezes me tomou, e me direcionou a querer compreender nosso lugar no universo, de onde ele e nós viemos. Inquietação que perduraria principalmente ao me dar conta das construções de imagens para o mundo que foram criadas.

As primeiras tentativas teóricas de descrever o universo envolviam a ideia de que os eventos e fenômenos naturais eram controlados por espíritos com emoções humanas e agiam de modo muito humano e imprevisível. Esses espíritos habitavam os objetos naturais, como rios e montanhas, incluindo os corpos celestes, como o Sol e a Lua (HAWKING, 2015, p. 226).

Por sua vez, é preciso considerar que, para a ciência, enquanto área que se ocupa em criar teorias a partir de observações e tentativas de prever eventos, questões sobre o universo, como ele teria um início no tempo e se seria limitado no espaço, foram incessantemente pensadas e discutidas. As leis que surgiram sobre o tempo advêm desses estudos de observação do universo e o seu surgimento, e atravessam as noções comuns que estabelecemos.

Ainda que a ciência demarcasse seu modo de estudar os fenômenos, muitas afirmações perpassaram outros campos, como as ideias dos filósofos gregos sobre a criação do universo. Para eles essa teoria da criação não foi bem aceita, pois se aproximaria demais de uma noção de intervenção divina. Eles afirmavam que os humanos e o mundo ao seu redor sempre existiram e sempre existiriam, e que todas as leis do universo surgiriam através do puro pensamento e não da necessidade de observação. A partir dessa premissa, Aristóteles concluiu que um corpo em seu estado natural estaria em repouso, movendo-se apenas se impelido por uma força ou um impulso, como no caso da Terra, que seria uma esfera redonda e estacionária, onde o Sol, a Lua, os planetas e as estrelas mover-se-iam em órbitas circulares ao seu redor.

Para o campo científico, o pensamento aristotélico foi rechaçado a partir das leis de Newton que, sob influência dos estudos de Galileu, descobriram que os corpos estariam em movimento, e não em repouso como assim Aristóteles propôs. Newton e Galileu evidenciaram a não possibilidade de um padrão único de repouso, pois não seria possível determinar se dois eventos que aconteceriam em momentos diferentes teriam ocorrido na mesma posição no espaço.

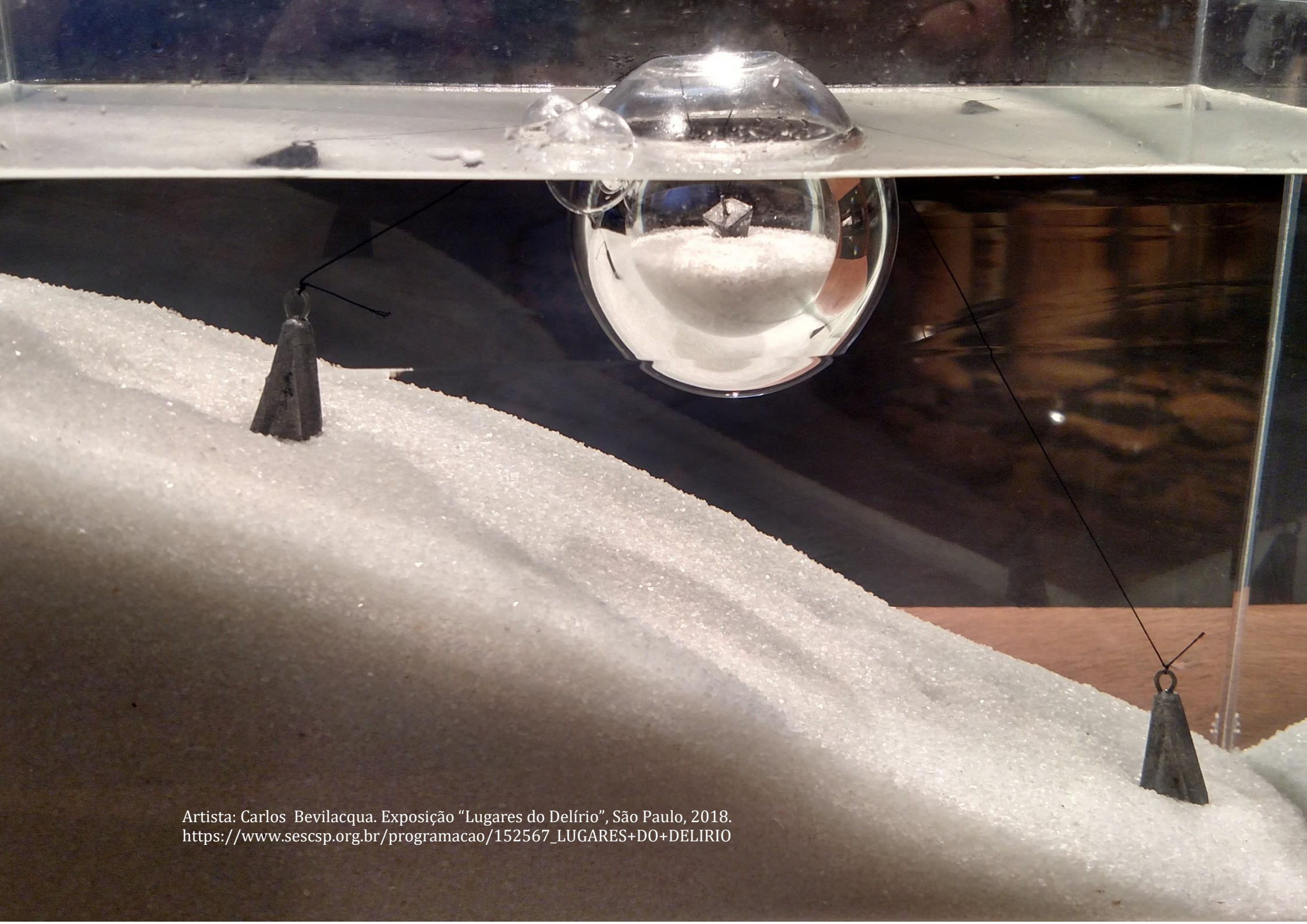
Embora defendessem diferentes teorias, Aristóteles e Newton atribuíram ao tempo à noção de 'absoluto', isto é, um tempo que existiria em si e por si, duração pura, autônomo dos objetos materiais e dos acontecimentos. Seria uma espécie de substância

separada e independente do espaço, imutável e autodeterminada. Por isso, acreditavam que seria possível medir, sem erro, o intervalo de tempo entre dois eventos e que, o mesmo aconteceria a despeito de quem o medisse, desde que usasse um relógio. Essa teoria marcou a ciência e os debates filosóficos por dois séculos (ANTUNES, 2009).

Portanto, na teoria de Newton “se um pulso luminoso for enviado de um ponto a outro, diferentes observadores concordarão com o tempo do trajeto, mas nem sempre concordarão quanto à distância viajada pela luz” (HAWKING, 2015, p. 34). Já para Einstein, em face da teoria da relatividade, põe-se um fim à ideia de tempo absoluto para afirmar a concepção de dependência do espaço e do tempo em relação à matéria em movimento (ANTUNES, 2009). Cada observador teria sua própria medição de tempo, registrada pelo relógio que usa, sendo que, relógios idênticos carregados por observadores diferentes não necessariamente estariam de acordo. Essa teoria nos impeliria a mudar de modo fundamental nossas ideias de espaço e tempo. O tempo não seria completamente independente do espaço, mas se combinaria a ele para formar um objeto chamado espaço-tempo.

Assim, Newton pôs fim a ideia de posição absoluta no espaço, e Einstein descartou a noção de tempo absoluto, na qual cada indivíduo passou a ter sua própria medida de tempo, que dependeria de onde ele se encontraria e como estaria se movendo. Por conseguinte, é preciso ratificar que antes dessas teorias científicas, o espaço e o tempo eram vistos como um palco fixo, onde os eventos ocorriam e não eram afetados pelo que acontecia nele. Os corpos se moviam, as forças atraíam e repeliam, porém, o tempo e o espaço simplesmente permaneciam inalterados. Era natural pensar que ambos prosseguissem eternamente (HAWKING, 2015).

Dessa forma, a partir da teoria da relatividade, espaço e tempo passaram a ser quantidades dinâmicas, isto é, espaço e tempo não apenas passaram a afetar o modo como os corpos se movem, como também foram afetados por tudo o que acontece no universo. A ideia de um universo em essência e imutável que pudesse ter existido e continuasse a existir da mesma forma (precisaria ser imposto ao universo por um ser exterior) foi substituída pela ideia de um universo dinâmico e em expansão (onde um fenômeno físico pudesse explicar o início, chamado de Big Bang). O tempo passou a ser um conceito mais pessoal, relacionado ao observador que o media, isto é, não mais uma medida de tempo única com que todos os observadores concordariam.



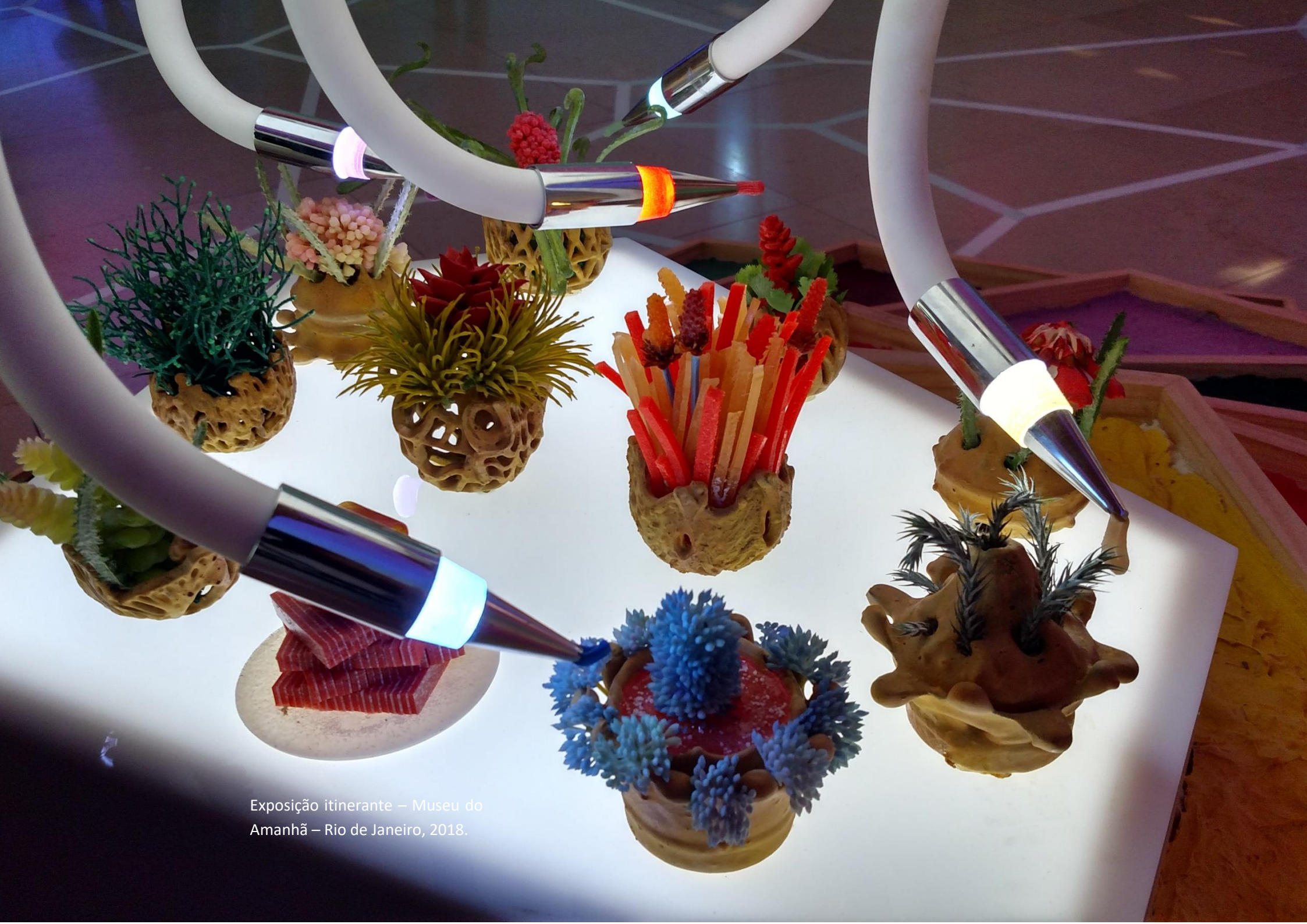
Artista: Carlos Bevilacqua. Exposição "Lugares do Delírio", São Paulo, 2018.
https://www.sescsp.org.br/programacao/152567_LUGARES+DO+DELIRIO

O investimento em transitar pela filosofia e pela ciência tomou mais fôlego após a qualificação do projeto de tese, onde passei a pensar, junto com os apontamentos da banca, que me provocaram a olhar ainda mais para o que garimpei, considerando que, dentre os heterogêneos, apresentei algumas imagens que poderiam nos convocar a pensar na hibridização de seres, tais como o arranjo que fiz das moedas sobre os fungos.

As fotografias produzidas foram movimentos em que me pus a pensar na extensão que o tempo poderia assumir com imagens, problematizando como tornar visível ou exprimível a potência criadora do tempo na sua duração em uma pesquisa em educação. O gesto amoroso de atenção às coisas não se deu somente pelo que ouvia, lia ou sentia, mas também pelo que via. A pretensão foi olhar ao entorno, e do que dele poderia recolher: casas, viagens, locais de estudo e trabalho, tudo se tornou um laboratório para que a tese pudesse acontecer em meio à vida.

O abandono da figuração e o desvio das formas representativas de lidar com o tempo, e mesmo com outras formas de vida, de existência, fez com que o gesto de fotografar se concentrasse em micro-heterogeneidades, produzidas nas aproximações, nos recortes, variações e desmontagens das imagens, que por vezes pudessem confundir ou privar o uso da inteligência ao tentar reconhecer alguma forma. Foi curioso perceber que ao trabalhar com escalas de dimensões e proporções diferentes, as coextensividades tornavam-se mais evidentes. Foram os arranjos propositais ou inusitados que me fizeram problematizar as formas visíveis e não-visíveis dos seres de acordo com as combinações.

Tomei como contraponto da teoria evolutiva darwinista, esta que pensa a partir da seleção natural das espécies por evolução de descendências ou filiações, da passagem dos seres mais simples aos mais complexos, ou ainda, da vida 'não-inteligente' à 'inteligente', o neoevolucionismo proposto por Deleuze e Guattari (2012), como ciência que pensa os seres fora de determinadas classificações, características e heranças genéticas, para pensar o que é possível formar na aliança de heterogêneos.



Exposição itinerante – Museu do Amanhã – Rio de Janeiro, 2018.

Foram dessas disjunções entre entidades vivas e não-vivas que produzi elementos que aconteceram na pesquisa ao me aproximar do conceito de devir e da perspectiva da involução criadora (DELEUZE, GUATTARI, 2012), assumidas posteriormente à qualificação do projeto de tese. Em Mil Platôs, volume quatro, Deleuze e Guattari (2012) afirmam que o conceito de devir se produz na relação de coexistência, a partir da ideia bergsoniana de duração. Logo, não mais organiza os seres em espécies, em séries e suas possíveis combinações pelas semelhanças ou diferenças, mas pelas simbioses, alianças, pelo que é possível compor, criar e agrupar com o outro.

Deleuze e Guattari (2012, p.19) chamam de involução “a evolução que se faz entre heterogêneos”. Para os autores, “O devir é involutivo, e a involução é criadora” (*Ibidem*). Ainda, é preciso lembrar que o devir não é parecer, ser, equivaler, nem produzir, mas, antes, é aliança não-filiativa com o que se puder fazer, com o imprevisível, com o não prescrito. Assim, a lógica linear e progressista cede lugar ao acontecimento. Há, na pesquisa, portanto, simbioses entre os heterogêneos garimpados, entre a ampulheta do tempo e as plantas, entre as moedas e os fungos, entre os musgos e as esculturas, entre as louças e a terra, entre o feijão e o algodão...

Se Duchamp propôs o deslocamento de um objeto de seu contexto e de sua utilidade (*ready mades*), para espaços de arte legitimados, por que não poderia propor numa tese em educação, pensar as coextensividades do tempo, já que o exercício que legitima o título são as linhas da própria pesquisa?

Ao me colocar à espreita enquanto pesquisadora-garimpeira, fui sendo capturada por heterogêneos e pelo movimento de acolher o imprevisível, por isso, senti que precisava trazer também algumas imagens de registros de exposições artísticas que visitei ao longo do doutorado. As imagens das páginas 80 e 82⁶ são trabalhos que a mim sucumbem ordens, categorias, até mesmo

⁶ “E se todos os trabalhos fossem hipercriativos? E se todo trabalho fosse por temporada? E se você só trabalhasse com o que gosta de fazer? E se você pudesse acessar mais camadas da sua mente? A partir do dia 19 de setembro, o Museu do Amanhã, gerido pelo Instituto de Desenvolvimento e Gestão (IDG), inaugura sua nova exposição ‘Ofisuka 2068 – Imaginando um Futuro do Trabalho’ e convida os visitantes a descobrir um futuro possível para a vida profissional 50 anos adiante. Esse futuro, em particular, foi imaginado por designers do Instituto Europeo di Design (IED), pela equipe do Laboratório de Atividades do Amanhã | LAA, espaço apresentado pelo Santander, e por jovens, que provavelmente testemunharão esse futuro, no qual estima-se que 65% das crianças que hoje estão

daquelas que enquadram o que é ou não arte. Antes de querer descrevê-las e falar sobre quem as produziu, nomear as obras ou ainda as exposições, convoquei para junto do texto na pretensão de tensionar, o que por ora, pudesse parecer notas de estudo sobre teorias científicas e filosóficas. Embora tenha percebido que os atravessamentos entre ciência, filosofia e arte não aconteceram ao acaso, penso que não foram movimentos propositais, mas resquícius das leituras que foram realizadas, mais específico do livro ‘O que é a filosofia?’ (DELEUZE, GUATTARI, 2010).

Nesta obra, Deleuze e Guattari (2010) traçam aproximações entre as três pedagogias, a tal ponto de nomearem um dos capítulos de ‘Filosofia, Ciência Lógica e Arte’. Para os autores, elas “[...] só são possíveis, se cada uma das disciplinas, por sua conta, está numa relação essencial com o Não que a ela concerne” (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 279). Cada disciplina, a seu modo, estaria em relação com um negativo, pois para eles “não se trata de dizer somente que a arte deve nos formar, nos despertar, nos ensinar a sentir, nós que não somos artistas — e a filosofia ensinar-nos a conceber, e a ciência a conhecer” (*Ibidem*). O negativo não é tomado nem como começo, nem como fim, mas em cada instante de seu devir ou de seu desenvolvimento. Portanto, a filosofia precisaria de uma não-filosofia, de uma compreensão não-filosófica para ser operada, assim como a arte precisaria da não-arte e a ciência da não-ciência (DELEUZE, GUATTARI, 2010).

Me parece que os movimentos que realizam são ações para tornar ‘menores’ os modos como os conhecimentos são generalizados em áreas. Para Deleuze e Guattari (2010), essas três disciplinas não seriam como as religiões “que invocam dinastias de deuses, ou a epifania de um deus único, para pintar sobre o guarda-sol um firmamento, como as figuras de uma Urdoxa

na escola primária irão desempenhar atividades ainda não existentes. ‘Buscamos inspiração numa espécie de futuro preferível, dentre os muitos caminhos possíveis. Partimos da premissa de que 50 anos à frente as questões econômicas e sociais mais evidentes já tenham sido equacionadas e apostamos nas tendências incipientes que estão surgindo e que dependem das escolhas que faremos como sociedade’, explica Marcela Sabino, curadora da exposição e diretora do LAA. ‘A exposição é, antes de mais nada, uma provocação a imaginar e a criar um amanhã além das narrativas sobre automação extrema e desemprego tecnológico, que dominam as manchetes de hoje. O exercício que fizemos uniu criatividade e ciência para construir uma ideia de futuro do trabalho que fosse mais positiva do que aquelas que vemos nos cinemas e na ficção científica’, complementa”. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/exposicao-temporaria-ofisuka-2068-imaginando-um-futuro-do-trabalho>.

de onde derivariam nossas opiniões” (p. 260), mas requereriam que rasguemos o firmamento, as verdades universais, para operar com uma ciência, filosofia e arte em suas variações, enquanto substantivos comuns.

Há em comum, entre as três pedagogias, um modo de pensar o tempo que não se satisfaz por sucessão, linearidade e nem progressão, mas por coexistência. Talvez tenham sido esses apontamentos que me capturaram, em específico quando Deleuze e Guattari propuseram que:

O tempo filosófico é assim um grandioso tempo de coexistência, que não exclui o antes e o depois, mas os superpõe numa ordem estratigráfica. É um devir infinito da filosofia, que atravessa sua história mas não se confunde com ela. A vida dos filósofos, e o mais exterior de sua obra, obedece a leis de sucessão ordinária; mas seus nomes próprios coexistem e brilham, seja como pontos luminosos que nos fazem repassar pelos componentes de um conceito, seja como os pontos cardeais de uma camada ou de uma folha que não deixam de visitar-nos, como estrelas mortas cuja luz é mais viva que nunca. A filosofia é devir, não história; ela é coexistência de planos, não sucessão de sistemas (DELEUZE, GUATTARI, 2010, p. 78).

Investir em uma ecologia do espírito, isto é, em um conjunto da natureza que não se limita as ordens e ao mais mortal dos seres, homem adâmico, para superar a pessoa-sujeito, o indivíduo; abrir-se ao não humano do homem, ao desumano, ao “universo múltiplo, como um imenso sujeito eclodido: caosmos e devir aos mil afectos e desejos, inocência do devir, devir do pensamento trespassado por um eterno retorno, que não ‘faz retornar tudo’, nem se deixa encurralar pela representação” (LINS, 2005, p. 1235-1236); liberar o desejo, abrir-se a outros devires, ao que escapa das mãos.

[...] não atropelar o tempo próprio da imaginação criadora, para evitar o risco de interromper a germinação de um mundo. Tal interrupção torna a imaginação vulnerável a deixar-se expropriar pelo regime colonial-cafetenístico que a desvia de seu destino ético. É nesse desvio que ela é capturada, e tende a submeter-se ao imaginário que tal regime nos impõe sedutoramente, o que a torna totalmente estéril. É que no lugar da criação do exercício do novo (exigido pela vida), a imaginação passa a reduzir-se ao exercício de sua capacidade criativa (dissociada da vida) para produzir novidades, as quais multiplicam as oportunidades para os investimentos de capital e excitam a vontade de consumo numa velocidade exponencial” (ROLNIK, 2018, p. 196).

O tempo que um fungo leva para se proliferar em algum lugar pode ser o mesmo que uma fruta leva para apodrecer em outro. O tempo que um temporal leva para se acalmar, pode ser o mesmo que duas pessoas levam para se apaixonar. O tempo que um artista leva para produzir uma escultura pode ser o mesmo que um pingo de chuva leva para deslizar pelo vidro de uma janela, ou ainda, uma madeira ser devorada por cupins, a chuva encher um rio, a evaporação formar as nuvens...

A coexistência de acontecimentos e a criação, dizem muito sobre uma sala de aula, sobre uma docência e os tempos que coexistem nela. É preciso evitar a interrupção do que se quer germinar em seu tempo, para dar espaço ao que brota em meio à criação do novo, tempos esquizos, paranóicos, inúteis, estéreis. Talvez a educação possa beber disso, de coextensividades que dão vazão às máquinas de estado e seus regimes coloniais-cafetenísticos, que fabricam tempos em larga escala.

Heterogeneous

Heterogêneos: materialidades

Heterogêneo 1 – perdendo tempo em uma aula

Garimpar em um espaço escolar é um exercício difícil, visto que, o ritmo acelerado com que vivemos a docência requer alguma sistematização, um pouco do pensar e mais do fazer. Na garimpagem apreende-se de tudo para produzir preciosidades, que nem sempre são experiências que nos agradam.

“Em uma turma de 9º ano, de uma escola estadual de São Sepé, propus o exercício de pensarmos sobre alguns temas relacionados a arte, para discutirmos e compartilharmos os posicionamentos a respeito do assunto. No entanto, a proposta foi vista pelos estudantes como ‘perda de tempo’, pois não seriam conteúdos, tampouco uma aula de artes visuais, visto que, ‘nada’ teria sido produzido (obra física). Ainda, naquela situação, muitos não se propuseram ao exercício de pensar sobre o proposto” [fragmentos de escrita da pesquisadora].

Deparei-me com a concepção de educação como transmissão de conteúdos e a necessidade de haver um produto. Em meio à situação, me pus a pensar: como se produziu essa noção de tempo de aula como certo preenchimento, mas preencher com o que? Por que pensar

foi visto como improdutivo? O que é que não se produz, nesse caso, em uma aula de artes? O que é esse tempo de pensar? Ele acontece isolado das demais práticas? Ou simplesmente ele não acontece?... Podemos arranjar um tempo para dar tempo a uma perda de tempo? Podemos em meio ao cotidiano tomar a ampolheta do tempo para erguer a cabeça um instante?

É sabido de que dispomos de um determinado tempo para uma aula, pré-determinado por um sistema educacional, muito embora, tenha notado uma maior flexibilidade no ensino superior em relação à educação básica, me inquieta pensar que todas as aulas tenham de acontecer nessa cronologia estabelecida.

Mas também me inquieta, sobretudo nessa passagem, o distanciamento dos estudantes em relação aos saberes cujos valores não estão em um fim utilitarista. No livro “A utilidade do inútil” de Ordine (2016), há um oximoro que opera em desconstruir a concepção de que os saberes que não trazem lucro são inúteis. A inversão que o autor elabora é a de que existem saberes que têm um fim em si mesmo,

por estarem afastados de um vínculo prático e comercial, gerando crescimento cultural, espiritual e humano.

No entanto, percebo que essa máquina produtivista está muito bem implementada e em pleno funcionamento de corpos nas escolas. Não só para os estudantes, mas a docência incorporou em sua prática uma máxima de aproveitamento do tempo como sinônimo de ocupação e excesso de atividades.

As engrenagens que põe em funcionamento as instituições educacionais podem ser desprogramadas se mudarmos o olhar para o tempo e a educação e os tomarmos como peças inúteis, segundo a concepção lançada por Ordine (2016). Não visando apenas um produto, não gerando apenas um lucro e não podendo ser comprados apenas pela moeda comercial. Logo, além de transitarem pelo capital financeiro, comporiam um capital humano intransferível, singular, e necessário, assim como as funções vitais essenciais para viver: “respirar é viver e não fugir da vida” (ORDINE, 2016, p. 19). O tempo é esse devir imperceptível, vida que excede a própria vida mesmo sendo imanente à ela, é energia que circula de forma invisível.

Na pequenez de uma ampulheta do tempo, deitada sobre o verde de uma planta, os grãos se tornam ainda mais miúdos, quase imperceptíveis. Dividem-se ora para um lado, ora para outro, não mais disputando os rumos que tomarão e suas divisões temporais. Não querem mais se afunilar por um movimento vertical, querem brotar em meio à grama e então vazar para outros sentidos e fluxos. Na horizontalidade condensam o tempo, desaceleram-no para se espriar, mesmo que ainda assumam o formato do recipiente, e o mesmo seja preciso para não se dissiparem no espaço, no caos.

Não há mais equilíbrio do tempo, apenas lentidões que produzem simbioses. Tempo-grãos-folhas, alianças possíveis diante das transparências do artefato, das camadas que perfuram planos, a partir do lugar que se olha. As folhas estão perto e longe, dentro e fora, coexistindo com as granulações, nos espaços-tempos da ampulheta. Deitar-se, a fez ganhar tempo, no encontro com o imprevisível do entorno, na destituição de sua função, que agora não serve mais para medir o tempo daqueles que correm contra ele, mas para mover-se diante do crescimento ou morte de uma planta. Quem sabe, ainda, se irá se mover caso uma chuva

torrencial a atinja, flutuando sobre a grama até que a água seja absorvida novamente, e assuma outro lugar para existir. Não sei precisar quanto tempo levará, pois não há números que deem conta de tantas circunstâncias.

Já as rosas vermelhas que decoram as xícaras, são as preferidas de minha mãe. Ao encontrar as porcelanas envoltas em uma sacola rasgada no canto inferior esquerdo, cobertas por camadas de terra, saltei a um tempo em que eram usadas com mais frequência por aquelas pessoas que paravam os ponteiros do relógio para sentar-se à mesa. Tomavam alguns goles de chá ou café, e trocavam um bocadinho de prosa, o que hoje não faz tanto sentido. As louças não estão mais sobre as mesas, mas em balcões, cristaleiras, prateleiras, guardadas em locais que as caracterizam como um enfeite, como peças decorativas ou como quinquilharias. O ritual de utilizar tais objetos cede lugar a um copo e uma colher descartáveis, tomados enquanto se corre de um lado para o outro, e o café (mais consumido que o chá) é um líquido presumido para apaziguar o cansaço de um corpo que pede socorro e algumas horas de sono.

Que tal inserir este papel em uma página dentro de algum livro da biblioteca relacionado à educação? E se fosse colocá-lo em um mural de algum espaço educativo? Invente alguma interferência em um espaço...

Compartilhe as experimentações que realizou enviando um e-mail para: coextensividade@gmail.com



Assim...

- Perca tempo com uma fala que surja de um estudante e que possa potencializar uma conversa;
 - Perca tempo com propostas que apostem na desconstrução de determinados conceitos e visões sistemáticas, modelos de pensamento;
 - Perca tempo com outras formas de trabalhar com os livros didáticos;
 - Perca tempo oferecendo momentos de leitura, escrita e conversas coletivas;
 - Perca tempo ouvindo os estudantes, nas suas inquietudes, nos seus desejos, sobre suas histórias;
 - Perca tempo oferecendo silêncios, esquecimentos, fragmentações;
 - Perca tempo lançando problematizações, instalando dúvidas, mais do que respostas e informações;
 - Perca tempo esquecendo do próprio tempo cronológico, rompendo ritmos, oferecendo lentidões para acelerar quando necessário;
 - Perca tempo inventando arranjos para os currículos;
 - Perca tempo com o inesperado, sons, gestos, com o gosto de um bolo saboreado coletivamente.
- Dê tempo para a produção de tempos subjetivos.

Heterogêneo 2 – a passagem do tempo...

“Qual o nosso legado? O que vamos deixar desta vida que será uma marca que perdurará ao longo do tempo?...” [fala de um acadêmico do curso de artes visuais];

“O tempo é sempre presente. Há dois tempos: o cronológico e o psicológico (a ideia de futuro atrapalha nossa percepção)” [fala de um acadêmico do curso de artes visuais];

Preocupamo-nos com os resultados desse tempo que passa, com a **vitalidade** das coisas (outra convenção para mensurar). Nos detemos em grandes eventos e efeitos majoritários desse tempo, que por eventualidades podem afetar a produção e rendimento... de um objeto; de um local; de uma pessoa; de uma existência...

Preocupamo-nos se a pele já não está tão enrijecida como era, se o tato já não sente o que sentia, se os olhos embaçam, desfocam a realidade e já não se vê o que se via, se a árvore não produz tantos frutos como produzia, se a madeira cedeu devido à ação dos cupins, da umidade ou de outras intempéries e já não comporta mais a função que tinha (pouco nos importa o que brotou, nasceu e agiu nessa madeira), como

a **vida** pode se tornar outra, visto que não funciona mais do mesmo modo. Preocupamo-nos em comparar o antes com o depois a partir dos referenciais de vigor das coisas, de sua capacidade de viver, e pouco olhamos para os intervalos, os interstícios, para o tempo que coexiste na passagem do tempo, para o que se cria e que não pertence a um antes, tampouco a um depois.

Há entidades vivas ou não, que são produzidas nesse ‘tempo passageiro’, são involuções criadoras sobre as matérias: plantas que brotam associando-se a outros elementos, arranjos de colônias de fungos, mutações de seres minoritários, muitas vezes imperceptíveis. As ferrugens, por exemplo, se alastram em superfícies sem formas definidas e em incontáveis tons, já não estão separadas da matéria que se agruparam. Acabam por compor com o material, fazendo dele outra coisa, esfacelando a rigidez de um plástico moldado, de uma placa de metal ou alumínio que parecia ter assumido uma única cor e forma por toda sua existência.

Os musgos também são organismos que realizam intervenções em seres vivos e não-vivos, até mesmo em matérias estáticas que existem do mesmo modo há um longo tempo cronológico, como o registro que realizei, das esculturas

em terracota. Eles reinventam paisagens, sobrevivem sob condições ambientais adversas, resistindo a temperaturas extremas, na sua capacidade em suportar a falta de água, ou se proliferando em ambientes úmidos. Em todos os casos, ocupam os mais variados tipos de ambientes, pois vivem coletivamente, se abastecem desse tempo que passa, fazem dele uma forma afirmativa de existência.

As colônias de fungos não divergem dessa noção, pois somente se tornam visíveis ao passar de um determinado tempo. Manifestam-se quando se apropriam de uma matéria esquecida, um tanto parada. Assim, 'a passagem do tempo' faz pensar que já somos outros, quando um outro organismo se instala e reconfigura outra vida no mesmo ser. Pelas matérias sofrerem tais transformações, não há um modo comparativo de olhar, isto é, um movimento de pensar o que melhorou ou piorou, mas afirmação do outro que se produziu, que recombina, que se compôs em sua coextensividade.

Assim, talvez o legado seja a potência do tempo que ao passar, difere de si mesmo durante a sua passagem, e que possibilita diversas alianças, composições, criações, de outras vidas produzidas dentro de um mesmo ser. Trata-se de olhar para essas modificações de forma propositiva, nem pelo

progresso e nem por sua perda funcional, mas pela invenção sobre o que já existia.





Heterogêneo 3 – acontecimento...

“Tempo que engole tudo...” [fala de um acadêmico do curso de artes visuais]

Tente engolir, antes de ser engolido (pensei e escrevi sobre o tempo, sobre essa fala... embora não sei se diria a ele, para não soar como convencimento).

A docência tem me proposto uma prática de invenção com o tempo. De tentar desajustar as possíveis engrenagens desse relógio abstrato para pensar outras possibilidades diante da representação cronológica que vivemos. Conjecturar que algo possa acontecer, fazer com que os ponteiros desacelerem, parem, ou possam fazer o pensamento voar.

Em uma aula, talvez as tentativas sejam de não escorregarmos na repetição do mesmo, para não deixarmos passar um segundo sequer, que não fora aproveitado... mas de que proveito estamos falando? Do temporar, tempo do acontecimento, produção de sentidos para o aqui e agora.

Ao lançar-me nesse recorte de espaço-tempo de mundo, de muitos, para que uma aula possa acontecer, alguns encontros possam se dar, algo possa ser movimentado, foi também preciso esquecer-me de um tempo **exterior** a esse espaço-tempo, esquecer-me de racionalizar uma aula (ao menos durante todo o espaço-tempo que estive com os estudantes), uma vida, uma educação, esquecer-me de saberes para aprender outros, ao ser arrastada pelas contingências, pelo abandono de algumas certezas e possíveis verdades.

Tecer tais relações na docência tem sido um exercício de criar estratégias, realizando outros funcionamentos, tais como afastar-me da **tensão** em ter o controle do tempo de fala e de escuta, e do incômodo gerado quando os olhares percorrem outras paisagens, se dispersam e se expandem.

Diante do aproveitamento fabril, de linha de produção, e do ritmo acelerado engendrado às noções de aula e da quantificação de elementos e conteúdos, a **extensão** trata disso, do que escorre pelos orifícios de um espaço-tempo de aula e que a docência não contém, pois são vaporizados em olhares, falas, gestos, pensamentos, escritas, imagens, contatos, odores... incorporais. O que se expande não é o que

necessariamente ultrapassa o espaço físico de uma sala de aula (podemos estar parados em um mesmo local). Mas a extensão funciona no pensamento, portanto, ultrapassa a cronologia de um determinado início e fim.

Para tanto, foi preciso varrer resquícios de algumas metodologias ‘aprendidas’ por mim, durante a formação docente e em atuação nas escolas, quando escutei frases tais como: ‘leve mais atividades, para não deixar os estudantes ociosos, sem ter o que fazer, pois assim a bagunça acontece. Deixá-los sem fazer nada trará como resultado conversas excessivas, e um descontrole da aula’. ‘Lembre-se que haverá aqueles estudantes que terminarão antes as propostas, leve sempre algumas atividades extras para preencher o tempo deles, e assim, não atrapalharão os demais’.

Ainda impregnada por esses discursos, vou aos poucos desvestindo essas docências que saturam um tempo de aula, que sufocam os estudantes e os professores diante do excesso de atividades e de falas, deixando de pensar nas subjetivações de tempos produzidos e lançados pelos próprios estudantes. Tenho assim, deixado lacunas nesse tempo de uma aula,

garimpado uma multiplicidade de tempos que coexistem nesse espaço.

Ser engolido pelo tempo (fala do estudante – heterogêneo 3), diz respeito a querer dar conta da sua passagem atendendo a essa convenção de sucessão. E quanto a uma aula, ainda que planejem pensando em sua sucessão, haja vista que mesmo entendendo-a como um acontecimento, como uma matéria em movimento, “ela é uma longa preparação para termos alguns minutos de inspiração” (DELEUZE, 1988-1989), portanto, podemos arranjar formas para que nosso tempo entre em zonas de aproximação com os tempos diversos que coexistem.

Diante dessas práticas que compõe a atuação docente, “alguém me responda por favor: quando é que uma experiência acaba?” (PRECIOSA, 2010, p. 84), como prever o que vem antes ou depois a um encontro que vivemos? Como convencionar o que foi anterior e o que será posterior? O que pode esse presente ao estarmos tão preocupados com o antecessor e sucessor? Por que se ater a essas convenções se naquele instante algo nos acontece?

Resposta: engolir. Produzir uma cesura, puro instante, em que a sucessão se esfacela em pedaços tão pequeninos que perdemos de vista, onde nos importa o tempo em sua duração

e a tomada de consciência das experiências em sua singularidade, percebendo apenas os resquícios do que nos é coextensivo; os efeitos do tempo na vida.



Heterogêneo 4 – encontro com moedas...

“Tempo que passa, que engole, tempo que nos dita uma vida acelerada, falta de tempo para viver, falta de tempo para o lazer. Não damos conta deste tempo...” [fala de um acadêmico do curso de artes visuais];

“Tempo que é rei...” [fala de um acadêmico do curso de artes visuais];

“O universo uma casca de nós...” [fala de uma acadêmica do curso de pedagogia];

Coleções...

Há alguns anos, guardar dinheiro em casa era muito comum, seja em cofres ou locais improvisados e vistos como ‘seguros’. Nos dias de hoje o famoso esconderijo ‘embaixo do colchão’ é motivo de riso. De fato, as mudanças quanto as circulações de capital deram origem há várias histórias a serem contadas e pesquisadas, isso porque ao longo dos anos nossa relação mudou, talvez nunca se manuseou tão pouco as notas e moedas como nos dias de hoje.

Para meu avô, a instabilidade da moeda brasileira e a rapidez das mudanças comerciais, foram motivos plausíveis

para que começasse a guardar determinadas quantias de dinheiro em casa. Após um relativo período, a troca do cruzado para o cruzeiro acarretou a perda de validade da pequena riqueza, e esse montante que perdeu seu valor comercial, capital... ganhou em mim novo sentido, na forma de uma estimada coleção de moedas.

Vale notar que havia também certa preocupação em fazer algumas economias, uma lembrança muito presente dos períodos de convívio familiar na infância, oriundas de algumas características culturais herdadas dos antepassados. Ademais, me inquietava muito as poucas horas de lazer a que as famílias se destinavam, inclusive a minha. Comumente imprimiam um ritmo de vida e de trabalho extenuante, sempre buscando um modo de ‘aproveitar’ o tempo. Deste heterogêneo me pus a pensar: o que fazemos com o tempo que temos? Como o ‘investimos’, ‘gastamos’?

Ao ter um encontro com as moedas, ao garimpar por entre os objetos na casa de minha mãe, elas me capturaram, pararam meu olhar, e por alguns instantes me remeteram a essa rotina ‘pesada’ de trabalho, impressa nessa pequena

riqueza resultante do trabalho de meus avós. Não consegui parar de pensar sobre elas, porque respingaram no meu ritmo de trabalho, nas formas como venho investindo meu tempo, e em como a docência vem tomando conta de muitas horas de lazer.

Ressou também, enquanto uma problemática vigente do sistema sociocultural atual, que não difere do que vivenciaram meus avós, e do que vivenciam meus pais, uma vida abocanhada pela necessidade de produzir, de lucrar, de trabalhar...

As instituições compraram essa ideologia de utilidade das coisas, inclusive do tempo, e em nome dos interesses econômicos secundarizaram as disciplinas humanísticas, por exemplo, dentre elas o campo da educação e as práticas de pesquisa e de pensamento crítico, bem como, os processos de criação e a área da arte.

A lógica do lucro solapa as bases das instituições (escolas, universidades, centros de pesquisa, laboratórios, museus, bibliotecas, arquivos) e disciplinas (humanísticas e científicas) cujo valor deveria coincidir com o saber em si, independentemente da capacidade de produzir ganhos imediatos ou benefícios comerciais (ORDINE, 2016, p. 9-10).

Esta construção utilitarista fez e faz com que as pessoas naturalizem o ‘valor’ das coisas, onde um

[...] martelo vale mais que um violino, uma faca mais que um poema, uma chave de fenda mais que um quadro, porque é fácil compreender a eficácia de um utensílio, enquanto é mais difícil compreender para que podem servir a música, a literatura e a arte (ORDINE, 2016, p. 12).

Portanto, é possível pensarmos sobre a utilidade de outro lugar, torcer o sentido atribuído a própria palavra e o seu uso, foi o que Ordine (2016) problematizou ao trazer o oxímoro da utilidade do inútil. Para ele, trata-se da utilidade da vida, da criação e das causas existenciais, do estranhamento com as coisas que nos chegam prontas para consumir, até mesmo da repulsão para transpor tais questões vitais em produtos que possam gerar lucro, como a expressão ‘tempo é dinheiro’. O inútil cria-se sem atalhos, sem ganhar tempo, sem grandes investimentos. “É o que excede ao necessário, o que não é indispensável, o que ultrapassa o essencial” (ORDINE, 2016, p. 20).

As moedas saltitaram, remexeram, reviraram memórias, me possibilitaram inventar tempos para pensar no tempo de vida, no tempo de trabalho de meus avós e pais,

no investimento de um tempo que não gera lucro. Saltos que atualizam um passado e produzem sentidos, pois agora são moedas que apresentam valores imensuráveis, inúteis; o capital de que se está a falar é da ordem dos afetos, das experiências e das memórias.

Assim, olhei para os rostos decalcados nas moedas, de pessoas que nunca cheguei a conhecer e que representam uma casta histórica, soterrando os rostos daqueles que mais suaram para gerar lucro. Olhei para o desgaste de algumas delas, imaginando quantas barganhas realizaram, por quantas mãos passaram, dessas que nunca apertarei. Reparei em números que hoje representam outros valores comerciais. E tudo isso estava ali, no arredondamento de formas, feitas de prata, cobre, bronze, algumas mais espessas, outras mais finas, condensadas em um tempo que foi atualizado ao abrir a caixa, onde a coleção estava guardada, e afirmar a presença de lembranças que não eram minhas, mas que agora passaram a ser, sob os olhos de uma pessoa que acessa um mundo que nunca viveu.

Heterogêneo 5 - estética da existência...

*“Se fôssemos voltar no tempo, o que faríamos de diferente?”
[fala de uma professora do curso de artes visuais];*

“Enquanto poeirinha da poeira, trancada em um tempo que retorna, como passar pelos mesmos lugares e ainda assim tornarmo-nos outros a cada vez?

*Tempo que não escorre quando a ampulheta se deita...”
[questão levantada por uma colega do grupo da pós-graduação];*

“Que louco seria, se pudesse acordar todos os dias, como se fosse a primeira vez...”

Resisto, paro e penso, mas não há vida para além desta...?

Não terei a chance de viver mais uma vez uma outra vida?

Não terei a chance de mudar o que não me agradou?

Resisto, insisto, paro e penso, mas e esta vida, já se findou?

Deixei de viver neste mundo a espera de um outro?

O que faço aqui, com o tempo que me resta?” [escrita diário pessoal];

Olhar de modo inaugural para cada acontecimento. Investir na ação como potência inventiva, como agenciamento da própria vida. Andar por espaços rotineiros, à espreita de possíveis encontros. Acompanhar também os movimentos imperceptíveis e lentos, como o crescimento e a queda dos fios de cabelo, para que não nos assustemos quando as mudanças se tornarem visíveis.

As inquietações levantadas a partir das falas garimpadas, fizeram-me pensar no ínfimo de uma vida. Nos modos de **existência** e de como naturalizamos a lamentação e o arrependimento de algumas situações ocorridas, bem como, criamos expectativas e projeções de mudanças, mantendo-nos à espera de um retorno eficaz, e preferencialmente rápido.

Essa projeção, ou espera, me saltou aos olhos, fez-me pensar na educação, nas lamúrias e intenções que, muitas vezes, ignoram o que se vive, o que se tem latente. Algumas escolas por onde transitei, tem sido um espaço em constante mudança, que vem minoritariamente estabelecendo outros modos de existência, amenizando essa política de trabalhar sobre os erros e acertos, sobre um passado e um futuro, de modo a estabelecer um olhar para com o presente e fazer dele uma potência afirmativa.

As falas ressoaram nos modos como tenho atuado nos espaços que transito, e nas ações para com a vida. Me fizeram pensar no planejamento docente, e estabelecer um olhar inaugural, desdobrando-o em diferentes maneiras. Na observação de que apesar dos propósitos (de uma aula, ou até de uma vida), serem os mesmos, há possibilidades de

outros agenciamentos, de outras combinações, de outras configurações. Seremos atravessados por outros afetos, teremos outros encontros, caso estejamos abertos/abertas.

De tal modo, a pesquisa aposta em um pensamento que possa se desprender de um arrependimento do que fizemos ou deixamos de fazer, bem como de uma esperança de mudança e projeção no dia de amanhã ou em outra vida, de algumas revoluções, transformações. Trata-se de resistir nessa vida que se tem, no espaço educativo em que trabalhamos, e fazer deles uma morada, um ambiente em que se queira estar, em que se possa existir, respirar, que possa pulsar vidas e não apenas mecanizações e sistematizações de conteúdos, assuntos, saberes, discursos.

Portanto, o eterno retorno nietzschiano, a mim, diz muito sobre o tempo que vivemos, sobre a afirmação do acaso, da diferença, do múltiplo, do devir. Faz olhar para o que temos, para as possibilidades e criar com elas. Afinal, somos apenas poeirinha da poeira nesse mundo.

Que possamos tombar a ampulheta do tempo nas direções que nos potencializem, para viver uma vida e uma educação mais afirmativa, diante das contingências.

São desses encontros que quero falar, das andanças também por outros lugares, do que tem frescor de infância.

Entrava sem pressa na casa da vó. Descendo alguns degraus, avistava o porão, lugar de guardados. Eu chegava sempre outra, excitada de inquietude. Alguns objetos ficavam lá, não por estarem esquecidos, mas porque seu uso não era tão frequente. Foi lá que o moedor ficou, por alguns anos, depois da partida de minha vó. A falta de uso fez com que a ferrugem tomasse conta, principalmente dos cantos, das emendas, dos parafusos. A caixinha despertava interesse dos quatro netos, parecia um baú de segredos. A manivela que mexia conforme o movimento do braço, não parava nunca. Não tínhamos interesse em saber qual a funcionalidade do objeto, a peraltice estava em girar até o pulso cansar, e quanto mais rápido conseguíssemos.

Desejávamos abrir a tampa superior, e que de dentro dela pudesse sair algumas gomas, daquelas bem doces e macias, ou que encontrássemos alguns chicletes, na miúda gaveta que dava base ao artefato.

Mas de dentro só exalava um cheiro de madeira, canela, poeira e saudade. O desejo fervoroso era que as coisas, na

sua presença, nos espantassem, nos transportassem a outros tempos, não para viver como vivemos, mas para dizer mais algumas palavras, repetir as que já tinham sido ditas, talvez em um tom mais brando, mais amoroso. Era vital para nós, a vida com seus visíveis movimentos, cada qual girando como apetecia, nem de dentro, nem de fora. Entre. Sentido horário ou anti-horário, tudo se remexia a cada nova volta.





Heterogêneo 6 – dos tempos que (se) esgotam...

“Por que pararam de estudar? [perguntei para uma turma de 6º ano do ensino fundamental/EJA].

Eu comecei a trabalhar...

Eu me juntei, casei sabe?

Eu tive filhos...

Eu vou ser sincera, parei para ‘putiar’. Hoje sou casada, mas uma vez quando meu marido me traiu, quebrei a cara da mulher, e coloquei fogo na casa da mãe dele com ele junto.

Profe., sabia que teve uma briga na escola? (Marcia andou saindo com o marido de Vanessa e de Helena), é a fofoca da semana. Acho que ela vai parar de vir na aula.

Profe., passo o dia lixando carro, não quero pintar esse trabalho porque repete o que eu faço pintando carro.

Profe., os caras dizem ‘se tu fosse virgem’ eu ia te querer. Não é só por isso, a senhora não conhece esses aí...”

O tempo é linguagem. Multiplicidades que atravessam uma aula e racham sedimentos temporais, fazem vazar o épico, o acadêmico, o erudito, o formal, o culto. Irrompem os bons costumes e uma certa moral, trazendo o que há de vulgar de

toda ordem e a assepsia que a linguagem educada e polida tenta empregar.

Este tempo não cabe em um único modo de existência, ele solapa o que se pensa ser o tempo ideal para a educação, não se enquadra em uma linguagem, pois é contaminado pelas emoções e pelo **intensivo** de uma vida: tempo para uma gravidez não esperada, para morar com outras pessoas, para ‘trair’, para brigar, para ‘fofocar’, para trabalhar... são tempos e linguagens que constituem a escola e os nossos corpos.

Tenta-se limpar essas impurezas e detritos que emanam da vida e que coexistem nas linguagens, em prol de um ideal civilizatório de educação. Nega-se as invenções e fabricações de outros modos de nos comunicarmos, evidenciados nas conversas que partilhei, são falas que nos arrastam para tempos de vida que fogem do planejado (ou pelo menos de um lugar comum), e carregam saberes os quais o tempo escolar e acadêmico negligencia⁷.

⁷ Alguns trechos desta página foram escritos a partir de conversas com o parecer da Profa. Dra. Alice Copetti Dalmaso, membro interno da banca avaliadora.

Nas contingências dos encontros da pesquisadora-garimpeira, as capturas das falas ocorreram em momentos que estive mais aberta para ouvir, nos quais registrei palavras que ressoavam, ou ainda, falas recorrentes, destoantes, **intensas**, **tensas**, que me fizeram pensar nas situações de vida que acabara conhecendo, ou quem sabe me aproximando, eram outras formas de lidar com o tempo, formas de acolher outras prioridades para a vida, pois nem todos os estudantes estavam naquele espaço com o mesmo propósito (pretensão minha).

Descobri, em meio às conversas, que alguns buscavam se alfabetizar, outros dar continuidade a um estudo interrompido por motivos familiares ou por questões sociais, também havia casos em que o trabalho estava exigindo a formação, enfim, eram diferentes interesses que os movimentavam a estar na escola.

Quando uma docência se propõe a aprender, também acolhe outras formas de estar nesses espaços. Dessa forma, foi preciso desconstruir a visão que tinha sobre os estudos, por ser um interesse pessoal de querer ingressar no ensino superior, considerando que nem todos tinham essa mesma projeção.

Foi um exercício de abandonar ‘modelos’ de atuação docente para problematizar o que seria o ‘propósito’ da educação, garantir um bom futuro? O ingresso no ensino superior? Tornar os estudantes bons cidadãos? Questões que advém do que encontramos nas leis que regem a educação básica brasileira e que imprimem ‘modos’ de docência, de escola, de universidade.

Em um certo dia, ao sair dessa mesma escola em que trabalhava com a EJA, reli as anotações de algumas perguntas que fiz a eles, a saber: qual o caminho profissional que gostariam de seguir após concluir o ensino fundamental ou médio? Muitos deles responderam que gostariam de seguir exatamente o que os seus pais faziam, dirigir o caminhão do pai, por exemplo, trabalhar como doméstica igual a mãe, conseguir um trabalho no comércio e/ou abrir seu próprio negócio. Em um primeiro momento, me senti um tanto frustrada, porque pensei muito na docência como quem apresenta outras possibilidades para a vida dos estudantes, outras formas de olhar para o mundo. Ver que muitos pareciam desejosos em se conformar ao mesmo local social e profissional onde se inseriam, me trouxe desconforto, mas também me possibilitou pensar nas leituras que vinha fazendo

para a tese e reparar sobre os modos como a maquinaria educacional funciona quanto às formas de pensamento sobre o futuro.

A escola é um dos primeiros espaços educativos que formata/programa nossa forma de olhar, de pensar e de viver o tempo. Ela busca uma homogeneização sobre o tempo de estudo, de ingresso e de formação dos estudantes. Quando essas demandas fogem do controle, instala-se um problema, a tentativa por encontrar soluções, e em inúmeras vezes a culpabilização de terceiros.

Ao terminar a educação básica, os estudantes sairão com um relógio educacional em pleno funcionamento, e esse ritmo temporal se alastra para aqueles que almejam o ensino superior. Em termos de funcionamento, os mecanismos que avaliam as instituições também legitimam esse modo de pensar:

Na Itália, onde o problema dos alunos que se formam ‘fora do tempo programado’ atinge níveis preocupantes, as universidades que conseguem diplomar um estudante nos anos previstos pela lei são premiadas com financiamentos *ad hoc*. As universidades que, ao contrário, não respeitam os protocolos ministeriais recebem sanção. Assim, se mil

estudantes se matriculam para o ano acadêmico de 2012, mil deverão ser diplomados ao fim dos três anos previstos para os cursos. Aspiração nobre e legítima se os legisladores, além de *quantitas*, se preocupassem também com a *qualitas*. No entanto, infelizmente, deixando de avaliar com quais competências reais os novos formandos concluem seu ciclo de estudos, o mecanismo atual transforma-se num estratagema que obriga as universidades – cada vez mais ocupadas com a despropositada captação de recursos, devido à penúria de fundos – a fazer o impossível para se tornar uma fábrica de diplomas (ORDINE, 2016, p. 104).

Embora sejam situações recorrentes, encontra-se outras possibilidades de funcionamento que independam de tal cronologia, uma delas é a EJA.

“Acordo 5h, aí o ônibus nos leva às 6h. É um ônibus específico para quem trabalha no frigorífico. Desosso em segundos miudezas, estou nesta esteira. Matamos pela manhã 475. Às vezes não consigo encostar no ombro, dá até choque de tanta dor, pelos movimentos repetitivos.

Minha família está se queixando de eu não ter tempo de cozinhar, como voltei a estudar, quem cozinha agora é o meu filho, mas ele chega cansado, às 19h da oficina.

Minha filha que tem uma criança de 7 meses, também trabalha lá (frigorífico), e ela começa às 4h da manhã, quando chega em casa, às vezes, nem consegue acordar para aula.

Estávamos mal da renite pelo frio que é lá dentro. Ela trabalha só com a parte de costela”.

“Filho é gasto” [diz um colega].

“Mas minha neta nem incomoda, é calma e traz muita alegria. Quando chegar o inverno terei de parar de estudar, porque será muito frio e cansativa a rotina, minha família precisa de mim, principalmente da minha atenção. Quando voltar o verão, volto a estudar” [fala de duas estudantes da EJA].

Pensei nesses corpos cansados que encontrei na escola, no turno da noite, afetados por um tempo cronológico, de produção, de trabalho. Tempo que diminuía a potência de viver, de ouvir, de conviver deles com os outros. Que os fazia, por vezes, estabelecer outras relações de interesse com o entorno, e diante do que pudesse acontecer. Tempo objetivado por eles, de acordo com as suas realidades. Me pus a pensar que já era tempo de olhar para aquele tempo da aula de outra forma, produzindo em conjunto maneiras para querermos estar lá, e não apenas por cumprir obrigações.

“A sensação é que trabalhamos cada vez mais, e que os anos tem passado mais rápido” [fala de uma manicure].

O que a tese propõe são possibilidades de sentir o tempo na sua coexistência, isto é, viver os tempos sem se ater as linearidades, sem tamanha preocupação com o passageiro,

mas olhar para o que dura. Descolar do corpo as convenções maiores e uniformizadoras para pensar em uma ética e estética temporal, tal como a fala de uma das estudantes da EJA: “quando chegar o inverno terei de parar de estudar, porque será muito frio e cansativa a rotina, minha família precisa de mim, principalmente da minha atenção. Quando voltar o verão, volto a estudar”. A mesma menciona que fará algumas escolhas devido as circunstâncias climáticas, possibilidades familiares e condições corpóreas, que a permitirão ou não estar na escola, e que independem das consequências (atraso na formação).

Ainda, nesta passagem há um alargamento das convenções e modelos de tempo, pois a estudante-mãe-avó não toma como verdade uma possível ‘idade de estudar’, embora tenha sentido certo pesar por não ter estudado quando jovem, a mesma subjetiva os tempos da escola com o próprio movimento de vida, das circunstâncias que a afastaram da escola com o interesse por retornar, esse tempo que não é exterior ao vivido, acompanha um movimento de pulsação, que não é constante, tal como o relógio, mas relativo, mutável e vivo.

Disparada por essas vivências de sala de aula, me propus a pensar nas relações de espaço-tempo, reparar no que se finda

temporalmente com o término de uma aula, mas que possa vir a ressoar. Extensões, propagação por outros meios, como o pensamento, as problematizações lançadas que não se findam porque não requerem respostas, as falas compartilhadas que acionam a criação de narrativas, as atividades desenvolvidas que ficam em aberto e que, por vezes, não são concluídas na aula posterior (situação recorrente na EJA devido às incertezas na frequência dos estudantes). Enfim, olhei para o que ressoava de uma aula, para os seus resquícios.

Também, olhei para as noções de tempo na docência, sobre dar-se tempo para: pensar, ler, escrever, brincar, aprender, perguntar, falar, escutar, cumprir ou não metas (ações que inquerem esforços, visto que, nem sempre conseguimos dar tempo para que aconteçam em meio a uma aula). As coextensividades, temporalidades e seus efeitos, operam por essa ação generosa com a docência, produzindo estratégias que permeiam a elaboração de um planejamento aberto à atmosfera acontecimental do espaço-tempo de uma aula.



Heterogêneo 7 – criação de um dicionário

“HORAS

Faz horas que eu fui para a escola – Victor (10 anos)

Eu me acordo sempre oito horas – Victória (10 anos)

Hora de estudar – Gabriel (9 anos)

Tempo para trabalhar – Deivid (9 anos)

TEMPO

O tempo para mim é 24 horas por dia – Giovana (10 anos)

É algo que passa rápido para mim, e se vai chover ou fazer sol – Ana Júlia (9 anos)

O tempo muda – Mariana Lucas (9 anos)

NOITE

É quando é escuro, e é bonito ver as estrelas e a lua – Isadora (9 anos)

Tempo para dormir – Nicolas (9 anos)

É para dormir, descansar – Amanda (9 anos) ”.

Era um semestre repleto de trabalho. Precisamente dez disciplinas compunham meu portal docente. Espaços-tempos que a docência ocupava nesse campo de batalhas, e se fazia ora leve, ora tensa. Então, uma proposta ganhou força em meio a um coletivo de professoras/es que assumiram uma disciplina do curso de Pedagogia, em que eu fazia parte. Era a construção de um dicionário junto às crianças.

A pretensão foi propor que os/as acadêmicos/as repensassem a prática de planejar. Desafiámos os discentes à irem para escola mais atentos às palavras e temáticas que pudessem vir dos estudantes, para que tentassem produzir um planejamento mais próximo ao cotidiano, aos interesses das crianças. A partir desta ideia, foram convidados/as a produzirem um dicionário que também conviria de instrumento para pensarem sobre as experiências na escola (ao invés de escrever um relatório, apresentariam o que foi trabalhado com as crianças e suas percepções diante da prática).

Ampliar o conceito de dicionário também foi uma das intenções, por isso, mostramos outras produções realizadas pelos/as estudantes, em que os verbetes eram desenhos e fotografias, em que a escrita era feita à mão, apresentando a grafia das próprias crianças. O que havia em comum entre eles, era um vocabulário mais próximo ao cotidiano e o sentido das palavras a partir dos contextos e seus usos.

Então, os/as acadêmicos/as visitaram as escolas, criaram um dicionário com as palavras que foram capturadas do cotidiano junto às crianças, e redimensionaram o uso do dicionário em sala de aula. Foi uma prática que os/as convidou

a ouvir mais o que as crianças tinham a dizer, pensar, exprimir, para produzirem outros sentidos com a linguagem.

Dentre as palavras que foram capturadas ao longo das aulas e que eram rotineiras na escola, compuseram o dicionário de um dos acadêmicos da turma, as seguintes palavras: adulto, alegria, amigo, amor, avó/avô, carinho, cor, coragem, criança, dia, dor, escola, guerra, horas, irmão, mãe, mal, medo, menina, menino, noite, pai, raiva, saudade, tempo, trabalho, tristeza, vergonha, violência. Reparei em tal dicionário ao perceber que as palavras tempo, noite e horas faziam parte do vocabulário das crianças daquela turma. Mais ainda, fui impelida a pensar nos verbetes que foram criados.

A captura deste heterogêneo ocorreu algum tempo depois, nos movimentos que estava fazendo de atentar às diferentes percepções e modos das pessoas pensarem o tempo em suas vidas. Esse interesse já havia adentrado a pesquisa quando trouxe as falas dos/das estudantes da EJA e dos cursos de graduação.

As definições criadas pelas crianças trouxeram outros sentidos, ou ainda, levantaram inquietações. O desejo que tinha era por esse ar descompromissado de pensar sobre algo,

olhar criançairo, inventivo e *aiônico* de perceber o tempo, pois, mais que ensinar algo, era preciso desaprender muitas coisas.

Desaprender sobre a noite, quando Isadora significou esta palavra lembrando-nos o quanto é bonito ver as estrelas e a lua, embora nossa intenção seja fechar os olhos para tornar a noite um tempo de descanso, ou de prender o olhar em uma telinha virtual.

Raspar algumas significações sobre o tempo quando pensamos que ele é um intervalo de um dia, apenas as 24 horas marcadas por um relógio que não sabemos qual seria, conforme escreve Giovanna. Devir-dia do tempo, recomeço dos ponteiros, da contagem dos números e de uma vida. Disjunção do ontem e do amanhã para viver uma vida inteira em apenas um dia.

Temporar do sol e da chuva, para Ana. Do devir-tempo para Mariana. Há também um sentir do tempo segundo sua duração, a partir das horas na escola, pensado por Victor, e há horas que foram transformadas em pontos fixos de um plano cartesiano do tempo, em que não se encontra espaço para criar, pois há coordenadas para tudo, tempo para acordar, para comer, para estudar, para trabalhar, para viver (Victória, Gabriel, Deivid).

De fato, neste mundo existem confrontos entre os dois tempos: o mecânico e o corporal. O primeiro é tão rígido e metálico quanto um imenso pêndulo de ferro que balança para lá e para cá, para lá e para cá, por ser pré-determinado, ele não se desvia. O segundo se contorce e remexe, tomando decisões à medida que avança.

Muitos não acreditam que o tempo mecânico exista, pois quando passam diante de um relógio não o veem, usam relógios de pulso apenas como ornamentos ou como cortesia para aqueles que acreditam ser instrumentos de medição de tempo (LIGHTMAN, 2014); tampouco escutam suas badaladas quando estão em sala de aula ou em uma sessão de cinema.

Em suas casas não usam relógios, no lugar deles, preferem ouvir a batida dos seus corações, sentir os ritmos de seus humores e desejos. São pessoas que comem quando sentem fome, vão para o trabalho na hora que despertam do seu sono e fazem amor a qualquer hora do dia; riem só de pensar no tempo mecânico. O tempo que as movimenta é espasmódico, pois as atravessa em disparada de seu campo de visão quando estão saboreando uma boa comida com amigos, sendo elogiadas ou quando estão deitadas nos braços de um amante secreto (LIGHTMAN, 2014).

Por outro lado, há aqueles que esquecem que seus corpos existem, vivem de acordo com o tempo mecânico. Levantam às sete da manhã; almoçam ao meio-dia e jantam às dezenove; chegam aos compromissos pontualmente, isto é, na hora marcada. Fazem amor entre vinte e vinte e duas da noite. “Trabalham quarenta horas por semana, leem o jornal de domingo no domingo, jogam xadrez nas terças à noite” (LIGHTMAN, 2014, p. 17).

Quando seus estômagos fazem barulhos, olham o relógio para saber se está na hora de comer. Quando estão desatentos em uma aula, olham o relógio acima do quadro a fim de ver quanto tempo falta para ir para casa. Olham para o corpo como uma coleção de elementos químicos, tecidos e impulsos nervosos, como uma máquina que está sujeita às leis da eletricidade, da relatividade.

Pensamentos não são mais que oscilações elétricas no cérebro. Excitação sexual não passa de um fluxo de elementos químicos para as extremidades de certos nervos. Tristeza nada mais é que um pouco de ácido transfixado no cerebelo (LIGHTMAN, 2014, p. 17-18).

Usam da linguagem da física para falar do que acontece, pois, o corpo seria uma coisa em que se manda, e não a que se produz.



Heterogêneo 8 – questões disparadoras para pensar o tempo...

Como o tempo te afeta?

Qual a sua relação com o tempo?

Como investe/gasta o tempo que tens?

O que há de imperceptível no tempo? E perceptível?

Como percebe o tempo na educação?

Como percebe o tempo articulado/trabalhado na escola?

Há como trabalharmos o tempo aiônico na escola, de que modos?

Se tivesses que escolher entre presente, passado e futuro, qual escolheria e por quê?

Se soubesses que esta vida, tal como a vive, retornaria de novo, da mesma forma, o que farias? [Questões lançadas aos discentes do curso de artes visuais – licenciatura, UFSM. Setembro de 2017].

Cinco discentes participaram, escrevendo e/ou falando sobre o que as problematizações haviam disparado. Nesse sentido, compartilho algumas das falas/escritas:

Como o tempo te afeta?

“O tempo me afeta de um modo negativo, conforme ele passa, desde uma semana que muito percebemos sua velocidade até um ano, 365 dias, que parecem ser algumas horas. Isso me afeta no

sentido de estar ‘perdendo’ tempo, não estar utilizando de uma melhor maneira e perceber a sua rapidez. A sensação de impotência, de sentir o tempo como um carrasco, e ver ele se diluindo como areia entre os dedos”.

“Mesmo que seja costumeiro e até clichê falarmos da falta de tempo em nosso contexto, hoje percebo que o tempo tem me afetado com sua passagem ‘rápida’ e decisiva nos meus dias. Entretanto, percebo que essa sensação, mesmo que de forma dolorosa, tem sido a propulsora para a minha produção acadêmica e até, para a vida pessoal. É durante esses espaços curtos que sobram durante o dia, que faço pausas para repensar o que estou fazendo e descansar um pouco a mente, sobretudo, é apenas por causa da falta de tempo que isto acontece, me oportunizando a aproveitar os intervalos rápidos durante o dia.

“O tempo me afeta muito mais nas coisas que tenho que fazer como todo mundo, a diferença é que todas as coisas são importantes para mim, não consigo abrir mão de nenhuma de minhas tarefas para fazer outras que meus amigos dizem ser mais importantes. Logo, o tempo passa sempre depressa... Mas o que o tempo tem me afetado nesse semestre, é que estou usando o tempo de dormir para realizar outras tarefas”.

“O tempo me afeta 24 horas por dia, 7 dias da semana, 365 dias ao ano. Sou afetado pela cidade, pelas pessoas, por causa do tempo”.

“O tempo me afeta consideravelmente, ele determina meu dia e meu cotidiano. Tudo o que faço é planejado no tempo que

tenho, porém, as vezes eu perco o controle e ele transcorre sobre mim, e passa direto assim, sem ser percebido”.

Hipoteticamente, o tempo pode assumir diferentes texturas, ser liso ou áspero, espinhoso ou sedoso, duro ou macio. Diante das escritas, parece que a textura que o tempo assume é pegajosa, isso porque, algumas pessoas se apegam a ele, que ficam grudadas em algum ponto de suas vidas, de tal modo que não se soltam mais, prendem-se à situações, tarefas e demandas.

Qual a sua relação com o tempo?

“Apesar de sermos inimigos, eu estou sempre prestando atenção nele... Marcando cada hora e minuto para cada momento. Hora para ler, hora para comer... Acho que o tempo não gosta de ser administrado”.

“Acredito que todas as minhas respostas vão se tratar do tempo que estou vivendo hoje, já que é nele que eu penso e não tanto na minha relação passada com ele. Então hoje, a minha relação com o tempo é bastante singular. Eu gosto de horários, regras e cronômetro, é com esses que organizo meus dias e preciso disso para me manter saudável nesta etapa decisiva da minha vida. Me relaciono com o tempo pensando que é por ele estar passando mais rápido -no meu inconsciente- que me obrigo a aproveitá-lo, tanto na academia, como na vida pessoal. Tenho aproveitado os espaços do almoço ou mesmo, o intervalo de estudos a noite

para respirar outros ares e pensar outras coisas. Já que tenho horário para tudo, até o tempo em ir pedalando para universidade se torna um motivo para respirar fundo e começar o dia de forma mais positiva. Me relaciono com o tempo aproveitando seus fragmentos”.

“Relação com o que passou, o passado que jamais voltará. Que não dará novas chances que perturba, que machuca. Os pensamentos que insistem, como o desespero em pensar que de forma alguma eu vou conseguir ser criança novamente, que muitos anos já se passaram e não consigo lembrar do que eu vivi por não ser relevante. Porém me conforto em ainda poder me perder pensando...”.

“Sou manipulada pelo tempo, ele me domina e me desconcerta. Algumas vezes me tortura, é lento demais e assume a identidade de um tempo interminável, porém, as vezes me abraça e anda bem no ritmo que desejo, no ritmo de vida. Também há uma personalidade oculta no tempo, sob a qual ele se porta de maneira imperceptível, e passa sem deixar rastro, nem lembrança, nem saudade”.

“Um relacionamento muito complicado, dependo dele, mas ele me ignora, corro atrás dele, mas ele só desaparece”.

Como investe/gasta o tempo que tens?

“Tenho pensado que a palavra certa seria realmente investir no lugar de gastar. Tenho pensado que o gastar 1h15min da minha manhã na academia, por exemplo, me dará quem sabe mais do que 1h15min de vida mais tarde. Tenho pensado que gastar 30min da minha tarde – separada especialmente para estudo – para ir à padaria comprar um doce que me anime,

vai me render mais 3h de estudo por conta do descanso que dei à minha mente. Portanto, esse gastar se torna investimento. Investimento em saúde, bem-estar, bom ânimo e paz, muita paz”.

“Não sou organizada com o tempo que tenho, acabo ‘desperdiçando’ em atividades que não produzem nada do que de fato precisaria estar fazendo. Deixando para depois o que é importante em termos de data, horários e prioridades”.
“Invisto nele quando estou com quem eu amo, quando faço ‘o que me der na telha’. Desperdiço quando trabalho para alguém e não para mim”.

“Tento levar o tempo como amigo, para que possamos andar juntos, trabalhando em relações e atividades distintas. Tentando conciliar a vida profissional (acadêmica) com a vida pessoal, dedico meu tempo a fim de fazer as duas coisas paralelamente, visto que em algumas situações uma coisa toma conta da outra, sendo inevitável impedir”.

“Gastar/investir tempo...

Tempo pode ser uma moeda a investir, a gastar, e pode ser moeda em estado de produzir outras trocas, para além da já definida... pode acumular pó ou outras substâncias orgânicas, pode coexistir com pequenas vidas que podem germinar nesse pó acumulado... pode entrar em núpcias com o ar e mudar de natureza... oxidar...

Ar... Afirmar forças que nos impulsionem a abrir passagens de ar nas embalagens a vácuo que o tempo chronos, muitas

vezes, nos coloca... Deixar-se contaminar... Perder tempo, perder-se, deixar-se atravessar pelos encontros... Oxidar... Intervalar... Par(ar) o tempo... Arejar o tempo... Preencher o tempo (esse saco furado)... Transbordar o tempo... Correr contra o tempo e/ou olhar no fundo dos seus olhos? O tempo pode ser moeda de troca e moeda em corrosão, e...”⁸.

Tem pessoas que saem de casa, percorrem um trajeto até o trabalho, correm de um lado para o outro, e no fim do dia, ao voltar para casa, não lembram de nada do que fizeram. São pessoas que não conseguem desviar sua rotina, nem um minuto sequer, para sentar sob uma árvore ou deitar na grama, para olhar para as ondulações de um lago. Por que tanta fixação com a velocidade? Será que o tempo passa mais lentamente para as pessoas em movimento, e elas ganhariam tempo? Seria essa uma premissa ao fenômeno das pessoas moverem-se em alta velocidade?

Ainda que percebamos nas escritas/falas a intenção de controle do tempo, as partilhas mostram que ele escapa pelas mãos, que ele não gosta de controle e nem sequer consegue nos controlar.

O que há de imperceptível no tempo? E perceptível?

⁸ Fragmento do parecer produzido pela Dra. Francieli Regina Garlet – membro suplente da banca examinadora da tese.

“É perceptível que o tempo nos atravessa, nos pega de surpresa mas, também é imperceptível, já que no exato momento que nos acontece não percebemos, só vemos seus sinais posteriormente. É perceptível que o tempo nos controla, nos encaixa em sua linha chronos, fazendo sempre o mesmo ritmo, da mesma forma, nos subordinando a aceitá-lo. Tem quem deva odiar essa praticidade e essa sensação, para mim é ótimo e não tenho nenhuma reclamação a respeito. Entretanto, é imperceptível ou quase, que ele direcione nossas decisões. Por exemplo: você tem 30 anos e está na universidade, programa de pós-graduação, pesquisas, correria, lattes. Você tem um relacionamento mas adia a maternidade por ter em mente outras prioridades, mas, você quer ser mãe. Cinco, sete, oito anos passam -sem avisar- e você está radiante por ter chegado onde sonhava, mas o tempo te avisa imperceptivelmente que passou, que você deixou de lado uma opção para uma prioridade. É imperceptível, mas é uma escolha, uma escolha que eu faria sem pestanejar, inclusive”.

“Imperceptível: pensamento; Perceptível: resistência”.

“Bom, não sei dizer o que tem de imperceptível, mas o que tem de perceptível no tempo é simplesmente o fato de que são os compromissos que controlam a maior parte do nosso tempo. Sempre temos horários de chegar e de sair. Acho que encontrei uma coisa imperceptível sobre o tempo, pelo menos eu acho que seja. É a ideia de que o tempo não tem culpa de nada, porque as pessoas são as administradoras dele”.

“Acredito que o tempo tem caráter mais imperceptível no momento em que caminha – e por vezes até corre – apressado e inconstante, onde nossos sentidos não são capazes de captá-lo, ele simplesmente se vai. Mas é perceptível a partir de tudo

aquilo que deixa, ou mesmo aquilo que está proporcionando, como as lembranças, os momentos, as marcações, os territórios, as relações”.

“Imperceptível: o aprender, a cobrança implícita de aproveitar o tempo. Perceptível: o envelhecer, o construir, o destruir, as mudanças sociais”.

O tempo é uma dimensão visível quando é tomado como acontecimento. É possível ver nascimentos, casamentos, mortes, que são tidos como marcos no tempo. É possível escolher o movimento que se faz pelo eixo do tempo, acelerar ou desacelerar. São escolhas.

Como percebe o tempo na educação?

“Desde a nossa formação inicial o tempo é chronos, é linear e consecutivo. Por isso, nem consigo imaginar uma proposta educativa em sala de aula que não seja feita dessa forma. Mas, talvez estou me contradizendo quando falo que aprender, vivenciar a educação e estudar de fato, seja aion. A aprendizagem na academia por exemplo não é consecutiva, não é somativa e nem linear, ela acontece por blocos. Quando entrei na faculdade, por exemplo, achava que sabia ‘o suficiente’ sobre as vanguardas europeias, agora, no último semestre vejo que não sei quase nada e talvez, nunca vou saber. Na educação e na minha formação, ela sempre aconteceu por fragmentos, por disciplinas desligadas mas interligadas de certa forma. Ela acontece com o tempo que escolhemos acontecer. Outro exemplo – nem tão bom assim –

é que em uma conversa informal com a minha família eles me perguntaram por que deixei para trás as duas disciplinas que estou fazendo que são da metade da faculdade, eu ligeiramente respondi que meus horários não fechavam e meu orientador de pintura não permitia que fizéssemos muitas disciplinas. Logo, eu pensei e já respondi... ainda bem que deixei-as para trás, hoje são elas que me dão alguns respiros inventivos necessários para eu não enlouquecer no campo da teoria, crítica e história da arte que venho estudando. As disciplinas estão 'erradas' em meu currículo, mas no tempo certo. Não foi proposital na época deixá-las para trás, mas ainda bem que o tempo passou e me mostrou que organizou as coisas como deveriam ser".

"Percebo que na educação, assim como em momentos nas nossas vidas, algumas coisas são prioridades. Há o tempo de aprender, aprender a ler e escrever e depois ler para aprender, o tempo de ser criança, ser adolescente... Seguindo sempre uma linha reta sem margens para refletir, nem desviar do caminho 'correto'".

"Na educação o tempo foi fundamental: a invenção da escrita para perpetuar o passado e se localizar no presente e se pensar no futuro".

"Penso que o tempo veio ao encontro da educação, no sentido de favorecer uma prática pedagógica mais aberta às subjetividades, deixando para trás uma postura tradicional, procurando ouvir o aluno e dar importância ao que se passa em seu cotidiano. Agora, se estamos nos referindo ao tempo/período ou tempo/horas de aula, focando nas Artes

Visuais, acredito que o tempo é pouco, é curto e não se demora".

Desarme-me. O tempo não é tão vilão assim. Há tempos que ensinam a educação para criarem com ela, foi assim com a linguagem e com a história. Não há um tempo único quando nos referimos à educação. Se a linha reta é apagada, não há mais prescrição do que vem antes ou depois, apenas a própria existência de um presente. Deixar apenas o pó do giz voar a outros rumos, grudar nos dedos e ser limpo em uma calça, ou ainda, no indicador de uma mão que o faz retornar ao quadro com uma nova forma que é desenhada; é desse tempo que estou tratando na tese.

Como percebe o tempo articulado/trabalhado na escola?

"Na escola, assim como na vida dos professores e alunos que lá estão, o tempo é curto. Os períodos são reduzidos, o estado os afeta com paralizações, há reuniões de última hora cancelando o planejamento da aula, enfim. Na minha concepção parece que essa soma de coisas diminui ainda mais o tempo em sala de aula, fazendo com que os professores no momento em que retornam, despejem conteúdos, peçam um grande número de trabalhos para "completar" todos aqueles encontros que não aconteceram e ainda, esperam que os alunos tenham um bom rendimento. Talvez pela falta de tempo, se acha necessário correr contra ele para vencer conteúdos, quando na verdade, se fosse utilizado com

qualidade aquilo que ‘sobra’, de repente, os professores teriam um maior retorno que almejam, é uma hipótese”.

“É relativo, penso em um curto espaço de tempo, dividido, mecanizado. Curto para possibilitar o fazer, pensar, refazer e repensar”.

Há como trabalharmos o tempo aiônico na escola, de que modos?

“Estarei dando minha opinião pessoal com a área que tenho aproximação para pensar o tempo aiônico na escola. Se pensarmos na história da arte, ou melhor, na história da natureza-morta na arte, acredito que para um adolescente de 12 anos essa é a pior frase que poderia escutar e o faria querer fugir da minha aula. Mas, pensar essa mesma história de maneira mais singular e adaptável oportuniza acesso aos estudantes à um campo tão distante. O chronos da história da arte já sabemos por inteiro, modernismo, pós naturalismo, que sucede o primitivismo, que ultrapassa o pós-moderno e alcança o conceitual da contemporaneidade. Mas, se começarmos da contemporaneidade? Ela de fato está mais presente na vida dos estudantes por trabalhar com o cotidiano, nos aproximarmos de uma produção tão exclusiva poderia ajudar a pensar a produção de naturezas-mortas do cubismo que, parecido com a contemporaneidade, buscava uma modernização, uma mudança na arte. Para mim, esse é o exemplo mais claro para pensar o aion na escola”.

“Pelo pouco que sei, acho que sim, é uma outra forma de encarar o tempo, mas acho que seria no mínimo interessante

trabalhar isso com as crianças, mas talvez em horário alternativo da escola, outro turno sem limite de tempo”.

Sair de uma suposta linha do tempo, e da organização que temos em sala de aula, para pensarmos em possibilidades de inventar outros modos de funcionamento. Articular ao sistema vigente os desejos e pulsações, o que emana da vida e do cotidiano dos estudantes, afinal “o tempo é invenção ou não é nada” (BERGSON, 2005, p. 369).

Se tivesses que escolher entre presente, passado e futuro, qual escolheria e por que?

No momento, eu escolheria o futuro, pois tenho muita curiosidade em saber como minha vida vai se desdobrar daqui para frente, a partir desses momentos decisivos. Tenho interesse em saber com que pessoas estarei convivendo, a quem eu me aproximarei e quem me distanciarei. Gostaria de saber que tipos de prioridades eu teria. No que acreditaria, no que não acreditaria, como movimentaria meu pensamento”.
“Acredito que o Futuro. Poderia escolher o passado, mas com o passado só vou saber coisas do presente, que ainda não será mais o mesmo logo que eu voltar para ele. Agora com o futuro posso obter mais coisas e respostas”.

“Passado- Pois queria ter uma nova oportunidade em fazer outras escolhas, pensar e analisar antes de decidir. Mas principalmente poder ser adolescente, ser irresponsável, teimosa, curiosa, viver aquele momento com maior

intensidade. Sem precisar me transformar em pessoa adulta com 15 anos, com determinadas responsabilidades que não cabiam a mim”.

“Presente, porque é onde as coisas acontecem. O futuro ainda não existe e o passado foi o alicerce do presente”.

“É uma escolha no mínimo difícil. Penso em escolher o passado e tomar atitudes diferentes, porém, quando mexemos com o passado, muitas coisas do presente e do futuro poderão não acontecer, é demasiado arriscado. Porém, não consigo pensar e viver o presente sem pensar no futuro, estou sempre pensando à frente, talvez seja uma qualidade, ou talvez eu não esteja vendo o tempo indo e vindo. Apesar de tudo, escolheria o presente, mesmo que o tempo já tenha passado sobre mim, fazendo morada em um tempo futuro”.

Dois discentes responderam futuro, dois escolheriam o passado, e apenas um o presente. Embora as perguntas tenham induzido a escolha por uma das divisões temporais, evidencio que os argumentos utilizados se relacionam com as hipóteses aventadas ao longo da tese, a saber: a curiosidade pelo futuro como forma de saber sobre uma vida que ainda não se produziu; caminhos que supostamente já estariam traçados. A visão de um passado como possibilidade de retomar o vivido e fazer novas escolhas, acessar uma lembrança na intenção de ‘corrigir supostos erros’ e se desfazer dos arrependimentos. Por sua

vez, o presente seria o tempo onde as coisas aconteceriam e, portanto, para o estudante estaria a necessidade de investirmos a vida no presente.

Se soubesses que esta vida, tal como a vive, retornaria de novo, da mesma forma, o que farias?

“Com certeza não retornaria da mesma forma, por mais que minha vida seja consideravelmente ‘boa’ e normal, não faz sentido viver duas vidas iguais. Buscaria ser o oposto do que sou, especialmente ser corajosa”.

“As mesmas coisas, porém, com um certo cuidado”.

“Se essa vida retornasse da mesma forma eu iria me preparar mais para o impacto da mudança repentina da adolescência para fase adulta. Talvez eu não mudaria nada do que vivi, mas me prepararia melhor para os acontecimentos. Não seria tão intensa em determinados momentos, não me dedicaria tanto para determinadas coisas. Iria dividir meu tempo melhor, ia aproveitar melhor. Certamente eu daria mais atenção para determinadas prioridades, como a minha família e vida pessoal, que tem ficado enforcadas por conta da academia. Se eu não tivesse oportunidade de mudar as ações, então eu organizaria melhor meu pensamento antes de fazê-las”.

“Talvez eu já tenha passado por essa vida antes, talvez eu já tenha sido outra pessoa, com outra vida. Acredito em vidas passadas e vida após a morte, porém, o próprio fazer diferente em uma mesma vida, já torna essa vida diferente, então, o movimento natural do tempo é que dirá o que eu farei, ou faria, ou fiz”.

“Arriscaria mais, erraria mais, praticaria mais esportes, aproveitaria mais o tempo do lado de quem já se foi”.

Trata-se de uma questão que inquieta, que não tem sequer uma única resposta. Talvez, por isso, a concepção comum de retorno do mesmo, tenha os provocado, de tal modo, que o movimento foi de afirmar o que seria a vida para si, e como ela é vivida. Decorre daí a criação das questões, pois não somos proprietários de um pensamento, eles nos sopram, nos adotam, nos assediam no banho, na sala de aula, numa caminhada vespertina, nos forçam a recriar passos, modos de existência, nesse sentido, olhar para si e para o que fizemos diante do tempo que temos.

Heterogêneo 9 – Coletivo: Grupo Poro

“Perca tempo (2010)

Centro e Pampulha – Belo Horizonte, MG

Ação que consiste em abrir uma faixa nos cruzamentos, enquanto o sinal de trânsito está fechado. Ao mesmo tempo pessoas distribuem panfletos com a inscrição: “Perca tempo”. Há também uma banca de informações, na qual são distribuídos os panfletos intitulados “10 maneiras incríveis de perder tempo” e “+10 maneiras incríveis de perder tempo”. Todos os participantes da ação têm um bottom afixado na roupa, com os dizeres: “Perca tempo. Pergunte-me como.”

Site: <http://poro.redezero.org/ver/intervencao/perca-tempo/>

A proposta do coletivo me foi apresentada por uma das mulheres que compõe a banca avaliadora da tese, profa. Dra. Tamiris Vaz. Ao conhecer o trabalho, a sensação foi de que a intervenção passou a compor com as linhas escritas da tese.

Ao perceber que a perda de tempo foi um assunto recorrente e temido pelas pessoas com quem tive contato, com quem passei a pensar junto, ainda, a partir do modo como a educação abordava essa temática, tornei a ação do grupo um fragmento da pesquisa a ser destacado (se assim

o leitor se interessar em recortar e compartilhar), enquanto coextensividades que podemos pulverizar pelos espaços educativos e de vida, para pensarmos a perda de forma propositiva, criando outros modos de existir frente ao tempo.

Assim, pensei em dez maneiras de perder tempo, algumas que produzi ao longo da tese, outras que talvez faça após a defesa, lidando assim, com o tempo que passarei a ter disponível diante das leituras que não serão mais tão rotineiras:





10 MANEIRAS INCRÍVEIS DE PERDER TEMPO*

1. Acompanhar o caminho das formigas
2. Escutar música
3. Desenhar uma laranja
4. Fazer piquenique
5. Caminhar pela cidade
6. Passar horas com os amigos
7. Observar como a luz muda durante o dia
8. Fazer aviões ou barcos de papel
9. Folhear livros de imagens
10. Tomar sol

*Nota de esclarecimento: Tempo não é dinheiro.
Guarde esse panfleto para ler sempre que necessário.



+10 MANEIRAS INCRÍVEIS DE PERDER TEMPO*


1. Ouvir uma história
2. Procurar desenhos em nuvens
3. Fazer listas de coisas improváveis
4. Tomar chuva
5. Rer ler livros
6. Dormir de tarde
7. Ficar cozinhando durante horas
8. Observar o movimento das folhas nas árvores
9. Escrever cartas e mandar pelo correio
10. Passear por feiras de rua escolhendo frutas

*Informação importante: Perder tempo não é jogar tempo fora.
Não jogue esse panfleto em via pública.



DEZ MANEIRAS DE PERDER TEMPO

1. Olhar quantas pintas novas surgiram no corpo;
2. Revisitar fotografias de infância;
3. Ensinar as pessoas mais velhas da família a usar as novas tecnologias;
4. Adotar um gato;
5. Escrever uma tese e deixar as folhas soltas para que os leitores as derrubem no chão;
6. Ler os livros “Mulheres que correm com os lobos” e “As existências mínimas”;
7. Investigar como e quais seres nascem em um pote fechado de farinha vencida;
8. Tomar um café com amigos;
9. Estar à espreita de objetos inúteis;
10. Desligar o celular e olhar para algum lugar, ou alguém, sem interesse prévio;



Quais seriam as suas dez maneiras de perder tempo? Que imagens convocaria para pensar sobre o tempo?

DEZ MANEIRAS DE PERDER TEMPO

1 .

2 .

3 .

4 .

5 .

6 .

7 .

8 .

9 .

10 .

Compartilhe as experimentações que realizou, enviando um e-mail para o seguinte endereço eletrônico:
coextensividade@gmail.com

Heterogêneo 10 - Coextensividade de um
grão de feijão... uma experimentação escolar...

Um tempo de vida controlado?

O que aprendemos quando o tempo sai do controle?

Como trabalhamos essas questões temporais na educação?

Como trabalhamos a relação do tempo com a
vida na educação?

O que podemos aprender quando
estimamos a germinação de uma planta e
ela não acontece?



Não recordo em que 'série' estudava, mas me recordo da experiência que tive. Um experimento que requeria o nosso cuidado, atenção e observação. Estávamos curiosas/curiosos, pois não imaginávamos que a combinação do feijão com o algodão, com o ar, a água, a luz e o tempo poderiam germinar em uma planta.

A professora passou inúmeras recomendações, mencionando os cuidados necessários para que a experimentação desse 'certo', e dentre as percepções que mais me afetaram, ou talvez do que essa lembrança acionou em mim, é que a fala da professora foi enfática: "façam todos os passos, que a experiência dará certo! No primeiro dia acontecerá tal coisa, no segundo tal coisa, e assim por diante..." Estávamos encantadas/encantados com essa 'mágica' e com as demonstrações.

Assim, ao longo da semana, aos poucos e em um tempo que não sei precisar, as plantas foram germinando, crescendo. Observávamos que alguns algodões ficaram mais escuros ao secarem, alguns brotos cresceram rapidamente, em comparação a outros mais lentos, o que gerou desânimo em alguns de nós. Alguns potinhos ficaram preenchidos de verde, outros mais vazios. Estávamos observando as diferenças desse

processo, embora tivessem sido feitas em concomitância, com os mesmos materiais, e estivessem nos mesmos locais, a germinação aconteceu de diferentes formas.

Não recordo se algum dos experimentos não ocorreu, não recordo que 'conteúdo' estávamos estudando, não recordo se a professora problematizou o que observávamos do processo. Também, fiz o esforço de lembrar o nome da professora, mas não me ocorreu, apenas me recordo de que o copo era imenso, que as janelas da sala não tinham cortinas, por isso, o sol entrava pelas cinco carreiras de basculantes e não precisávamos deslocar os recipientes de lugar, devido à intensa luminosidade do ambiente, ainda, lembro que molhávamos o feijão com algumas gotinhas de água, todos os dias.

Ao escrever, na tese, sobre as coextensividades de um grão de feijão, fui movimentada por essa memória involuntária, que me veio assim, em partes e fragmentada, por vezes até ficcional. Essa experiência escolar foi refeita nos primeiros dois anos de doutoramento, na pretensão de tentar viver de outro modo esse exercício de observação. No entanto, desta vez o feijão não germinou. Fiquei acompanhando e

fotografando o copo ao longo de duas semanas, também me pus a escrever as mudanças que foram ocorrendo.

A partir das imagens, percebi que as únicas mudanças visíveis foram em termos de coloração e que o feijão foi se acomodando entre o algodão, criando uma fina camada na superfície. Após as duas semanas, esse processo parou, e eu resolvi abandonar o experimento. Por que o abandonei? Talvez tenha sido devido ao fato de que esperamos que os resultados sejam visíveis, e eles nem sempre o são. Não compreendi e ainda desconheço o motivo da não germinação. Ainda que tenha levantado a hipótese de pouca luminosidade no apartamento em que morava, passei a pensar sobre os contágios que precisavam acontecer para que germinasse o feijão.

Trata-se de uma experiência da ordem do acontecimento, visto que não é possível repeti-la da mesma forma, é sempre da ordem do inaugural, das contingências e combinações dos elementos, que independem do controle de uma inteligência organizadora. Não há um marco inicial, não há um tempo

previsível e quantificável. Não há apenas efeitos visíveis, ainda que não tenha germinado (pretensão final), na segunda vivência outros efeitos do tempo ocorreram, de entidades não visíveis e não nomináveis, que poderiam até ser descritos como alguns fungos agindo e alterando a coloração do algodão, talvez. Mas passei a querer olhar para o que fugiu do esperado e, também, querer pensar sobre não chegar a um lugar pré-determinado.

O que se aprende com um não-germinar? Como afirmar a vida que não vinga, que morre, que seca, que não nasce? Não-germinar também é um acontecimento – tempo do germinar desgarrado do movimento perceptível, fenomenológico, por isso, das micro percepções⁹. Não nascer é também um ato de abertura para que outras coisas aconteçam, criação de vidas que não são necessariamente orgânicas, fenômenos que nem sempre são os esperados. Desprezamos a putrefação, a decomposição, a transformação da matéria, porque esses processos nem sempre são acessíveis aos olhos, e fogem dos ideais do que seria a vida.

⁹ Inquietações levantadas pela Profa. Dra. Alice Copetti Dalmaso, membro interno da banca avaliadora.

Esta experiência escolar é um tanto comum nas escolas brasileiras, nos anos iniciais, e dela fiz o movimento de pensar em como trabalhamos o tempo na educação, as relações da vida com o tempo. Nesse caso, tempo do nascimento de uma planta, que escapa do nosso controle, da nossa intenção, que não nasce da mesma forma, com a mesma intensidade. Estudar e olhar para o imprevisível, para os resíduos, para o descarte, para o não chegar em um determinado resultado tido como 'certo', me fez pensar no que se criou como outra possibilidade de resposta. Também, me fez discorrer sobre as contaminações incontroláveis entre seres, sobretudo, em ter cuidado, prestar atenção no processo, nesse caso da planta, em ações como colocar, recolher e tirar do sol, molhar mais ou molhar menos, demorar-se nesses detalhes e nesses devires imperceptíveis.



Algumas considerações provisórias

Algumas considerações provisórias...

Foi assim, no tempo de um relâmpago, que a escrita da tese toma seus rumos finais. Chego até aqui com algumas hipóteses, ainda que provisórias: a primeira é de que o tempo é um paradoxo em termos de sentido e significação, mas se assim o for, ao estabelecer relações com as filosofias da diferença, põe-se em funcionamento um pensamento na sua dimensão desejante, vitalista. Portanto, foi preciso habitar um espaço de pesquisa para oferecer outras maneiras de pensar, foi preciso arrastar algumas cronologias e verdades, para olhar de frente para a própria existência.

Afirmar que não há um além nem um aquém, que a ‘prometida’ eternidade é aqui e agora, de ponteiros e círculos que giram desordenados em si mesmos. Tempos que coexistem porque a maquinaria funciona em um devir, atravessando sua história, mas não se confundindo com ela. Frente a isso, foram os movimentos de lentidão ou aceleração que possibilitaram o abandono da lógica cronológica para se pensar nos acontecimentos do tempo e nas suas intensidades, acolhida de saberes da vida, do que se produz de pensamento sobre o tempo nos mais diversos espaços.

A segunda hipótese: é possível transitar pela filosofia, pela religião, pela ciência, pela arte e pela educação para pensar o tempo, sem que haja a necessidade de opor conhecimentos ou chegar a um consenso entre essas áreas, pois em nenhum momento interessou-me encontrar uma explicação universal ou mais aceitável. O movimento foi de duvidar dessas verdades que se instalaram nas diferentes percepções, apreendidas nas falas e modos de expressão dos heterogêneos garimpados.

A terceira hipótese é sobre a ideologia utilitária que mapeia nosso modo de nos relacionar com o tempo no cotidiano, esse que tudo grava e cataloga. Necessitar-se-á pensar em estratégias para rasgarmos esse macro tempo, abrindo à produção do inútil nas escolas, nas universidades, na educação de forma geral. Hesitar o uso sistemático de pautas nas reuniões, recusar o hábito de olhar nas agendas em todas as circunstâncias, estar aberto a encontros inúteis, oferecer oficinas inúteis, um tempo que está à mercê de uma contingência muito específica. São experimentações não estruturadas ou oficializadas, logo, não designadas à repetição ou ao tédio da experiência modulada pela norma. “Tudo isso educa para o sensível, para se pensar fora

do pensamento único. Tudo isso significa não um método, mas um pouco de ar fresco, uma diferença mínima, minimamente não controlável, uma onda de alegria na arte de aprender e coabitar” (LINS, 2005, p. 1239).

O que a coextensividade pode produzir como efeito com as noções de tempo numa pesquisa em educação? Cada tempo é verdadeiro, mas as verdades não são as mesmas. Há tempo mecânico, há tempo corporal, há tempo que passa, há tempo que dura, há tempo do devir, há tempo da história. A tese dessa tese, portanto, ao articular os heterogêneos garimpados na pesquisa com um pensamento que circunda o ser do tempo, este que é tomado como organismo vivo e inacabado, não como um absoluto e exterior ao humano, mas enquanto efeito das relações, devir de entidades vivas, orgânicas ou não, que se produzem por involução criadora, pensa uma educação na qual se abroham diferentes relações com o tempo, uma educação que é capturada pela cronologia mas também a faz vazar, inventando em meio a pontualidades e horas delimitadas intervalos para experimentar ‘perdas de tempo criadoras’. Desvincula-se o tempo de uma linha retilínea, evolutiva e progressista que, portanto, não levará mais a um retorno triste de um passado e a uma apologia de um futuro, para desmanchar esses segmentos e pensar apenas em durações. É o tempo colado à vida, imperceptível aos olhos, assim como a respiração, mas axial para a existência.

Assim, a coextensividade propõe criar espaços nômades de vida, tempo de uma tese que coincide com uma porção de vida de quem a escreve, onde os saberes tornam-se sabores, as rezas e orações deixam de ser o foco para se propagar em encontros e tempos inúteis, e para nada, incorporados ao sistema de produção: 10 minutos olhando para o que desejar, 20 minutos de contágio com os devires encarnados em cada estudante (LINS, 2005), ou ainda, devires-moedas, devires-xícaras, devires-fungos, devires-ferrugens, devires-docentes, devires-aprendizes... Devires que solapem a lei da cronologia, ou daquilo que é suposto ser a lei, sem, todavia, negar a importância de criar formas de habitar os espaços educacionais que funcionam a partir das badaladas de um relógio. Disjunção das formas de sujeito humano, de indivíduo, sem humanidade nem animalidade, um tempo que se faz por involução criadora, nas simbioses e alianças dos encontros entre entidades vivas e não vivas.

Talvez esta tese não tenha conseguido dar conta de encontrar uma premissa para as sensações de tempo veloz e voraz, tampouco acredito que haja uma única conclusão ou resposta, mas penso que algumas hipóteses foram aventadas em meio aos

efeitos que o conceito de coextensividade produziu nas zonas de vizinhança com a educação, entre o que fez escapar dessa velocidade e voracidade, ou ainda, do que fez pensar sobre as experiências que acontecem em segundos, do que nos fez ganhar velocidade.

Não há consenso acerca daquilo que se ganha e daquilo que se perde entre o dia do nascimento e o da morte (BERGSON, 2005, p. 18-19), pois o tempo como duração é involução criadora, tal como a luz entre dois espelhos, rebatido para lá e para cá, sempre de modo diferente, produzindo um número infinito de imagens, melodias, pensamentos, vidas não catalogadas, que escapam dos compassos, de formas reconhecidas. “Por toda parte, onde algo vive, há, aberto algum lugar, um registro no qual o tempo se inscreve” (BERGSON, 2005, p. 18), há o devir-imperceptível do tempo fazendo alianças inusitadas, simbioses de heterogêneos. O tempo na sua duração significa invenção, criação de formas, elaboração contínua do absolutamente novo.

Amiúde, para quem se instala no devir, a duração aparece como a própria vida das coisas, como a realidade fundamental (BERGSON, 2005, p. 343), onde o tempo é um sentido, como a visão ou o paladar: em que uma sequência de episódios pode ser rápida ou lenta, branda ou intensa, salgada ou doce, motivada ou sem motivo, ordenada ou aleatória. E será que o tempo realmente existiria fora da percepção humana? Quem pode dizer que um evento acontece rápido ou devagar, com ou sem motivo, no passado ou no futuro? Quem pode dizer que os eventos realmente acontecem?

Abandono, por ora, os equipamentos que fui artesanalmente utilizando para garimpar. Deixo-os em uma distância consideravelmente boa, nem tão próximos a ponto de me saturar de tanto vê-los, nem tão longe, para não os perder de vista. Preciso, agora (no instante em que estou a escrever), de um bocadinho de tempo para digerir tudo o que li e escrevi sobre o tempo, raspar o que ainda está grudado na pele, e que problematizei como necessário desnaturalizar: o pensamento que julga, que analisa, que sistematiza e que ignora as inúmeras surpresas que podemos provar, diante das ideias que nos surgem como rumores, dissolver esse modo de existência que desqualifica o informe, o imprevisto, o incerto, o instável e o incalculável da vida.

REFERÊNCIAS

ALLIEZ, Éric. Sobre o bergsonismo de Deleuze. In: ALLIEZ, Éric. **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. [tradução Ana Lúcia de Oliveira]. São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 245-266.

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho**. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2009.

BARRETO, Márcio. **O anacronismo do tempo: um debate atual sobre Einstein e Bergson**. 2007. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2007.

BERGSON, Henri. **O pensamento e o movente** (Introdução). Traduzido por Franklin Leopoldo e Silva. São Paulo: Nova Cultural, 1934, p. 149-224

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. [tradução: Bento Prado Neto]. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. 4ª ed. [tradução Paulo Neves]. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

BÍBLIA, A. T. Eclesiastes. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada: contendo o antigo e o novo testamento**. [tradução de João Ferreira de Almeida]. Rio de Janeiro: Sociedade Bíblica do Brasil, 1966.

DALMASO, Alice Copetti; SANGOI, Deisi. Produções do invisível: considerações sobre o tempo e a formação de professores Educação. **Revista do Centro de Educação**, vol. 38, núm. 1, janeiro-abril, 2013, p. 165-176.

DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. [tradução de Luiz Roberto Salinas Fortes]. São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

DELEUZE, Gilles. **O Abecedário de Gilles Deleuze**. Realização de Pierre André Boutang, produzido pelas Éditions Montparnasse, Paris. No Brasil, foi divulgado pela TV Escola, Ministério da Educação. Tradução e Legendas: Raccord [commodificações]. A série de entrevistas, feita por Claire Parnet, foi filmada nos anos 1988-1989.

DELEUZE, Gilles. A vida como obra de arte. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. [tradução Peter Pál Pelbart]. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 118-126.

DELEUZE, Gilles. **Bergsonismo**. 1ª ed. [tradução Luiz B. L. Orlandi]. São Paulo: Ed. 34, 1999.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. [tradução de Eloisa de Araújo Ribeiro]. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição**. 2ª ed. [tradução de Luis B. L. Orlandi e Roberto Machado]. Rio de Janeiro: Graal, 2006a.

DELEUZE, Gilles. **A Ilha deserta**: e outros textos. 2ª reimp. [ed. Preparada por David Lapoujade; org. Luiz B. L. Orlandi]. São Paulo: Iluminuras, 2006b.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. 2ª ed. [tradução Antônio Carlos Piquet e Roberto Machado]. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

DELEUZE, Gilles. Para dar um fim ao juízo. In: **Crítica e clínica**. [tradução de Peter Pál Pelbart]. São Paulo: Editora 34. 2011, p. 162 - 174.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 1. 2ª ed. [tradução de Luiz B. L. Orlandi]. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs. **Capitalismo e Esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo: Editora 34, 2012.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do Tempo**: história da arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

FONTEBASSO, Maria Rosa. **A aprendizagem na educação de jovens e adultos: o tempo fora dos eixos.** 2002. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

GONTIJO, Pedro Erginaldo. **Nos caminhos de uma educação por vir: ressonâncias e deslocamentos em Deleuze.** 2008. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2008.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso; PEREIRA, Juliana Cristina. Os ambientes da imagem: pedagogias em foco. **Educação: Porto Alegre.** v. 38, n. 1, p. 70-76, jan.-abr, 2015.

HAWKING, Stephen. **Uma breve história do tempo.** [tradução Cássio de Arantes Leite]. 1ª ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.

HENRIQUES, Fernando Meireles Monegalha. **O atual e o virtual em Deleuze e Bergson.** 2016. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2016.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educação.** Reflexão e Ação, Santa Cruz do Sul, v.19, n2, jul./dez. 2011.

LEVY, Tatiana Salem. **A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

LIGHTMAN, Alan. **Sonhos de Einstein.** São Paulo: Companhia de Bolso, 2014.

LINS, Daniel. Mangué's school ou por uma pedagogia rizomática. **Educação e Sociedade,** Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1229-1256, set./dez., 2005.

MASSCHELEIN, Jan. **Em defesa da escola: uma questão pública.** 2ª ed. [tradução Cristina Antunes]. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MARTINS, Márcio André Rodrigues. **Projeto Civitas: (multi)(pli)cidades e as intervenções do tempo na sala de aula.** 2009. Tese (Doutorado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

MOSSI, Cristian Poletti. **Um corpo-sem-órgãos:** quem a pesquisa [em educação] pensa que é. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2017.

MOSSI, Cristian Poletti; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Variações em torno das pesquisas em educação e arte com imagens **Leitura:** Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, v 124 . 36, n. 72, p. 115-131, 2018.

NEUSCHARANK, Angélica. **Uma docência pela garimpagem:** encontros com signos. 2015. 77 f. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

NEUSCHARANK, Angélica; OLIVEIRA, Marilda Oliveira de. Encontros com signos: possibilidades para pensar a aprendizagem no contexto da educação. **Revista Educação** – UFSM, Santa Maria, 2018.

NEUSCHARANK, Angélica; DALMASO, Alice Copetti; OLIVEIRA, Marilda Oliveira De. Agenciamento cartografia-garimpagem: um modo de produzir pesquisa em educação. **Educação** – PUC, Porto Alegre, 2019.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A gaia ciência:** texto integral / São Paulo, SP: Martin Claret, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim falou Zaratustra.** Petrópolis: Ed. Vozes, 2011.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil:** um manifesto. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

PELBART, Peter Pál. O tempo não-reconciliado. In: ALLIEZ, Éric (Org.). **Gilles Deleuze:** uma vida filosófica. São Paulo: Ed. 34, 2000, p. 85-97.

PELBART, Peter Pál. **O tempo não-reconciliado.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade.** Porto Alegre: Sulina: Editora da UFRGS, 2010.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido:** No caminho de Swann. Vol. 1. São Paulo: Globo, 2006a.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: À sombra das raparigas em flor.** Vol. 2. São Paulo: Globo, 2006b.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: Sodoma e Gomorra.** Vol. 4. São Paulo: Globo, 2008.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: A prisioneira.** Vol. 5. São Paulo: Globo, 2011.

PROUST, Marcel. **Em busca do tempo perdido: O tempo redescoberto.** Vol. 7. São Paulo: Globo, 2013.

PIZZARO, Angelica de Britto Pereira. **Hábito, memória e acontecimento: o problema do tempo em Deleuze.** 2012. Tese (Doutorado em Filosofia), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

RIBEIRO, Guilherme Almeida. **O tempo estratigráfico dos sistemas filosóficos: Deleuze e a História da Filosofia.** 2015. Tese (Doutorado em Filosofia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

RIBETTO, Anelice. 2009. Experimentar a pesquisa em educação e ensaiar a sua escrita. Tese (Doutorado em Educação), UERJ, Rio de Janeiro, 2009.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreição: notas para uma vida não cafetinada.** São Paulo: n-1 edições, 2018.

SGOBIN, A. Naus Deleuzianas: em busca de práticas-de-aula-que-se-querem-rizoma. In: GALLO, S.; NOVAES, M.; GUARIENTI, L. B. O. **Conexões: Deleuze e política e resistência e...** 1ª ed. Petrópolis, RJ: De Petrus et Alii; Campinas, SP: ALB; Brasília, DF: CAPES, 2013

UNO, Kuniichi. **A gênese de um corpo desconhecido.** [tradução Christine Greiner com a colaboração de Ernesto Filho e Fernanda Raquel]. 2ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2012.

VEIGA-NETO, A., 2003. Currículo, cultura e sociedade. **Educação Unisinos**, vol. 5, nº 9, jul/dez, 2004, p. 157-171.

ZOURABICHVILI, François. **O vocabulário de Deleuze.** [tradução André Telles]. Rio de Janeiro: Sinergia – Relume Dumará, 2004.

